

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**Matheus Tamaino Brum**

**Entre as canetas:**

A figura do treinador de futebol brasileiro nas primeiras Copas do Mundo (1930-1970)

**Juiz de Fora**  
**2025**

**Entre as canetas:**

A figura do treinador de futebol brasileiro nas primeiras Copas do Mundo (1930-70)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Redes, Linguagens, Memórias

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Brum, Matheus Tamaino.

Entre as canetas: : A figura do treinador de futebol brasileiro nas primeiras Copas do Mundo (1930-70) / Matheus Tamaino Brum. -- 2025.

138 f.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2025.

1. jornalismo. 2. jornalismo esportivo. 3. treinador de futebol. 4. copa do mundo. 5. seleção brasileira. I. Musse, Christina Ferraz, orient. II. Título.

**Matheus Tamaino Brum**

**Entre as canetas:** A figura do treinador de futebol brasileiro nas primeiras Copas do Mundo (1930-1970)

Dissertação  
apresentada  
ao Programa de Pós -  
Graduação em  
Comunicação  
da Universidade  
Federal de Juiz de  
Fora como requisito  
parcial à obtenção do  
título de Mestre em  
Comunicação. Área  
de concentração:  
Comunicação e  
Sociedade.

Aprovada em 26 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina Ferraz Musse** - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iluska Maria da Silva Coutinho**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Álvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo**  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 18/03/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 26/03/2025, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Iluska Maria da Silva Coutinho, Professor(a)**, em 18/06/2025, às 19:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Álvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo, Usuário Externo**, em 24/06/2025, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2300086** e o código CRC **B16DA42C**.

## AGRADECIMENTOS

Nesta correria da vida, dos tempos modernos e do neoliberalismo que cada vez mais aprofunda nossas diferenças sociais, uma palavra da moda é “resiliência”. Confesso que é um termo que me dá ojeriza, por muitas vezes significar que temos que aceitar condições desumanas em prol de trabalho e renda. No entanto, certa vez, conversando sobre isso com meu amigo Gustavo Varela, em tom sarcástico, ele disse: “Você precisa ter resiliência com a palavra resiliência”.

Resiliência com certeza é a palavra que resume os três anos neste programa de Pós-Graduação. Não só minha, mas também da minha orientadora - que hoje posso chamar de amiga - Professora Christina Musse.

Chegar à conclusão deste trabalho me faz rememorar outubro de 2021, quando retornei a Juiz de Fora, após quatro anos de aventuras profissionais no Espírito Santo, e decidi me inscrever no Mestrado. Sem bagagem acadêmica, sem nunca ter feito bolsa de pesquisa, sem nada. Como diz o meme, com “apenas um sonho”.

E esse sonho foi sonhado por muita gente. Mas, em especial, pela Blenda Viana, que, durante seis anos, foi minha companheira e minha inspiradora, e que me ajudou a montar um projeto de pesquisa, pois nem isso sabia fazer. E também ao Talison Vardiero e ao Philippe Cunha, que também foram fundamentais para que conseguisse entregar um projeto adequado ao processo seletivo.

Naquela época, ao ver toda a saga da Blenda, na área de Arquitetura e Urbanismo, para conseguir o título de Mestre, impus a mim mesmo uma certeza: o trabalho que iria apresentar seria o meu, com o tema que eu acredito e domino. Ela, na época, tentou me demover da ideia, dizendo que muitas vezes o(a) orientador(a) tem muita interferência no trabalho. Mas, como disse à ela na época, provaria o que era possível.

Hoje, posso dizer que concluí meu objetivo. Christina foi uma orientadora que me deixou 100% livre para escolher meu tema e a forma de pesquisar. Tal qual uma treinadora, me deu liberdade para flutuar em campo, com a bola no pé e decidir o jogo. Me orientou, tal qual os grandes mestres da bola, nos meus pontos fracos: a parte teórica e a metodologia. Christina, na minha vida, está tal qual Jorge Jesus está para o rubro-negros (como eu).

Por fim, mas não menos importante, agradecer a todos os professores do PPGCom, a toda a Universidade Federal de Juiz de Fora, que, como gestores de um time de futebol, sempre me deram as condições para estudar, me formar e entregar esse trabalho.

Agradeço também aos meus pais, Rita e Brum, que, das arquibancadas, torceram e acreditaram. Às minhas avós, Saly e Vizinha, que, lá do céu, me abençoam com sua proteção, e que nada seria, a minha formação, sem elas.

Agradeço aos meus amigos e amigas, que, como companheiros de time, me apoiaram, deram forças e ajudaram nos momentos de dificuldade.

Agradeço à Raíssa, minha companheira em grande parte do mestrado, que nunca me deixou desistir, e tal qual as grandes duplas de ataque da história do futebol, me complementou, me estimulando a terminar esse trabalho.

E agradeço também ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que como grande dirigente, me permitiu, lá atrás, sonhar, estudar e, hoje, ter orgulho de dizer que um menino de escola pública pode, orgulhosamente, erguer mais um diploma.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ora, meu caro, diga lá que o football é constitucional (Autor desconhecido)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar como os treinadores de futebol da Seleção Brasileira eram retratados nas primeiras Copas do Mundo (1930/1970) pelas páginas do jornal *O Globo*. Utilizando da análise de conteúdo de Bardin (2011), o trabalho categoriza as menções aos treinadores em positivas, neutras e negativas, como forma de ajudar a entender como se forma, no imaginário popular, a figura destes treinadores. O objetivo é identificar se ao longo do tempo há uma evolução na menção aos treinadores, seja na quantidade de vezes que eles aparecem nos jornais, seja na forma como são descritos nas reportagens do jornal carioca. Para deixar a análise mais concisa, foram analisadas as edições de véspera e pós-estreia, além das edições da véspera e do dia seguinte à última partida da Seleção Brasileira nas Copas. O trabalho mostra que a imagem do treinador se modifica ao longo dos 40 anos, mas sem transformá-lo em protagonistas do jogo, papel que seguiu sendo dos jogadores.

Palavras-chave: jornalismo esportivo; treinador de futebol; imprensa; comunicação; jornal *O Globo*

## ABSTRACT

This work aims to show how the Brazilian team's football coaches were portrayed in the first World Cups (1930/1970) in the pages of the newspaper O Globo. Using content analysis by Bardin (2011), the work categorizes mentions of coaches into positive, neutral and negative, as a way of helping to understand how the figure of these coaches is formed in the popular imagination. The objective is to identify whether over time there is an evolution in the mention of coaches, whether in the number of times they appear in the newspapers or in the way they are described in reports in the Rio newspaper. To make the analysis more concise, the eve and post-premiere editions were analyzed, in addition to the editions from the day before and the day after the Brazilian team's last match in the World Cups. The work shows that the image of the coach changes over the 40 years, but without transforming them into protagonists of the game, a role that continued to belong to the players.

Keywords: sports journalism; football coach; press; communication; newspaper O Globo

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Jogadores brasileiros na estreia da Copa do Mundo de 1930, sem a presença, ou menção, ao treinador -----	31
Imagem 2 - Crônica esportiva em 1930 -----	33
Imagem 3 - Matéria da capa de O Globo na véspera da estreia brasileira na Copa de 1934 -	37
Imagem 4 - Forma como a crônica de uma partida era escrita em 1934 -----	40
Imagem 5 - Manchete do jornal O Globo reclamando da arbitragem -----	49
Imagem 6 - Crônica do jogo contra a Suécia mostra que Leônidas se machucou, saiu e voltou ao jogo -----	50
Imagem 7 - Destaque para os treinadores na edição de abertura da Copa de 1950 -----	56
Imagem 8 - Em 1950, a crônica do jogo passa a ser em texto corrido - -----	58
Imagem 9 - Após a derrota, Flávio Costa concedeu entrevista ao O Globo -----	65
Imagem 10 - Editorial de O Globo mostra a importância da Copa do Mundo para o país —	69
Imagem 11 - Zezé Moreira é destaque de O Globo no dia anterior as quartas de final de 1954 -----	73
Imagem 12 - Vicente Feola é elogiado na edição de O Globo da véspera da final de 1958 –	80
Imagem 13 - Vicente Feola (primeiro da esquerda para direita) e o elenco campeão de 1958 - -----	82
Imagem 14 - Uma das poucas menções a Aymoré Moreira ao longo da cobertura de O Globo -----	90
Imagem 15 - Política e futebol se misturam: ditador Castello Branco deseja sorte e ao lado, Rainha Elizabeth II na abertura da Copa do Mundo, na Inglaterra -----	94
Imagem 16 - Críticas da torcida a Vicente Feola -----	97
Imagem 17 - Expectativa da Ditadura Militar Brasileira era pela vitória no México -----	104
Imagem 18 - Mãe de Zagallo mostra como que o trabalho do técnico era julgado pelos torcedores -----	106
Imagem 19 - Zagallo sendo destaque em uma reportagem: foi o treinador que mais teve a atuação analisada pelo O Globo no comparativo deste trabalho -----	108

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Referências ao treinador Píndaro de Carvalho na Copa do Mundo de 1930 -	35
Tabela 2 - Termos usados para se referir ao treinador Píndaro de Carvalho na Copa do Mundo de 1930	36
Tabela 3 - Referências ao treinador Luis Vinhaes na Copa do Mundo de 1934	41
Tabela 4 - Termos usados para se referir ao treinador Luis Vinhaes na Copa do Mundo de 1934	41
Tabela 5 - Referências gerais ao treinador Adhemar Pimenta na Copa do Mundo de 1938	52
Tabela 6 - Referências ao treinador Adhemar Pimenta nos subtítulos do jornal O Globo na Copa do Mundo de 1938	52
Tabela 7 - Termos usados para se referir ao treinador Adhemar Pimenta na Copa do Mundo de 1938	52
Tabela 8 - Menções a Flávio Costa nas edições de O Globo na Copa de 1950	66
Tabela 9 - Menções a Flávio Costa nas manchetes de O Globo na Copa de 1950	66
Tabela 10 - Menções a Flávio Costa nos subtítulos de O Globo na Copa de 1950	66
Tabela 11 - Imagens em que Flávio Costa aparece nas edições de O Globo na Copa de 1950	67
Tabela 12 - Vezes que Flávio Costa é citado na legenda das imagens de O Globo na Copa de 1950	67
Tabela 13 - Termos usados para se referir ao treinador Flávio Costa na Copa do Mundo de 1950	67
Tabela 14 - Menções a Zezé Moreira nas edições de O Globo na Copa de 1954	75
Tabela 15 - Menções a Zezé Moreira nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1954	76
Tabela 16 - Menções a Zezé Moreira nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1954	76
Tabela 17 - Imagens em que aparecerem Zezé Moreira nas edições de O Globo na Copa de 1954	76
Tabela 18 - Vezes em que Zezé Moreira é citado nas legendas das fotos nas edições de O Globo na Copa de 1954	77
Tabela 19 - Termos usados para se referir ao treinador Zezé Moreira na Copa do Mundo de 1954	77
Tabela 20 - Menções a Vicente Feola nas edições de O Globo na Copa de 1958	83

Tabela 21 - Menções a Vicente Feola nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1958 -----	84
Tabela 22 - Menções a Vicente Feola nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1958 -----	84
Tabela 23 - Número de vezes em que a imagem de Vicente Feola aparece nas edições de O Globo na Copa de 1958 -----	84
Tabela 24 - Vezes que a Vicente Feola é citado na legenda das imagens nas edições de O Globo na Copa de 1958 -----	84
Tabela 25 - Termos usados para se referir ao treinador Vicente Feola na Copa do Mundo de 1958 -----	85
Tabela 26 - Menções a Aymoré Moreira nas edições de O Globo na Copa de 1962 -----	91
Tabela 27 - Menções a Aymoré Moreira nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1962 -----	91
Tabela 28 - Menções a Aymoré Moreira nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1962 -----	91
Tabela 29 - Vezes que a imagem de Aymoré Moreira aparece nas edições de O Globo na Copa de 1962 -----	92
Tabela 30 - Vezes que Aymoré Moreira é citado na legenda das imagens nas edições de O Globo na Copa de 1962 -----	92
Tabela 31 - Termos usados para se referir ao treinador Aymoré Moreira na Copa do Mundo de 1962 -----	92
Tabela 32 - Menções a Vicente Feola nas edições de O Globo na Copa de 1966 -----	98
Tabela 33 - Menções a Vicente Feola nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1966 -----	98
Tabela 34 - Menções a Vicente Feola nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1966 -----	99
Tabela 35 - Vezes que a imagem de Vicente Feola aparece nas edições de O Globo na Copa de 1966 -----	99
Tabela 36 - Vezes que a Vicente Feola é citado na legenda das fotos nas edições de O Globo na Copa de 1966 -----	99
Tabela 37 - Termos usados para se referir ao treinador Vicente Feola na Copa do Mundo de 1966 -----	100
Tabela 38 - Menções a Zagallo nas edições de O Globo na Copa de 1970 -----	109
Tabela 39 - Menções a Zagallo nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1970 -	110

Tabela 40 - Menções a Zagallo nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1970 -	110
Tabela 41 - Vezes que a imagem de Zagallo aparece nas edições de O Globo na Copa de 1970	110
Tabela 42 - Vezes que Zagallo é citado na legenda das imagens das edições de O Globo na Copa de 1970	110
Tabela 43 - Termos usados para se referir ao treinador Mário Jorge Lobo Zagallo, em 1970 -	111
Tabela 44 - Quantidade de menções aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo	115
Tabela 45 - Quantidade de menções positivas aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo	117
Tabela 46 - Quantidade de menções negativas aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo	118
Tabela 47 - Percentual de menções aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo	119
Tabela 48 - Quantidade de menções em destaque aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo	120
Tabela 49 - Percentual de menções em destaque, em relação ao todo, dos treinadores brasileiros em Copas	120
Tabela 50 - Percentual de menções dos treinadores brasileiros em Copas	121
Tabela 51 - Tabela com os termos mais usados para se referir aos treinadores brasileiros em Copas	122

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Menções aos treinadores da Seleção Brasileira -----	125
Gráfico 2 - Menções positivas x menções negativas -----	126

## SUMÁRIO

<b>1 PRELEÇÃO: INTRODUÇÃO AO JOGO</b>	<b>14</b>
<b>2 PRIMEIRO TEMPO</b>	<b>19</b>
2.1 A CHEGADA AO BRASIL	
2.2 A IMPRENSA E O FUTEBOL	
2.3 A SELEÇÃO BRASILEIRA E A COPA DO MUNDO	28
<b>3 INTERVALO: ANÁLISE DAS COPAS DO MUNDO</b>	<b>32</b>
3.1 PÍNDARO DE CARVALHO NA COPA DO MUNDO DE 1930	33
3.2 LUIS VINHAES NA COPA DO MUNDO DE 1934	39
3.3 ADHEMAR PIMENTA NA COPA DO MUNDO DE 1938	45
3.4 FLAVIO COSTA NA COPA DO MUNDO DE 1950	57
3.5 ZEZÉ MOREIRA NA COPA DO MUNDO DE 1954	71
3.6 VICENTE FEOLA NA COPA DO MUNDO DE 1958	81
3.7 AYMORÉ MOREIRA NA COPA DO MUNDO DE 1962	89
3.8 VICENTE FEOLA NA COPA DO MUNDO DE 1966	96
3.9 ZAGALLO NA COPA DO MUNDO DE 1970	104
<b>4 SEGUNDO TEMPO: METODOLOGIA PARA VENCER O JOGO</b>	<b>115</b>
<b>5 PÓS-JOGO: CONSIDERAÇÕES FINAIS DO JOGO</b>	<b>130</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b>	<b>133</b>

## 1 PRELEÇÃO: INTRODUÇÃO AO JOGO

Abra um site de notícias esportivas; ligue a televisão em uma partida de futebol ou programa de bate-bola; ouça um podcast sobre o futebol; assista a um vídeo sobre futebol nas redes sociais; abra o jornal na edição esportiva; ouça um programa de esportes no rádio. Se consumir algum conteúdo esportivo, tenho certeza, que verá alguma menção ou análise destinada a um treinador de futebol.

Isso não é um achismo. É um fato. Atualmente, o treinador de futebol tem muito espaço na mídia. Jornalistas esportivos, atualmente, fazem diversos cursos sobre análise tática, metodologia e outros aspectos ligados ao jogo. E quem são as referências na condução desses cursos? Os treinadores. Eu mesmo fui um, que fiz cursos sobre futebol com nomes renomados do futebol, como Ricardo Drubscky, Jair Ventura, entre outros.

Ao analisarmos os grandes times da história, temos: Santos de Pelé, Flamengo de Zico, Vasco de Roberto Dinamite, Corinthians de Rivelino, Botafogo de Garrincha, entre outros. No plano internacional, também: Barcelona de Messi, PSG de Mbappé, Milan de Kaká, Inter de Adriano, Holanda de Cruyff, Argentina de Maradona, França de Zidane, entre outros diversos exemplos.

No entanto, também temos: Flamengo de Jorge Jesus, Palmeiras de Abel Ferreira, Barcelona de Pep Guardiola, Liverpool de Jurgen Klopp, São Paulo de Telê Santana, Atlético-MG de Cuca....

Ou seja, ao longo da história, também tivemos treinadores que se tornaram protagonistas. E é através deles, que lembramos de determinados times que marcaram a história.

É justamente através desta reflexão, que comecei a matutar este projeto de pesquisa. Entre os anos de 2020 e 2022, no auge da pandemia de Covid-19, comecei um trabalho, nas redes sociais, de análise de futebol. O nome do projeto era *Tática Didática*. A ideia, como o próprio nome diz, era analisar futebol, dentro dos aspectos táticos, mas de forma simples, que ajudasse as pessoas a entender o jogo.

Comecei a estudar, fazer cursos e ter uma rede de contatos com treinadores de futebol. E, quando analisava, percebia que meu foco era majoritariamente nos técnicos. A forma como escalava a equipe, o jeito que distribuía o time em campo, as substituições, a forma de jogar. Tudo era condicionado ao treinador e ao trabalho que realizava naquela equipe.

No entanto, ao longo das análises, comecei também a matutar: ora, quem é mais importante, quem monta o time, ou quem decide o jogo? Ou seja, até que ponto o treinador tem tanta influência dentro do resultado do campo?

Em outras palavras: o Flamengo seria multicampeão sem o Jorge Jesus? O Palmeiras empilharia títulos sem Abel Ferreira? O Barcelona entraria para a história sem Pep Guardiola? Difícil responder isso, mas tenho certeza que você pensou o mesmo que eu: olha... é possível que esses times tivessem sucesso, uma vez que os jogadores de cada elenco eram muito bons.

Agora, vamos refletir: o Santos seria o Santos sem Pelé? O Botafogo teria uma história gloriosa sem Garrincha? O Barcelona seria o mesmo sem o Messi? O Flamengo seria tão popular sem Zico? O Vasco teria momentos de glória sem Roberto Dinamite? Aposto que você também pensou o mesmo que eu: esses times teriam conquistas, mas seria muito mais difícil sem esses craques do jogo.

Pois é... é exatamente nesta dicotomia que esse trabalho nasce: afinal de contas, o treinador de futebol é tão importante assim? Merece tanto destaque? Não estou aqui para responder a essas perguntas, que são objetos de análise de pesquisadores na área de educação física e afins. O meu desejo é entender o interesse da imprensa em cima da figura do treinador de futebol.

Esse interesse é recente? É uma construção ao longo do tempo? Depende do treinador? É uma construção cíclica, com momentos de altos e baixos interesses? Essas eram algumas das caraminholas, que estavam na minha cabeça lá atrás, nos idos de 2021, quando comecei a formular o projeto de pesquisa.

Para ajudar a responder essas perguntas, decidi recorrer à História. Ou seja, analisar o processo de construção da imagem do treinador de futebol. Assim, consigo eliminar algumas dúvidas e construir algumas certezas. Estudar a construção do técnico nas páginas da imprensa esportiva é fundamental para compreender o por quê de tanto foco no trabalho deste personagem importante, e cada vez mais central do jogo.

Por questões de tempo de pesquisa e do que se pede em um Mestrado, não fui a fundo, desde a chegada oficial do futebol no Brasil, com Charles Miller, na última década do século XIX. Decidi me concentrar naquela que é a competição mais importante do esporte: a Copa do Mundo. Afinal de contas, em cada edição, há heróis e vilões.

Todo torcedor apaixonado sabe o nome dos jogadores que levaram o Brasil a ser campeão do mundo: Pelé, Didi, Gilmar, Garrincha, Zagallo, Carlos Alberto Torres, Rivelino,

Tostão, Jairzinho, Romário, Bebeto, Taffarel, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho, Marcos, Cafu, Roberto Carlos e outros atletas que estão no panteão do futebol brasileiro.

Mas, será que todo mundo se lembra dos treinadores que conquistaram as Copas? Talvez Zagallo, em 1970, Parreira, em 1994, e Felipão, em 2022, possam ser os mais lembrados. Mas, quem conhece Vicente Feola? Aymoré Moreira? Pois é... esses foram os técnicos das primeiras conquistas brasileiras, em 1958 e 1962, respectivamente.

Quando puxamos na memória, lembramos de Preguinho, eternizado como o primeiro jogador brasileiro a marcar em uma Copa do Mundo, em 1930. Porém, você conhece Píndaro de Carvalho? Ele era o treinador de Preguinho e que comandou o time naquele primeiro mundial, em terras uruguaias.

Esses lapsos entre os treinadores que são lembrados e esquecidos pela História, me encucaram também. Qual o motivo para um ser lembrado e outro não? Será que, nos primórdios, os jogadores eram mais importantes? Isso, por si só, explica essa diferença?

Para fazer a análise, escolhemos o jornal *O Globo*, por alguns motivos. O primeiro é a facilidade para encontrar o acervo, que é digital e de fácil manipulação. O segundo é porque *O Globo* existe desde antes da criação da Copa do Mundo, o que possibilita um comparativo entre as edições. O terceiro é que se trata de um dos maiores jornais do país, com grande relevância social. E o quarto é que *O Globo* é do Rio de Janeiro. Isso é importante para analisar as primeiras Copas do Mundo, já que, em 1930 e 1934, um conflito entre os dirigentes cariocas e paulistas levaram à que os jogadores de São Paulo não fossem convocados. Com isso, o interesse pela disputa em terras paulistas diminuiu, levando consequentemente a um menor destaque nos jornais.

A ideia inicial era analisar as 22 edições de Copas do Mundo. No entanto, em conversa com minha orientadora, e com os outros professores, que participaram da minha banca de qualificação, ficou decidido que seria uma análise muito longa e muito profunda para o tempo que temos disponíveis para a conclusão do Mestrado. Além disso, como pontuou, à época, o professor Francisco Brinati, há análises robustas sobre o papel do treinador de futebol nas Copas mais recentes.

No entanto, Brinati deu a assistência de um camisa 10: disse que havia poucas análises sobre o papel do treinador, nos primórdios das Copas do Mundo. Essa lacuna pode ser explicada pela suposta falta de interesse com os primeiros mundiais. Nos idos de 1930, com o mundo à beira de uma nova implosão, que resultaria na Segunda Guerra Mundial, o futebol brasileiro estava em crise.

Ainda se debatia o racismo no esporte, já que a década de 1920 foi marcada por movimentos de equipes - como o Vasco da Gama - a favor da presença de negros no futebol. No começo dos anos 1930, veio o debate sobre a profissionalização do futebol, que era algo defendido para dar mais condições financeiras aos atletas. E, além disso, havia o interesse de começar a pensar o futebol em algo nacional, com o controle do esporte sendo feito através de federações e confederações.

Esse movimento levou a um racha - como explicaremos no primeiro capítulo - entre os dirigentes do Rio de Janeiro e de São Paulo. E isso impactou diretamente a seleção brasileira, que começava a ter sua identidade sendo formada. Na queda de braço, venceu o Rio de Janeiro. No entanto, São Paulo retaliou, não deixando que jogadores, que atuassem no estado, participassem das primeiras Copas do Mundo.

Isso levou a uma seleção esvaziada dos principais jogadores, em 1930 e 1934, que explica o porquê de serem as piores participações do Brasil em Mundiais. A partir de 1938, os dois principais estados do país se acertaram, fazendo com que o Brasil fosse representado com força máxima. Na quarta edição, após a paz, o Brasil fatura o primeiro dos cinco mundiais.

Portanto, esse trabalho é uma linha do tempo. No próximo capítulo, vamos apresentar o começo do futebol e o início da imprensa esportiva. No capítulo seguinte, entramos nas análises dos mundiais, com foco nas menções e na forma como os treinadores de cada time aparecem nas páginas de *O Globo*. Por fim, a análise metodológica e os resultados deste trabalho, que podem lhe surpreender.

Ah, mas antes de terminar, é importante ressaltar um ponto: pelas limitações do tempo para a conclusão deste trabalho, optamos, em conjunto, em analisar edições específicas dos jornais:

- A anterior à estreia do Brasil na Copa;
- A posterior à estreia do Brasil na Copa;
- A anterior ao último jogo do Brasil na Copa;
- A posterior ao último jogo do Brasil na Copa.

Assim, temos a possibilidade de entender como os repórteres e redatores de *O Globo* mencionavam os treinadores. Havia pessimismo, otimismo, neutralidade? Os resultados interferiram na forma como os técnicos eram vistos? Havia mudança nas menções antes e após os jogos?

Para deixar a análise mais focada no jornalismo, optamos também em analisar apenas as reportagens de *O Globo*. Deixamos de lado as colunas, por, muitas vezes, serem escritas

por não-jornalistas e expressar opiniões pessoais. É óbvio que, ao analisar o todo, elas fazem diferença. Mas, para o objeto deste trabalho, que é a análise do jornalismo, optamos por analisar as reportagens.

E, claro, também contextualizamos a Copa do Mundo e os assuntos aos quais o jornal dava destaque. Isso é fundamental para que se possa entender a importância do torneio para o brasileiro e como isso pode ajudar a entender porque alguns técnicos entram para a história, de forma positiva ou negativa, e outros são simplesmente esquecidos pela história.

Como em uma partida de futebol, a preleção acabou. As orientações para os jogadores foram passadas. Agora, é hora do campo e bola. O apito soou e o jogo começou.

## 2 PRIMEIRO TEMPO

Em 2023, a Fifa (Federação Internacional de Futebol Associado), órgão máximo do futebol no mundo, divulgou que 1,5 bilhão de pessoas<sup>1</sup>, ao redor do planeta, assistiram a final da Copa do Mundo de 2022, em que a Argentina se sagrou tricampeã mundial ao bater a França nos pênaltis.

Isso mostra a potência que o futebol tem na nossa sociedade atual. Além do número bilionário de pessoas que assistem ao esporte, o futebol é uma máquina econômica. A Fifa, em 2022, divulgou que o esporte movimentou 286 milhões de dólares<sup>2</sup>. Um valor superior ao Produto Interno Bruto (PIB) de diversos países desenvolvidos, como a Finlândia.

Esses são alguns exemplos, com base em estatísticas, que mostram a importância do futebol nos dias atuais, inclusive como tema deste trabalho. No entanto, não se pode começar uma dissertação com a temática do futebol sem remontar como que essa “máquina” econômica e de popularidade começou. Esse contexto é necessário para entender o porquê da escolha das Copas do Mundo como objeto central do trabalho.

A história que estamos acostumados a ouvir, e é relatado em diversos trabalhos, é da criação do futebol na Inglaterra no século XIX. E a partir daí, o esporte passa a ser praticado por operários das fábricas inglesas, em pleno auge da Revolução Industrial.

No entanto, para Junior (2007), essa seria a criação do “futebol moderno”, que foi evoluindo para chegar ao que temos atualmente em termos de regras e de consumo. Ele relata que há diversas lendas sobre a origem do futebol no mundo.

Na Grécia clássica, o *epyskiros*, jogado pelo menos desde o século IV a.C. em campo retangular, entre dois grupos de nove ou de quinze participantes,

---

<sup>1</sup> Mais detalhes podem ser lidos nesta reportagem: [https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/\\_/id/11497424/fifa-divulga-1-5-bilhao-pessoas-redor-do-mundo-assistiram-final-copa-do-mundo](https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/_/id/11497424/fifa-divulga-1-5-bilhao-pessoas-redor-do-mundo-assistiram-final-copa-do-mundo).

<sup>2</sup> Mais detalhes podem ser lidos nesta reportagem: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/09/27/futebol-movimenta-o-equivalente-ao-pib-da-finlandia-diz-presidente-da-fifa.ghtml>

que deviam introduzir em determinado espaço a bola recheada de ar e areia. Dessa prática grega surgiu em Roma, talvez no século III a.C., o *harpastum*, destinado inicialmente a aperfeiçoar os soldados na sua capacidade atlética (exercício físico proporcionado pelo próprio ato de jogar) e tática (senso de posicionamento nas três linhas, defensiva, intermediária e de ataque). Com o tempo esse jogo ultrapassou sua origem militar e tornou-se bastante popular a partir do século I, sem perder seu caráter de batalha simulada (Júnior, 2007, p. 16)

Mesmo com a chegada da Idade Média, esportes com bola passaram a ser registrados em alguns países europeus. Júnior (2007) relata que na Itália, no século XIV, passou a ser praticado um jogo com bola chamado de *Calcio*<sup>3</sup>. O esporte tinha características próximas do futebol de hoje: Duas equipes, uniformes para cada um dos times, árbitros, livro de regras, distribuição espacial dos jogadores, campos com dimensões de 100/45 metros e bola próxima ao que temos atualmente. A maior diferença era em relação ao número de jogadores: 27 em cada lado.

Na Inglaterra – considerada o berço do futebol – há registros de jogos com bola também no século XIV. Inclusive, segundo Júnior (2007), o rei Eduardo III chegou a proibir esses jogos, alegando que afastava as pessoas de práticas consideradas mais nobres na sociedade britânica.

Mas, o impeditivo real apenas adiou o fortalecimento do futebol em terras britânicas. Cinco séculos depois, o esporte passou a virar febre na Inglaterra. E aí, você pode se perguntar: por que lá? Uma vez que havia uma série de registros de práticas próximas ao futebol em outros países. Bom, a explicação é que a Terra da Rainha – ou do Rei, a depender de quem está no trono – possuía características únicas para o desenvolvimento do futebol.

Não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial e do futebol. Os dois fenômenos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras (Júnior, 2007, p. 25).

O desenvolvimento do futebol estava atrelado ao aumento no vigor físico e rapidez de raciocínio. Ou seja, tudo que o então incipiente capitalismo valorizava: pessoas fortes, com pensamento rápido para produzir mais e mais. Com esse objetivo, o *foot-ball* – grafia inglesa – foi inserido na grade curricular das escolas privadas e até das Universidades de Oxford e Cambridge, relata Júnior (2007). O sucesso foi tão grande que o jornal inglês *The Field*

---

<sup>3</sup> Até hoje, o Campeonato Italiano é apelidado de Calcio.

informou, em uma reportagem de 1865, que o futebol ajudava na preparação dos futuros governantes do país.

Júnior (2007) relata que entre 1830 e 1860, mais de 70 equipes de futebol foram criadas na Inglaterra. Com o desenvolvimento do esporte passou a ser necessário organizá-lo. Para tanto, se organizou uma reunião em 26 de outubro de 1863 com a presença de diversos representantes de clubes e de escolas. Desse encontro foi criada a *Football Association (FA)*, que até hoje é a Federação Inglesa de Futebol. Além da entidade, foram criadas 14 regras básicas, que dariam identidade ao *football*. O fato foi amplamente divulgado na imprensa britânica, mostrando, mais uma vez, a importância do futebol na sociedade, conforme relata Júnior (2007).

O autor conta que nunca foi intenção dos ingleses exportar o futebol. Eles entendiam que o esporte era deles e que deveria ser assim. No entanto, a prática começou a se espalhar. E seguiu o ritmo da política da época: o Imperialismo. Ou seja, começa em uma “metrópole” europeia, se espalha para os países não tão desenvolvidos do Velho Continente e, por fim, chega na América do Sul e nos outros continentes.

## 2.1 CHEGADA AO BRASIL

A história oficial do futebol no Brasil é contada, há muitos anos, com a chegada de Charles Miller ao Brasil. Filho de paulistas, ele foi estudar em Southampton, na Inglaterra. Na escola, aprendeu sobre as regras do *football*. Depois de dez anos na Europa, retornou ao Brasil trazendo uma bola, um par de chuteiras, camisas de futebol e o livro de regras.

No entanto, Júnior (2007) aponta que há registros documentais que mostram que o futebol já vinha sendo praticado no Brasil há algum tempo.

Entre 1880 e 1890, bem antes portanto de Charles Miller retornar da Inglaterra, Jesuítas haviam introduzido jogos com o *ballon anglais*. No Colégio São Luís, em Itu, jovens da elite disputavam um jogo aparentado ao *football association*, denominado “bate bolão”, que a partir de 1894 já incorporava alguns elementos do futebol moderno: onze jogadores para cada lado, traves de madeira e times uniformizados. Outros colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul praticavam futebol desde a década de 1880. Há algumas notícias de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga e até mesmo o registro de uma partida realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel (Júnior, 2007, p. 61/62)

No presente trabalho, não nos interessa destrinchar sobre as origens “paralelas” do futebol no Brasil. O mais importante deste relato de Júnior (2007) é que o esporte já tinha encontrado rotas para as terras tupiniquins.

Mas, voltando a Miller, membro da alta sociedade de São Paulo – que na época já despontava como principal centro econômico e financeiro do Brasil – reuniu com outros amigos, também da elite, para apresentar-lhes o futebol.

Entre esses amigos, estava Mário Cardim, um jovem de 18 anos, que era repórter do jornal O Estado de S. Paulo. Com entrada junto aos chefes, Cardim convenceu-os de divulgar sobre o esporte que estava se popularizando entre a elite paulista, segundo Ribeiro (2009). No entanto, esse processo não foi fácil, como veremos nas próximas páginas.

Sem o ainda, e importante, apoio da imprensa, as primeiras partidas de futebol não contaram com repórteres ou notas nos principais jornais do país. A primeira partida de futebol que se tem conhecimento no país foi entre Funcionários da Companhia de Gás e funcionários da São Paulo Railway, em 1895. Nesta época, na capital paulista, já existiam cinco clubes dedicados a prática esportiva: São Paulo Athletic, Associação Athletica Mackenzie College, Sport Club Germânia, Sport Club Internacional e Club Athletico Paulistano.

Seis anos depois, já no início do século XX, as terras paulistas receberam a primeira Liga de clubes do país, a qual, no ano seguinte, começaria a promover o Campeonato Paulista de *football*, conferindo assim, contornos mais institucionais ao jogo.

No entanto, os “introdutores” do futebol no Brasil tinham uma preocupação: o esporte não poderia ganhar as periferias. Ao contrário do que se via na Inglaterra, em que os operários se organizavam para criar clubes, os brasileiros queriam manter o futebol como algo da elite econômica. Passado pouco mais de uma década da Abolição da Escravidão, a sociedade brasileira passava por um momento de transformação, e o futebol fazia parte disso.

Para evitar que o futebol se espalhasse pelas áreas periféricas, a Liga de São Paulo optou por cobrar ingressos para as partidas. Na visão de Miller, Cardim e outros, isso inibiria a presença da população periférica nos estádios e frearia a possibilidade de o esporte chegar nas favelas.

Ao mesmo tempo, outros brasileiros, que tinham passado uma temporada na Europa, regressavam ao país e “traziam” o futebol na bagagem.

Outro foi o carioca Oscar Cox, que conheceu o futebol durante os seus estudos no Collège de La Ville, em Lausanne, na Suíça, e, ao retornar ao Brasil, em 1897, também não deixou de incluir uma bola na sua bagagem. Poucos anos depois, em 1901, Salvador registraria a chegada de outro jovem com uma bola, Zuza Ferreira, vindo das terras britânicas. Em 1903, Guilherme de Aquino Fonseca, um ex-estudante da Hooton Lown School, na mesma Inglaterra, começaria a divulgar o futebol em Recife. No ano seguinte, na novíssima cidade de Belo Horizonte, Victor Serpa buscava companheiros para disputar o jogo que aprendera em sua temporada suíça (Franzini, 2009, p.113).

Com o futebol sendo praticado em várias cidades e regiões do Brasil, Miller, Cardim e os membros da elite paulista tiveram a ideia de realizar partidas entre clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, então capital da recém-instituída República. “Em poucos dias, os maiores jornais da capital da República, como o Jornal do Brasil e o Correio da Manhã, noticiavam com orgulho a exibição de seus craques em terras paulistanas. Era o que faltava para o futebol ganhar novo impulso também no Rio de Janeiro” (Ribeiro, 2009, p. 25).

Com o esporte ganhando as ruas das duas principais cidades do país, os “fundadores” do futebol tentavam, de todas as formas possíveis, evitar que a periferia participasse da novidade desportiva. E para isso, a imprensa era fundamental (entraremos mais a fundo no próximo tópico). Mas, no começo, a preocupação de alguns repórteres era relatar a presença da elite nos estádios, conforme nos conta Ribeiro (2009). A vestimenta dos torcedores era mais importante que o jogo, em si.

O ápice deste processo foi a primeira final do Campeonato Paulista, disputada entre SPAC e Paulistano, no Velódromo. Ribeiro (2009) narra que cerca de quatro mil pessoas assistiram à partida, vencida pelo SPAC. Os planos de Cardim, Miller e outros deram certo: em 1904, São Paulo contava com 77 equipes e os jogos tinham média de duas mil pessoas por jogo.

Mas, um ponto deu errado – e foi fundamental por ter mudado completamente a trajetória do futebol no Brasil: o esporte começou a se alastrar pela periferia. E o futebol passou a ser um fator de mudança social, fazendo com que as barreiras sociais ficassem mais frouxas.

As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com formação de time improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Júnior, 2007, p. 63/64).

Esses times, como o Corinthians, em São Paulo, e o Internacional, no Rio Grande do Sul, ajudavam a organizar o futebol nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos. Hilário (2007) relembra que os próprios sindicatos – ligados às correntes anarquistas, comunistas e socialistas – formavam equipes para disputar torneios. O objetivo era usar o futebol como ferramenta de união para mobilizar os trabalhadores em busca de seus direitos.

Ou seja, o futebol começava a impactar a todos: da elite paulista, que ainda organizava o futebol, à massa periférica, que se organizava em clubes, passando pelos sindicatos mais à esquerda, que viam o esporte bretão como ferramenta da luta de classes. Nesta miscelânea, o futebol foi atraindo cada vez mais apaixonados torcedores, que frequentavam os estádios, consumiam os produtos e buscavam mais informações. Era chegada a hora da imprensa “entrar em campo” e compor esse meio-campo que levava o futebol para o campo de ataque na formação da sociedade brasileira.

## 2.2 A IMPRENSA E O FUTEBOL

Não é o objetivo deste trabalho dissecar o início da imprensa e do jornalismo esportivo no Brasil. Esse assunto é abordado e explicado em diversos livros e trabalhos, como os que trazemos nesta dissertação. O objetivo é continuar a nossa linha do tempo da evolução do futebol no Brasil.

Como falamos no tópico anterior, Mário Cardim foi o primeiro jornalista a conseguir inserir o futebol nas páginas de um grande jornal. Assim, o tradicional Estado de S. Paulo, passou a ser o porta-voz da elite futebolística paulistana. Com o desenvolvimento do esporte, a expansão para outros centros urbanos e com a popularização do futebol, os empresários da comunicação enxergaram nele uma forma de conseguir ganhar dinheiro e prestígio dentro da sociedade.

No começo, a preocupação era em mostrar como a elite ia até os estádios. Também servia para que alguns repórteres escrevessem sobre como viam a sociedade.

No início do século XX, o principal tema esportivo discutido em jornais e revistas não eram os jogos realizados pelos campos das principais cidades brasileiras, mas os benefícios ou prejuízos que esse novo esporte poderia trazer à população. Mais do que isso, um fotógrafo escalado para a cobertura deveria estar muito mais preocupado em registrar a presença e as vestimentas de nobres senhores e senhoras do que propriamente o jogo. O tema futebol servia como manobra para cronistas imporem sua visão ideal de sociedade e “expor o antagonismo entre as equipes, o pobre e o rico, o colonizador e o colonizado” (Ribeiro, 2009, p. 26/27).

Com o Brasil ainda recém-liberto da escravidão, os jornais encampavam a visão elitista paulista de que o esporte não poderia ser praticado pela massa periférica. As páginas dos principais periódicos traziam explicitamente essa disputa étnica e econômica.

De um lado, os filhos de boa família, e do outro, os varzeanos humildes. Os primeiros eram considerados dignos representantes do foot-ball, importando da Europa, e os outros vistos como “brutos, incapazes de seguir as regras de conduta, ridicularizados muitas vezes pelos jornalistas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto”, sendo chamados de “canelas negras” (Ribeiro, 2009, p. 26/27).

A imprensa passava a ser a porta-voz da discussão que estava ocorrendo dentro da sociedade brasileira. “O futebol é um palco importante para as disputas presentes na própria sociedade” (Mostaro, 2019, p.36).

Com o futebol ainda conquistando seu espaço no meio social, os jornais não se preocupavam em ter setoristas específicos para a cobertura. Por isso, no começo do século XX, a maneira como o futebol era tratado nos jornais era confuso, perto do que temos atualmente.

A descrição dos jogos era longa e confusa, e chegava a ter vinte parágrafos, como comprova o artigo publicado pelo repórter do Correio Paulistano, em 1903, no qual confessa sua dificuldade: “Descrever minuciosamente o jogo é tarefa árdua, se não impossível, pois tantos e múltiplos seriam os fatos a narrar (Ribeiro, 2009, p. 29).

Se não tinham jornalistas específicos para a cobertura esportiva, a ida aos treinamentos também era praticamente impossível. Isso foi mudando com a entrada, nos jornais, de profissionais que praticavam ou gostavam do esporte.

Para ajudar no desenvolvimento do jornalismo esportivo, Mário Cardim lançou o *Guia de Foot-ball*, na primeira década de 1900, onde trazia informações relevantes para quem acompanhava ou gostaria de acompanhar o futebol. “Trazia informação sobre horários de bondes e outros serviços importantes para que as pessoas se programassem para ir aos jogos” (Ribeiro, 2009, p.30/31).

Apesar de não fazer uma crítica sobre a desigualdade social dentro do futebol, os jornais passaram a divulgar o desenvolvimento do esporte na periferia. Com a criação dos clubes periféricos não tinha como ignorar que as franjas territoriais dos centros urbanos o futebol se tornava pujante.

Mesmo não dando atenção para a separação entre ricos e pobres nas arquibancadas dos estádios chiques da cidade, a imprensa, de maneira geral, não deixou de noticiar tudo que acontecia no mundo do futebol, do rico e do pobre. Até mesmo o conservador e governista *O Paiz* criou uma seção específica em suas páginas para divulgar notícias dos distantes bairros do subúrbio carioca, pois era surpreendente o número de clubes e associações criados a todo instante. O futebol passava a ser um dos assuntos mais noticiados diariamente nas páginas dos principais jornais da capital da República (Ribeiro, 2009, p. 33).

Ao mesmo tempo que o futebol ia se expandindo para as periferias, um outro problema começou a aparecer para a elite paulista: o profissionalismo, que na época significava pagar salários para os jogadores.

Parece inconcebível para os dias atuais, mas no começo do século XX, era proibido um clube pagar para um jogador atuar. O futebol era praticado com paixão e voluntarismo. No entanto, isso começou a mudar, já que alguns times - sejam de clubes ou empresas - para vencer torneios pagavam para ter os melhores jogadores da época.

Essa foi uma discussão que perdurou por quase três décadas dentro do futebol brasileiro, sendo amplamente divulgada pela imprensa esportiva. Os jogadores pagos, muitas vezes, eram os da periferia, que enxergavam nesse “salário” uma forma de melhorar a qualidade de vida. “O futebol tornou-se um dos primeiros e mais significativos exemplos de incorporação desses setores numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva e por marcantes diferenças sociais” (Júnior, 2007, p.66).

Enquanto essa polêmica era discutida exaustivamente pelas elites e pelos jornais, os clubes tradicionais começaram a disputar partidas contra equipes internacionais. Times da

Argentina e da Inglaterra vieram fazer excursões ao Brasil, o que transformava o futebol em algo ainda mais atrativo e midiático.

Os jornais, aproveitando desse crescimento, começaram a apostar no futebol em suas páginas, em alguns casos, até gerando a notícia que seria divulgada. “Em 1913, o popular Correio da Manhã decidiu patrocinar a organização de uma competição entre paulistas e cariocas, o que pode ser considerado o embrião do futuro Torneio Rio-São Paulo. A taça para o vencedor foi batizada de Taça Correio da Manhã” (Ribeiro, 2009, p.40).

Com o aumento de notícias, os primeiros ídolos passaram a surgir. E o futebol, o entretenimento e a fofoca, propriamente dita, começaram a ser vistas juntas na páginas dos periódicos no Rio de Janeiro e em São Paulo. “Jogadores tratados como ídolos de suas torcidas passaram a ter suas vidas investigadas. O Rio de Janeiro, alguns jogadores que eram vistos “paquerando” moças pelas esquinas viravam assunto nas páginas esportivas do dia seguinte” (Ribeiro, 2009, p. 35).

Arthur Friedenreich é considerado o primeiro ídolo nacional do futebol brasileiro, segundo Ribeiro (2009). Astro do futebol paulista, o atacante também foi um dos principais jogadores do primórdio da Seleção Brasileira. Ou seja, naquela época, os jogadores eram considerados os astros. Mas, e os treinadores?

Como o presente trabalho tem como objetivo estudar a construção da imagem do treinador de futebol, nada melhor do que mostrar como que o técnico era retratado no momento em que o futebol começava a se transformar em um esporte de massas.

Mostaro (2019) conta que o Paulistano, tradicional time de São Paulo, foi o primeiro clube a ter um treinador. Em 1907, Jack Hamilton foi contratado. Mostaro (2019) explica como era a função do técnico nesta época.

Propomos que o significado da função do treinador seguia o caráter de organizador da equipe, definindo quem jogaria, mantendo a disciplina, não deixando o “ar nobre” dos sportmen ser dissipado e, na maioria dos casos, usando sua experiência como ex-praticante no ensinamento de ações em campo, como um professor do esporte que ainda não havia se disseminado massivamente (Mostaro, 2019, p. 56).

E a passagem de Hamilton pelo Paulistano é um bom exemplo do que Mostaro (2019) aponta. Ele ficou apenas três meses no clube e retornou à Inglaterra para treinar o Fulham. A justificativa para a saída do treinador foi bem simples. “Segundo a diretoria, já ter cumprido o

seu “papel de ensinar” aos praticantes alguns valores e técnicas de jogo típicas do país inventor do esporte, fomentando ainda mais o ar de “moderno” e “nobre” do clube” (Mostaro, 2019, p. 57).

Outro clube da elite, mas do Rio de Janeiro, também apostou em um treinador, em 1911. “O Fluminense, clube também com caráter aristocrático e da elite carioca, contratou em 1911 o técnico inglês Charles Willians, que já havia treinado o time da Dinamarca para os Jogos Olímpicos de 1908” (Mostaro, 2019, p. 57).

Mostaro (2019) explica que o treinador de futebol, nesta época, já era visto como tecnocrata, como alguém que deveria ser bom de gestão e capaz de organizar a equipe rumo à vitória.

O técnico seria uma elite cultural do esporte, alguém que estudou, compreendeu modelos de ação, sabe gerir um grupo assim como uma empresa e por conta disso, terá sucesso. O modo “artesanal” de se fazer futebol é excluído e ridicularizado nas narrativas. O que se entende como “futebol moderno” é tecnocrata. O capitalista tecnocrata focado na produção é o papel do técnico desenhado pela elite. Este futebol moderno constrói, através do técnico, um modo de operacionalizar a “máquina” e a mecanizar o jogo (MOSTARO, 2019, p. 108/109).

Um exemplo desta lógica citada acima é Herbert Chapman<sup>4</sup>, considerado por muitos o primeiro grande treinador na história do futebol, ao implementar o esquema tático WM, que consistia em cinco jogadores na defesa e cinco no ataque. Em um momento que o futebol era o ataque desenfreado, segundo Júnior (2007), Chapman trouxe mais organização, o que levou a se tornar uma referência para o meio. “Chapman é um símbolo da tecnocracia aplicada à profissão de treinador. Foi considerado o primeiro modernizador do futebol, exatamente por utilizar ferramentas empresariais em suas táticas e condução dos jogadores” (Mostaro, 2019, p. 109).

É neste contexto de evolução do futebol que chegamos ao último ponto deste capítulo: a criação da Seleção Brasileira e o começo da Copa do Mundo.

---

<sup>4</sup> Para saber mais sobre Herbet Chapman, acesse: <https://www.ogol.com.br/historia/herbert-chapman-o-homem-que-mudou-o-patamar-dos-tecnicos/12297>

### 2.3 SELEÇÃO BRASILEIRA E A COPA DO MUNDO

Dentro de todo este contexto que trouxemos, da chegada do futebol, da criação dos clubes, do início da cobertura na imprensa, da expansão do esporte para as periferias e pela inserção do treinador dentro dos clubes, um movimento estava acontecendo no Brasil e no mundo: a criação das seleções nacionais e de um torneio que reunisse os principais jogadores do planeta.

Em 1914, o Exeter City veio ao Brasil para disputar três amistosos. Dois contra jogadores ingleses que jogavam em times do Rio de Janeiro e São Paulo e um contra um selecionado do Rio e de São Paulo, independentemente da nacionalidade. Contra os conterrâneos, o Exeter City venceu as duas partidas. Já contra o selecionado RJ/SP, vitória dos brasileiros por 2 a 0. Ribeiro (2007) conta que esse jogo é considerado o primeiro da história da seleção brasileira.

A construção da nacionalidade brasileira teve no futebol um dos seus principais alicerces. Os embates com times estrangeiros e as primeiras partidas da seleção brasileira alimentaram, em todos os setores sociais, certa dose de patriotismo e de sentimento de unidade, ainda que transitória e circunscrita à realização das partidas. [...] Ainda no mesmo ano, a seleção conquistou a primeira Copa Roca, na Argentina, vencendo os anfitriões por 1 a 0 (Júnior, 2007, p. 73)

A partir dessa Copa Roca, as seleções nacionais passaram a disputar torneios sul-americanos - hoje conhecidos como Copa América. Em 1917, o Brasil terminou na penúltima colocação. Mas, dois anos depois, diante de um Estádio das Laranjeiras - campo do Fluminense - lotado, a seleção venceu o torneio.

Em 1919, o Campeonato Sul-Americano, disputado no Rio de Janeiro, revelaria um herói. Fried marcou o gol do título, contra os uruguaios. Pela primeira vez na história da imprensa esportiva, um jornal, A Noite, do Rio de Janeiro, estampava em sua primeira página a fotos dos pés de um jogador - o pé esquerdo de Fried. A manchete: “Eis o pé da vitória” (Ribeiro, 2009, p. 52).

Apesar deste começo vitorioso da seleção brasileira, a década de 1920 foi marcada por polêmicas, tanto de ordem política, étnica e econômica. Nesta época as imprensas do Rio de Janeiro e de São Paulo começaram a se estranhar, provocando, em alguns casos, a não convocação de jogadores de um estado para a disputa de partidas da Seleção.

Em 1920 e 1921, a APSA recusou-se a ceder jogadores para a seleção que disputaria dos Sul-Americanos do Chile e da Argentina. Às diferenças

bairristas, somavam-se as discriminações étnicas. Em 1921, o presidente Epitácio Pessoa proibiu a convocação de jogadores negros, o que excluía o goleador Friedenreich - e vários outros craques -, que só voltaria a vestir a camisa branca da seleção em 1922, na vitoriosa campanha do Sul-Americano disputado no Rio de Janeiro (JÚNIOR, 2007, p. 74).

Com o passar da década de 1920, o clima político no Brasil começou a ficar turbulento, com a criação da Coluna Prestes, que acabou afetando o futebol e, em especial, a Seleção Brasileira. “O clima de desavenças entre paulistas e cariocas, a crise econômica já pronunciada e as turbulências políticas manifestadas desde 1925 com a deflagração da Coluna Prestes impossibilitaram a realização de jogos da seleção brasileira em 1924, 1926 e 1927” (Júnior, 2007, p. 74).

A nível internacional, desde a criação da Fifa, em 1904, havia o interesse de se realizar um torneio em que reunisse as seleções nacionais, uma espécie de embrião do que conhecemos hoje como Copa do Mundo. “No segundo congresso da entidade, em 1905, esboçou-se mesmo uma Copa do Mundo, que teria quinze seleções nacionais e seria jogada no ano seguinte, na Suíça. Mas era um projeto precoce” (Júnior, 2007, p. 48).

Mesmo não tendo a realização do torneio, a semente da ideia foi plantada. E, ao longo das décadas, sendo amadurecida pelos dirigentes. Em 1927, Áustria, Hungria, Itália, Suíça e Tchecoslováquia, tentaram criar a Copa Internacional. Contudo, a Fifa conseguiu evitar a criação do torneio, argumentando que no estatuto apenas a entidade poderia organizar uma competição internacional. Esse foi o primeiro passo para que a primeira Copa do Mundo fosse organizada.

O segundo ponto, conta Mostaro (2019), foi um desentendimento entre a Fifa e o COI (Comitê Olímpico Internacional). Naquela época, o futebol era praticado nos Jogos Olímpicos, mas ainda sob a lógica amadora. A Fifa queria que o futebol se profissionalizasse nos quatro cantos do planeta. “Nesta disputa por legitimar a influência dentro do esporte, surge a ideia de Jules Rimet: organizar um Campeonato Mundial de seleções sem ter a influência do Comitê Olímpico Internacional” (Mostaro, 2019, p, 118).

Para que a ideia fosse para frente, e com medo de não ter o futebol nas Olimpíadas de 1928, a Fifa se reuniu. “Uma reunião do comitê da FIFA decidiu criar a Copa do Mundo. O evento, paralelo ao olímpico, também seria realizado de quatro em quatro anos. No dia 18 de julho de 1929 em um congresso extraordinário da FIFA em Barcelona, no hotel Imperador, os 18 membros da entidade decidiram pelo Uruguai” (Mostaro, 2019, p. 118).

O Uruguai foi escolhido por ter a principal seleção do mundo, campeã olímpica de 1924 e 1928, e também por ter prometido investimentos para a organização da Copa do Mundo. “O Uruguai foi o escolhido para sediá-la, porque no plano material prometeu construir um estádio especialmente para o evento, além de pagar viagem e estadia das seleções” (Júnior, 2007, p. 49).

Assim, a competição de 1930 inauguraria a ideia de um grande torneio com os melhores jogadores do mundo, desvencilhando-se dos Jogos Olímpicos. Porém, a baixa adesão dos países europeus, apenas quatro (França, Romênia, Iugoslávia e Bélgica) entre os treze participantes, transformou o torneio em uma demonstração diplomática de apoio à FIFA (Mostaro, 2019, p. 118).

No Brasil, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) se organizava para poder ter uma seleção forte para representar o Brasil na disputa. Contudo, as disputas entre Rio de Janeiro e São Paulo pelo controle da instituição não deixou que a Seleção pudesse ter uma boa preparação. O astro Fried disputasse a Copa do Mundo. Aliás, nenhum jogador paulista foi para o Uruguai.

Ess rixa interna também afetou a escolha do treinador que teria a missão de conduzir a Seleção Brasileira na primeira Copa do Mundo da história. “O treinador do Fluminense, Luiz Vinhaes, segundo o jornal A Noite foi o preferido pela CBD para comandar os jogadores no Uruguai, não foi liberado pelo seu clube” (Mostaro, 2019, p. 120).

Sem Vinhaes, a CBD escolheu Píndaro de Carvalho, que foi um destacado jogador de futebol no começo dos anos 1900 e se encaixava na lógica de um treinador que entendesse do jogo e pudesse organizar a equipe.

Píndaro de Carvalho foi uma figura destacada no esporte nacional no final dos anos 1900 e início dos anos 1910. Nascido em 1º de julho de 1892, atuou pelo Fluminense e foi um dos dissidentes do futebol do tricolor que foram para o Flamengo e fundaram o departamento de esportes terrestres do clube. O zagueiro Píndaro esteve em campo na considerada primeira partida oficial da seleção brasileira de futebol em 21 de julho de 1914 contra o Exeter City. Píndaro detinha o habitus exigido pela elite, além de supostamente ter um maior conhecimento do campo esportivo, alguém que “já esteve dentro de campo” e, por isso saberia “compreender” os “atalhos” para a vitória (Mostaro, 2019, p. 120).

Bom, a ideia da CBD não se concretizou na prática. Os rachas internos da Confederação, o boicote dos paulistas à Seleção Brasileira e a falta de experiência levaram o Brasil a ter uma péssima estreia nos Mundiais.

A partir deste ponto, é como se fôssemos para o intervalo. Com o primeiro tempo finalizado, é hora de conversar com os jogadores e traçar as estratégias para o segundo e decisivo tempo. Através das páginas do jornal O Globo vamos analisar como a imagem do treinador foi trabalhada nas nove primeiras edições de Copa do Mundo, entre 1930 e 1970. Neste período, o Brasil colecionou três títulos, mas também empilhou vexames, fracassos e frustrações.

### **3 INTERVALO: ANÁLISE DAS COPAS DO MUNDO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar as edições do jornal O Globo entre as Copas do Mundo de 1930 e 1970, o que totaliza as nove primeiras edições do torneio.

A cada Copa, as análises se concentram em quatro dias: o dia da estreia, o dia seguinte da estreia, o dia do último jogo (seja eliminação ou título) e o dia seguinte à última partida. A única exceção se dá na Copa de 1934. Por causa do regulamento, o Brasil disputou apenas uma partida. Portanto, neste Mundial, apenas duas edições do jornal foram analisadas.

No entanto, por se tratar de um lapso temporal de 40 anos, há algumas particularidades em cada edição. As organizações Globo, durante parte deste período, não publicavam jornais aos domingos. Logo, se alguma das datas a serem analisadas caiu no domingo, a análise é do dia anterior ou posterior, a depender do calendário do Mundial.

Também há situações em que o periódico publicava mais de uma edição por dia. Esse é o caso da Copa do Mundo de 1930, em que o jornal trazia, no mesmo dia da partida, a reportagem com o resultado e a repercussão do confronto. Para se manter o padrão, dentro da metodologia aplicada - que será explicada em capítulo específico - e para dar sentido à análise comparativa proposta por esse trabalho, serão respeitadas essas nuances.

Em cada Copa haverá a explicação sobre quais datas foram analisadas, sempre totalizando quatro dias.

Para efeitos metodológicos, a análise foi feita apenas com base nas reportagens. Colunas opinativas não foram levadas em consideração, pois muitas vezes são escritas por profissionais que não são jornalistas. Além disso, não há, entre os colunistas, o valor da imparcialidade, que é algo preconizado entre os jornalistas.

Também para fins metodológicos, em cada Copa do Mundo haverá uma contabilização de quantas vezes o treinador foi citado, em qual parte do texto - imagem, manchete, subtítulo ou texto corrido - e quais são as formas que se utilizam para referenciar o técnico.

### 3.1 PÍNDARO DE CARVALHO NA COPA DO MUNDO DE 1930

A primeira Copa do Mundo foi realizada no Uruguai, em 1930, entre os dias 13 e 30 de julho. Segundo o jornal O Globo, a competição tinha 13 seleções participantes, divididas em 4 grupos. No grupo do Brasil, haviam três seleções - Brasil, Iugoslávia e Bolívia. Apenas a primeira colocada se classificava. Nesta época, a vitória valia 2 pontos, ao contrário dos 3 que valem atualmente pela regra da FIFA.

O Brasil jogou duas vezes. Estreou com derrota para a Iugoslávia, por 2 a 1 e ganhou da Bolívia por 4 a 0. No entanto, como o time europeu venceu as duas partidas, se classificou, eliminando a Seleção Brasileira na primeira fase.

Para aquela edição, O Globo destacou que a Seleção enviada ao país vizinho era longe da ideal. Nas vésperas da Copa do Mundo, houve um conflito envolvendo a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea). O jornal narra que a CBD não convidou membros ligados à Apea para formar a comissão técnica da Seleção. Em retaliação, a Apea proibiu que jogadores de times paulistas participassem do Mundial. A única exceção foi Araken. O atacante estava em litígio com o Santos e, por isso, não seguiu as determinações da Associação.

Portanto, o Brasil partiu para o Uruguai com um elenco formado apenas por jogadores que atuavam em times do Rio de Janeiro. Na época, os dois estados dominavam o futebol brasileiro.

A estreia da Seleção estava marcada para o dia 14 de julho. No dia 13 não havia edição por se tratar de um domingo. No dia da estreia, O Globo fez um suplemento extra com o resultado e repercussão da partida. Para se ter a análise de quatro dias distintos, que será o padrão deste trabalho, a primeira análise se dá no dia 12 de julho, na véspera do começo do mundial e antevéspera da estreia brasileira.

Na capa da edição, uma nota falando a respeito das expectativas para o início do Mundial, que era o primeiro a ser realizado. No texto, contudo, nenhuma abordagem minimamente tática ou técnica da Seleção Brasileira. Parte do texto deseja sorte ao Brasil e pede lisura à competição.

Na sequência, fala-se sobre a viagem feita do Brasil ao Uruguai, através de navio. E também citam-se os treinamentos que os jogadores fariam antes do começo da Copa do

Mundo. No que tange aos treinamentos, o jornal detalha que os jogadores farão “pulos em barreira, shoots á bola, gymnastica suéca e match-ball” (Na véspera [...], 1930, p. 1)<sup>5</sup>.

Na segunda página, que continua a reportagem da primeira, mais uma vez, se fala sobre a expectativa acerca do Brasil, que era considerado um dos favoritos. De acordo com o vice-presidente da FIFA, Maurício Fischer, "se os nossos jogadores actuassem com igual entusiasmo, se sagrariam campeões mundiaes" (Na véspera [...], 1930, p. 1).

Na sequência, nova citação de um possível favoritismo brasileiro.

É enorme a ansiedade que aqui reina para se conhecer a força do conjunto brasileiro, que é tido como um dos mais fortes concorrentes ao Campeonato. Todos dizem que o nosso quadro deve apresentar uma fôrma admirável, já que tem vencido por contagens significativas as esquadras estrangeiras que têm apostado á América do Sul, ultimamente (Na véspera de iniciar-se o Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1972, p. 1, 12 jul. 1930).

Na edição do dia 14 de julho, há uma chamada na capa para a estreia do Brasil na Copa do Mundo contra a Iugoslávia. No topo da página, aparece a foto dos 11 jogadores brasileiros, sem mencionar o treinador. Na chamada, também, o tom é bastante ufanista. Na visão do jornal, o que trará a vitória são aspectos morais e não táticos ou técnicos.

Elle vae disputar, com toda a energia que nos tem celebrado em mais um torneio do Velho Continente e em muitas da Sul-America, com o garbo e limpeza de jogo de que sempre nos ufanamos, para melhor recomendação aos sentimentos comuns da lealdade e da nobreza desportivos, o Campeonato Mundial de Football, que se realiza nos campos de Montevideo (O seleccionado brasileiro se lança hoje, nos campos de Montevideo, á conquista da primeira etapa para a grande victoria do Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 1, 14 jul. 1930).

**Imagem 1** - Jogadores brasileiros na estreia da Copa do Mundo de 1930, sem a presença, ou menção, ao treinador

O seleccionado brasileiro se lança hoje, nos campos de Montevideo, á conquista da primeira etapa para a grande victoria do Campeonato Mundial de Football!



Depois de uma ausencia de annos, reaparece, hoje, em campo desportivo continental, concorrendo a uma victoria disputada pelos maiores jogadores das cores das duas Americas e da Europa, o seleccionado brasileiro! Elle vae disputar, com toda a energia que nos tem celebrado em mais de um torneio do Velho Continente e em muitos da Sul-America, com o garbo e limpeza de jogo de que sempre nos ufanamos, para melhor recommendação aos sentimentos comuns da lealdade e da nobreza desportivos, o Campeonato Mundial de Football, que se realiza nos campos de Montevideo. É a nossa primeira partida no continente cortamos, e nella vamos enfrentar o campeão da Yugo-Slavia, que sera de lutar com a companhia brasileira, que apparece na nossa gravura e cuja ordem é a seguinte: Joel, Hallia e Brillhante; Hermogenes, Fausto e Fernando; Poly, Nilo, Araken, Prago e Theophilio. A todos esses jogadores, que se estream com as cores da C. B. D., no prelio de agora, formulamos os mais veementes votos de victoria, não só na partida, de hoje como nas, sempre que se succederem, afim de que ao Brasil fique reservado o titulo tão ambicionado de todos.

(O seleccionado brasileiro se lança hoje, nos campos de Montevideo, á conquista da primeira etapa para a grande victoria do Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 1, 14 jul. 1930).

<sup>5</sup> Neste trabalho usaremos a grafia original das edições do jornal O Globo, mesmo que contenha erros ortográficos

Na página seguinte, mais uma reportagem e o tom adotado era de ufanismo, sem nenhuma menção a atributos físicos, técnicos ou táticos para definir o favorito para a disputa.

É grande e justificada a ansiedade geral por este encontro, em que a guapa gente, selecionada pela Confederação Brasileira de Desportos, vae mostrar, em terra estrangeira, todo o seu valor sportivo e todo o seu amor pela bandeira, cujas cores defende. Mais um instante e, no Rio de Janeiro, se saberá da sorte e do desenlace desse grande jogo, em que porfiam duas raças ardorosas e cheias de entusiasmos (O Campeonato Mundial de Football, O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 2, 14 jul. 1930).

Ainda na mesma página, há informações sobre os bastidores e o treinamento da seleção brasileira. Pela primeira vez, há menção ao nome do treinador brasileiro daquele Mundial, Píndaro de Carvalho.

O arqueiro do América F.C, que hontem chegou aqui, nos falou, depois do treino, dizendo que não gostara do ensaio. Queixou-se da parrelha Zé Luiz-Itália, que deixou o centro muito aberto. Aliás essa é, também, a opinião de Píndaro, o tecnico da delegação (O Campeonato Mundial de Football, O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 2, 14 jul. 1930).

A forma como se abordaram os atributos positivos dos jogadores era algo bastante subjetivo, sem destacar aspectos técnicos ou táticos.

Araken e Brillhante foram os elementos que mais agradaram, principalmente o primeiro, que esteve assombroso. A inclusão do zagueiro vascaíno se impõe, conforme opinião de todos os jornaes que tratam do ensaio. Fausto, Poly, Velloso, Benevenuto, Carlos Leite e Moderato também apresentaram actuação digna. Joel fez algumas defesas de sensação e Theophilo teve poucas bolas de seus companheiros (O Campeonato Mundial de Football, O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 2, 14 jul. 1930).

Também é registrado o ufanismo ao colocar o Brasil como favorito a vencer a disputa, mesmo em uma época no qual era muito difícil saber como jogavam as outras equipes. “É crença geral de que os brasileiros vencerão com facilidade os seus adversários de grupo: yugo-slavios e bolivianos, muito embora os primeiros se apresentem com um quadro ágil e de rapazes robustos” (O Campeonato [...], 1930, p. 2).

O favoritismo da seleção brasileira era algo reforçado com certa frequência pelo jornal. Nesta mesma edição, tem-se uma análise feita por um jornal uruguaio. “El Imparcial diz que a rentrée dos brasileiros é esperada com intenso interesse pelo povo uruguayo, desejoso de lhes tributar uma carinhosa recepção. A presença dos brasileiros constitue motivo de atracção e influirá poderosamente para atrair uma grande concorrência” (O Campeonato [...], 1930, p. 2).

A respeito das possibilidades do team do Brasil, "El Imparcial" diz que essa equipe representa o "grande poder do football do Brasil e os seus componentes são os que reúnem melhores probabilidades de vencer" (O Campeonato [...], 1930, p. 2).

No mesmo dia 14, O Globo publicou um suplemento noturno, que saiu às 19h, com o resultado da partida. Na primeira página, vem a informação a respeito do jogo do Brasil contra a Iugoslávia. Pela segunda vez, há uma menção ao treinador brasileiro. Nem boa, nem ruim. Nem o nome do técnico é citado. "O dia de hoje amanheceu muito frio, com muito vento e pouco sol. Os jogadores brasileiros queixam-se de frio intenso que faz. O seu treinador determinou que todos players usam durante a partida duas camisas de lã" (O 2º [...], 1930, p. 1).

Na mesma edição, foi feito um tempo real com os melhores momentos do jogo. A cobertura era tão rudimentar - para os padrões atuais - que na mesma edição se fala que o gol brasileiro foi marcado por Nilo, e depois é corrigido para gol de Fausto. Mas, para a história, o autor do primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo foi Preguinho<sup>6</sup>.

**Imagem 2** - Crônica esportiva em 1930

---

<sup>6</sup>

Disponível em <https://ludopedio.org.br/museu-galeria/primeiro-gol/?srsltid=AfmBOor0vzIy25Smmj7PfgMFhH6KeCBNWFoZ8Fd-wDrEMICHwMYAatYW>. Acesso em 29 jan 2025.

**O primeiro ponto yugoslavo**  
 MONTEVIDEO, 14 (A. A.) — São decorridos 30 minutos de jogo e a Yugo-Slavia marca o seu primeiro ponto.

**O segundo goal da Yugoslavia**  
 MONTEVIDEO, 14 (A. A.) — São decorridos 35 minutos de jogo e a Yugo-Slavia marca o seu segundo ponto.

**Como terminou o primeiro tempo**  
 MONTEVIDEO, 14 (A. A.) — O terceiro dos yugo-slavos foi annullado. Dessa maneira, o primeiro tempo terminou com o score de 2 a 0.

**2º tempo**

**— O começo equilibrado —**  
 MONTEVIDEO, 14 (A. A.) — O segundo tempo do jogo Brasil x Yugoslavia começou equilibrado.

**Nilo marcou o primeiro goal brasileiro**  
 MONTEVIDEO, 14 (A. A.) — Aos 16 minutos, Nilo emendando um centro de Theophilo faz o primeiro ponto brasileiro.

**O final**  
 MONTEVIDEO, 14 (U. P.) — Final: Yugoslavia 2; Brasil 1.

**Fausto foi quem marcou o goal**  
 MONTEVIDEO, 14 (U. P.) — Os yugoslavos dominaram o jogo nos primeiros minutos, mantendo-se em constante acção no terreno adversario. Os brasileiros encontraram um contendor rapido e impetuoso, e ficaram desorientados deante da pressão que elle exercia sobre a sua defesa. No primeiro tempo, os yugoslavos marcaram dois goals, enquanto os brasileiros não conseguiram abrir a contagem. No half-time final, os brasileiros melhoraram muito e passaram a exercer pressão sobre o area adversario, marcando um goal por intermedio de a

Fonte: O 2º dia do Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, 14 jul. 1930. Suplemento noturno, p. 1

Ao longo de toda a cobertura do suplemento extra, nenhuma menção ao treinador brasileiro. Apenas os jogadores foram destacados nas reportagens relativas à partida.

A próxima análise foi no dia 19, já que não havia edição do dia 20 por ser domingo. Na ocasião, o Brasil já estava eliminado, pois a Iugoslávia venceu a Bolívia. Com isso, a Seleção Brasileira não tinha chance de classificação e iria cumprir tabela contra o rival sul-americano.

Ao longo da edição, poucas referências ao jogo, que ocorreria no dia seguinte. Dá a entender que, com a eliminação precoce do Brasil, o jornal passou a não dar mais a devida

importância para a partida, ao contrário do que vimos na véspera e no dia do jogo contra a Iugoslávia.

No dia 21 de julho, a capa de O Globo traz imagens da Seleção Brasileira ainda da partida contra a Iugoslávia.

No meio do jornal vem a crônica da goleada do Brasil sobre a Bolívia, por 4 a 0. O texto, como se percebeu antes, é muito extenso, quase como um tempo real. Ocupa duas colunas, sem imagens. Naquela época, o jornalista - que não assinava as matérias - tinha preocupação com outros aspectos, bem longe do técnico e tático. “O céu apresentava-se nublado e o vento, com intensidade regular, cortava o campo de um goal a outro, na direção de leste para oeste. O jogo teve início às 13 horas e 5 minutos, indo logo os brasileiros ao ataque com energia” (O Campeonato [...], 1930, p. 3).

O juiz marca a penalidade. Esta é batida por Saenz, mas Velloso defende magistralmente, devolvendo a bola para o centro, onde Fauso dela se apodera. O center-half brasileiro, cuja actuação está seguríssima, avança com a bola pelo centro, recebendo fartos aplausos ao dar um "dribbling" de corpo em Lara que tenta arrebatá-lo a pelota (O Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1801, p. 3, 21 jul. 1930).

Mesmo com essa quantidade de textos e detalhes nenhuma menção ao treinador. Nada, nem mesmo o nome dele é citado na escalação do time. Os artistas do espetáculo, nesta época, eram mesmo os jogadores.

As únicas críticas ao treinador aparecem em uma coluna chamada de “Reparo do Dia”. No entanto, conforme explicado, não será objeto de análise. Apenas para fins de contextualização, entende-se importante destacar esse fato.

**Tabela 1** - Referências ao treinador Píndaro de Carvalho na Copa do Mundo de 1930

Data	Positiva	Neutra	Negativa
12 jul	-	-	-
14 jul	-	3	-
19 jul	-	-	-

21 jul	-	-	
--------	---	---	--

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1930

**Tabela 2** - Termos usados para se referir ao treinador Píndaro de Carvalho na Copa do Mundo de 1930

Termo	Quantidade de vezes
Píndaro	1
Treinador	1
Technico	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1930

Ou seja, com base na análise dos jornais em questão, percebemos que Píndaro de Carvalho foi totalmente coadjuvante na disputa da Copa do Mundo de 1930. Foram apenas três menções.

Mas, importante também destacar que a Seleção que foi disputar o torneio não era considerada a mais forte, mesmo que o jornal O Globo tivesse adotado um tom otimista antes da estreia.

### 3.2 LUIS VINHAES NA COPA DO MUNDO DE 1934

A segunda Copa do Mundo foi disputada na Itália e teve início em 27 de maio e terminou no dia 10 de junho. O torneio tinha uma regra diferente: eram 16 equipes que se enfrentavam em um mata-mata. Quem ganhasse, passava de fase. Quem perdesse, estava eliminado.

No sorteio, ficou definido que o Brasil enfrentaria a Espanha. No dia 27 de maio as equipes se enfrentaram. A Seleção Brasileira foi derrotada por 3 a 1 e deu adeus ao torneio de forma precoce.

Pelo fato do selecionado nacional ter disputado apenas um confronto, a análise dessa Copa é mais curta: apenas dois dias. O dia 27 de maio era um domingo, portanto sem edição de O Globo. Analisamos, então, o dia 26 e o dia 28 de maio, véspera e dia seguinte à partida, respectivamente.

**Imagem 3** - Matéria da capa de O Globo na véspera da estreia brasileira na Copa de 1934

**O CAMPEONATO DO MUNDO**

# Os brasileiros estreiarão, amanhã, em Genova, enfrentando a selecção hespanhola

A cancha desfavoravel aos nossos jogadores. — A ausencia de grama — A largura do campo favorece o corpo a corpo — O cansaço natural de uma viagem — O valor dos hespanhóes — A rapidez do ataque brasileiro — Outras notas



Alguns elementos do "scratch" brasileiro que, amanhã, enfrentará os hespanhóes. Vemos, da direita para a esquerda: Leonidas, Martin, Armandinho, Sylvio, Canali, Waldemar, e Luiz Luz

Fonte: OS BRASILEIROS estreiarão, amanhã, em Genova, enfrentando a selecção hespanhola. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3178, p. 1, 26 maio 1934.

Na capa da edição do jornal do dia 26, fala-se sobre a Seleção Brasileira, que estrearia contra a Espanha no dia 27. O clima era de pessimismo. Não havia grandes expectativas em torno do desempenho do Brasil. Assim como na Copa de 1930, os jogadores convocados não eram os melhores representantes do país. “Elles mesmos têm consciência de que o nosso selecionado não representa a força máxima do nosso football” (Os brasileiros [...], 1934, p. 1).

A análise da participação brasileira era calcada em aspectos subjetivos, conforme vimos na Copa anterior. “A peleja se fere em condições especialíssimas, muitas das quaes desfavoráveis aos nossos patrícios [...]. Deve-se esperar muito da flamma dos nossos representantes, de suas reservas de energia moral, das vibrações constantes do seu coração” (Os brasileiros [...], 1934, p. 1).

O técnico brasileiro naquela Copa foi Luis Vinhaes. Na matéria de capa, aparece a primeira referência ao treinador. “Foi Vinhaes quem, falando ao GLOBO, acentuou a influencia poderosa que, na actuação os nossos jogadores, teria a fortaleza moral. Já o estilo brasileiro, fugindo à secura das exhibições puramente techicas, fundava-se, em muitos aspectos, nos arremessos triumphaes da vontade de vencer” (Os brasileiros [...], 1934, p. 1).

Na página 3, continuando a falar sobre o jogo, o jornal explica quais são as vantagens e desvantagens do Brasil para o duelo contra a Espanha. Nesta parte, o redator já faz uma explicação mais técnica, tática e física, não estando refém da análise ao aspecto moral. Na avaliação, o Brasil tem um jogo de conjunto, mas em busca de uma jogada individual com base na qualidade dos jogadores brasileiros. “Os brasileiros procuram, naturalmente, o jogo de conjunto, a combinação de todos os valores no esforço comum da victoria. Mas é preciso não esquecer o seguinte: as nossas formas de jogo abrem a possibilidade de um desses lances, devido a um esforço apenas individual e que decidem uma partida” (O GLOBO, 26 mai, 1934, p. 3).

Também é apontado que o tamanho do gramado, na Itália, que tinha largura de 65 metros, era menor que o praticado no Brasil, o que favorecia a Espanha, que tinha um jogo mais fisico. Neste caso, para o redator, seria importante o Brasil se mostrar uma seleção mais ágil. “Queremos aludir á diferença de physico que dá aos hespanhoes maior fortaleza. Se somos menos robustos do que os adversários, ganhamos consequentemente em rapidez, em mobilidade, em recursos de finta” (O Campeonato [...], 1934, p. 3).

As "canchas" italianas são mais estreitas que as nossas, mesmo porque a sua largura não excede a 65 metros. Essa medida vem facilitar o contacto entre os adversários, o continuo emprego do que poderemos chamar corpo-a-corpo, o uso systematico do tranco, com vantagem dos mais fortes que são os hespanhoes (O CAMPEONATO do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3178, p. 3, 26 maio 1934).

Como o clima era de pessimismo, poucas informações a respeito da partida foram noticiadas pelo periódico. No caso, o jornal já antevia o que iria ocorrer no dia seguinte.

Na edição do dia 28, uma página inteira, na capa, dedicada à eliminação da Seleção Brasileira para os espanhois. Logo no começo, o jornal traz explicações sobre os problemas

enfrentados pelo Brasil antes de chegar à Itália. “A derrota foi experimentada em circunstancias desfavoráveis aos nossos rapazes. Era a organização de ultima hora, quase sem treino e sem tempo de uma aclimação indispensável nas canchas da Europa” (Apesar [...], 1934, p. 1).

Novamente, o repórter - sem identificação - destacava que o time que atuou na Itália não representava o futebol brasileiro. “A seleção que hontem enfrentou os hespanhoes não representava a força máxima de nosso football. Mesmo assim sempre se esperava que o entusiasmo, o desejo ardente de vencer, diminuíssem as dificuldades que se apresentavam” (Apesar [...], 1934, p. 1).

Tudo dependia do primeiro match e para esse primeiro match os brasileiros tiveram apenas três dias de descanso, após uma viagem longa por mar de quase vinte dias. A cancha de Genova soffrera bastante com o ultimo inverso. A neve matara a grama e quando os brasileiros a visitaram dois dias antes da luta anteviram as dificuldades que se apresentariam para que o team se utilizasse de todos os seus recursos (Apesar da reação do 2º tempo, os brasileiros cederam frente aos hespanhoes pelo score de 3 a 1. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3179, p. 1, 28 maio 1934).

Além disso, o jornal destaca que o Brasil foi prejudicado pelo árbitro Birleu, da Alemanha, e que a torcida italiana estava favorável ao Brasil.

O publico manifestou-se favorável aos brasileiros e o enviado do GLOBO, dando-nos suas impressões adeanta que o arbitro prejudicou sensivelmente os nossos jogadores, anulando um tento bellissimo de Luizinho. [...] O arbitro foi vaiado porque prejudicou os brasileiros que contavam com a sympathia da multidão. Em todos os momentos da peleja os nossos jogadores não perderam o entusiasmo (Apesar da reação do 2º tempo, os brasileiros cederam frente aos hespanhoes pelo score de 3 a 1. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3179, p. 1, 28 maio 1934).

Brasil foi a campo com: Pedrosa; Sylvio e Luiz Luz; Tinoco, Martim (capitão) e Canali; Luizinho, Waldemar, Armandinho, Leônidas e Patesko. Mais uma vez, na escalação, não há menção ao treinador.

A crônica da partida segue a tendência do que foi visto na Copa de 1930: é um tempo real, em que o jornalista conta o que está acontecendo em primeira pessoa, mesmo com a partida tendo sido encerrada. A diferença entre as duas edições é que, em 1934, O Globo utiliza boxes para indicar os principais acontecimentos. Em 1930, a crônica era corrida.

**Imagem 4** - Forma como a crônica de uma partida era escrita em 1934

## O juiz

GENOVA, 27 (Serviço especial do GLOBO) — Vae dirigir a partida, designado pela Fifa, o juiz Birlen, da Alemanha, que acaba de entrar em campo.

## A assistencia

GENOVA, 27 (Serviço especial do GLOBO) — O stadium "Luigi Ferrari" está repleto de uma assistencia bastante entusiasta, que, mesmo antes da partida, não se cansa de viver os players das duas nações, principalmente aos brasileiros, que contam com a maioria de adeptos.

## O inicio do jogo

GENOVA, 27 (Serviço especial do GLOBO) — O jogo acaba de ser iniciado, com forte carga dos brasileiros, contra-atacando os hespanhães, que são mais acclimatados no local da peleja.

Manteve-se a partida equilibrada por alguns momentos, até que os hespanhães conseguem vantagem nos ataques.

## Aberto o score

Numa dessas cargas, ao interceptar um centro vindo da esquerda, a bola focou no braço de Martim e o juiz, rigoroso de mais, marcou a pena maxima. Eraragorry cobrou a falta assignalando o 1º goal dos hespanhães.

Fonte: Apesar da reação do 2º tempo, os brasileiros cederam frente aos hespanhães pelo score de 3 a 1. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3179, p. 1, 28 maio 1934

Na página principal vem uma entrevista com Lourival Fontes, chefe da delegação brasileira. Também não há menções ao treinador Luis Vinhaes.

Como na época não havia edições do jornal aos domingos, na segunda-feira, havia duas edições. Na edição das 12h, o Jornal O Globo trouxe uma reportagem falando da preparação brasileira. O correspondente do jornal explica que os jogadores foram a bordo do Navio Conte Biancamano para a Itália. Há uma referência a Vinhaes, mas ela é neutra. É no momento em que se explica que os jogadores tiveram liberdade no primeiro dia, mas que, a partir do segundo, já se iniciava a preparação para o Mundial. “No primeiro dia houve inteira liberdade. Mas no domingo, á noite, começou o regimen, depois de uma reunião que o Vinhaes promoveu” (Como se [...], 1934, p. 1).

Na sequência da mesma reportagem, mais duas menções a Vinhaes. Considero-as neutras, pois não afetam em nada o trabalho dele enquanto treinador. “No sábado houve vinho às refeições, jogos de cartas á vontade e o samba se prolongou até a meia-noite. No dia imediato, porém, Vinhaes fez a reunião, "chorou as suas maguas" e o pessoal foi para a cama às 10 1/2 horas” (Como se [...], 1934, p. 1).

Na segunda-feira foram iniciados os exercícios individuais, numa dependência da primeira classe, local excelente. Todavia, uns brasileiros que lá viajava, um dos quaes em missão oficial do Governo - o Sr. Bandeira de Mello - acharam por bem reclamar ao comandante que o apito de Vinhaes os incomodavam (Como se preparavam os brasileiros a bordo para o match de estreia na cancha de Genova. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3180, 28 maio 1934. Edição das 12h, p. 1).

Essa situação mostra como o jornalismo esportivo ainda era muito rudimentar. No dia seguinte à eliminação da Seleção Brasileira, o jornal O Globo trouxe informações sobre como tinha sido a preparação para o Mundial. Naquela época, ir para a Europa era a bordo de navios, algo que fazia o deslocamento durar dias, ou até mesmo semanas.

**Tabela 3** - Referências ao treinador Luis Vinhaes na Copa do Mundo de 1934

Data	Positiva	Neutra	Negativa
26 mai		1	
28 mai		4	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio de 1934

**Tabela 4** - Termos usados para se referir ao treinador Luis Vinhaes na Copa do Mundo de 1934

Termo	Quantidade de vezes
Vinhaes	5

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio de 1934

Assim como em 1930, a participação do treinador nas reportagens é praticamente nula. Vinhaes pouco é citado. Os destaques seguem sendo os jogadores e, no caso em questão, os problemas na montagem do time brasileiro e os erros de arbitragem na partida que marcou a eliminação do Brasil no Mundial.

### 3.3 ADHEMAR PIMENTA NA COPA DO MUNDO DE 1938

A terceira Copa do Mundo foi realizada na França e teve início no dia 4 de junho. A final foi no dia 19 do mesmo mês. O Brasil fez a melhor campanha da história, conquistando o terceiro lugar.

O regulamento da competição era idêntico ao de 1934. Dezesesseis seleções participantes, com confrontos mata-mata. Os jogos do Brasil foram:

- 5 de junho - Brasil 6 x 5 Polônia (oitavas de final)
- 12 de junho - Brasil 1 x 1 Tchecoslováquia (quartas de final)
- 14 de junho - Brasil 2 x 1 Tchecoslováquia (jogo desempate)
- 16 de junho - Brasil 1 x 2 Itália (semifinal)
- 19 de junho - Brasil 4 x 2 Suécia (disputa do 3º lugar)

Neste Mundial, o Brasil foi treinado por Adhemar Pimenta. Ou seja, o terceiro treinador em três Copas do Mundo diferentes.

A análise do jornal O Globo, neste Mundial, foi das edições de 04, 06, 18 e 20 de junho.

Na capa de O Globo, do dia 04 de junho, vem a primeira menção a Adhemar Pimenta. A menção é neutra, em que se informa que o técnico definiu a equipe que entraria em campo contra a Polônia, no dia seguinte.

Outra menção se dá na matéria em que se noticia que Domingos da Guia, um dos principais nomes daquele time, está gripado. Outra menção neutra, em que Pimenta é citado como o autor da informação de que o zagueiro estava doente. “Domingos acaba-se recolhido ao leito no hotel de Niderbroun-Bains, atacado o que Pimenta qualificou de um sério resfriado” (Escalado [...], 1938, p. 1).

Naquela época, o jornal O Globo tinha diversas edições ao longo do dia. Em virtude da Copa do Mundo e da empolgação pela possibilidade do primeiro título brasileiro na história, em alguns dos dias, o jornal chegou a ter cinco edições. Na edição das 14h, o nome de Pimenta aparece na manchete. “Desastrosa para o scratch a ausência de Domingos! Adhemar Pimenta considera decisiva para as probabilidades de victoria a actuação do grande "back" no jogo de amanhã” (Desastrosa [...], 1938, p. 1).

Nesta Copa do Mundo já se percebe uma maior presença do treinador nas reportagens e notas. Mas, basicamente, as menções se dão como forma de colocá-lo como fonte de informação do jornal, principalmente pela preocupação do repórter com a possibilidade de ausência de Domingos da Guia - considerado o melhor zagueiro do mundo - na partida de estreia do Mundial. “Pimenta declarou que a moléstia de Domingos prejudicou todo o plano

de organização do "team" brasileiro, que amanhã enfrentará os polonezes, obrigando a uma nova seleção” (Desastrosa [...], 1938, p. 1).

Mesmo este sendo o terceiro mundial da história e a terceira participação do Brasil no torneio, parte da análise do jornal O Globo segue sendo em aspectos subjetivos.

Às vésperas do primeiro jogo dos brasileiros em campo europeu contra o selecionado polonez, nota-se um entusiasmo extraordinário nas atitudes e nas expressões dos nossos "craks". Todos querem vencer. Querem superar as suas próprias performances desenvolvendo uma partida como nunca foi jogada. E, assim, cumprem à risca as determinações do tecnico Adhemar Pimenta, empregando-se em todos os exercícios individuais e de conjunto (Escalado o scratch brasileiro: Caberá mesmo ao team azul enfrentar os polonezes. O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 11h, p. 1).

Na edição das 17h, mais uma menção a Pimenta no subtítulo, mas falando que ele passou informações a respeito do jogo. Na mesma edição, uma conversa por telefone entre o redator de O Globo, cujo nome não foi revelado, e Adhemar Pimenta. É a primeira vez, dentro deste trabalho, que o treinador ganha destaque em ter uma reportagem apenas com ele como fonte.

O tom da entrevista foi cordial, com Pimenta parabenizando O Globo pelo esforço de fazer uma ligação internacional. Mais uma vez, o clima é de ufanismo. Inclusive, O Globo publica o trecho de uma carta escrita por Alzira Vargas para os jogadores brasileiros. “Aqui é O GLOBO que deseja enviar uma palavra de estímulo e de confiança aos jogadores brasileiros” (Domingos [...], 1938, p. 1).

E Pimenta responde:

Você não sabe a satisfação que nos causa o esforço realizado pelo GLOBO. É a primeira voz do Brasil que ouço desde que parti. Posso dizer apenas que estamos preparados para vencer e que a palavra de estímulo e de confiança transmitida pelo GLOBO é mais um motivo para que os jogadores realizem o esforço máximo (Domingos jogará. O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 17h, p. 1).

A entrevista com Pimenta também é marcada pela participação de Domingos da Guia, que estava gripado e era dúvida para a estreia. Na entrevista, contudo, ele diz que vai jogar. Mais uma vez, o clima era de ufanismo. “Todo o Brasil acompanhará lance por lance a partida com a Polônia. Seja feliz. Vença” (Domingos [...], 1938, p. 1).

Mais uma vez, Pimenta “abusa” da proximidade que tem com o repórter de O Globo e pede para desmentir reportagens que diziam que os jogadores estavam fazendo farras no navio e na França.

Eu quero um grande favor do GLOBO. Recebemos recortes de jornais brasileiros que falam em farras dos jogadores. Não houve nenhum excesso. Todos compreendem a responsabilidade da disputa de um Campeonato do Mundo. Os passeios eram efectuados nos grupos e fiscalizados por mim. Desde hontem os jogadores não podem afastar-se cem metros do hotel (Domingos jogará. O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 17h, p. 1).

E Pimenta confirma que precisou multar jogadores brasileiros, mas não por farras e sim por disciplina.

A multa que apliquei a Walter, Tim e Patesko justifica-se plenamente, pois esses três jogadores pararam no meio do ensaio de hontem, recusando-se a continuar o treino. A multa foi acatada sem discussão. O caso de Nariz e Luizinho já foi resolvido. Não há nada a temer. Vejo um entusiasmo e uma vontade de vencer que não observei em outra oportunidade (Domingos jogará. O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 17h, p. 1).

Nesta entrevista, também se conversa com Everaldo Lopes, enviado de O Globo para acompanhar a Seleção Brasileira. O clima é de total ufanismo. “Elles estão aqui sensibilizados pelo gesto do GLOBO. Pode ficar certo de que foi um estímulo forte. Pedem-me todos que O GLOBO seja o interprete da saudação de cada um ao público brasileiro, e, particularmente, às pessoas que lhes são caras” (Domingos [...], 1938, p. 1).

Na mesma edição, percebemos pela primeira vez, dentro do escopo que este trabalho se propõe a fazer, uma análise mais tática do jogo, saindo das opiniões subjetivas. Vinhaes explicou ao repórter sobre a estratégia para o confronto

Os polonezes adoptam a tactiva do terceiro "back". Era o methodo europeu que maiz nos convinha, justamente porque o conhecemos. Se os polonezes levarem a tática a risca, os brasileiros nada têm a temer, pois tomei todas as providencia e com uma certa facilidade o nosso ataque romperá a defesa cerrada. Todos sabem que Leônidas é um jogador de difícil marcação. Além disso a rapidez dos brasileiros facilita os passes longos e as bolas adaptadas para serem dominadas na corrida. Eu acho difícil que os polonezes mantenham a mesma tática durante os dois tempos (Domingos jogará. O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 17h, p. 1).

No entanto, apesar das diversas menções a Pimenta, o nome do treinador não aparece na hora da divulgação da provável escalação: “Batatais; Domingos e Machado; Zezé, Martins e Affonsinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio e Hercules”.

Apesar do treinador não ser citado na divulgação da escalação, Pimenta foi elogiado pelos 11 que enviaria a campo na estreia da Seleção. “Desde aquelle treino em São Paulo, o "scratch" Azul poz em evidencia a sua superioridade, consolidada mais tarde nos exercícios realizados no Rio, na Bahia, em Recife e, finalmente, na Europa. Não constitui surpresa,

portanto, a escalação de Pimenta, que veio de encontro à expectativa geral” (Passes [...], 1938, p.9).

No subtítulo da reportagem, mais uma menção à tática: “Herculas e Lopes terão um papel de grande importância no plano de Pimenta” (Passes [...], 1938, p.9).

No texto, se desenvolvem mais detalhes da estratégia brasileira. “Leônidas e Romeu ficarão encarregados de desnortear os polonezes com passes longos. O center-forward e o meia direita jogarão quase juntos, assim como Hercules e Peracio, para abrir o mais possível o campo de acção, prevalecendo ahi a maior velocidade dos brasileiros” (Passes [...], 1938, p.9).

Esse ufanismo e otimismo com a Seleção Brasileira tinham motivo: pela primeira vez, o Brasil tinha os melhores jogadores à disposição em uma Copa do Mundo. As brigas entre a Federação Paulista e a CBD tinham sido apaziguadas, o que permitiu que os atletas paulistas fossem para a França, em busca do inédito título.

A capa do jornal do dia 06 - já que no dia 05, não houve edição - destaca a vitória da seleção brasileira sobre a Polônia por 6 a 5. A primeira menção a Pimenta é feita no subtítulo, onde se destaca que haverá uma reportagem sobre a análise do jogo feita pelo treinador.

Interessante notar a evolução do jornal em relação ao treinador da Seleção Brasileira. Em 1930 e 1934, não havia citações a eles. Não havia entrevistas. O treinador era uma figura praticamente oculta. Na Copa de 1938, há uma mudança. Mas, ainda na capa, o Globo coloca a foto de rosto de todos os jogadores que participaram do jogo contra a Polônia. Não há foto de Pimenta.

Mais uma vez, o clima era de total ufanismo por parte de O Globo. “Depois das eliminatórias de ontem, considera-se o ‘scratch’ nacional como o mais serio concorrente ao título de campeão” (Victoria, 1938, p. 1).

Na capa da edição das 11 horas, mais umas aspas do treinador falando sobre a previsão para a partida contra a Tchecoslováquia, a próxima do Brasil. “O techico Adhemar Pimenta, em declarações á United Press, disse: ‘No jogo contra a Tchecoslovaqui a organização da nossa equipe será provavelmente a mesma, inclusive Domingos, que se acha melhor da gripe. Durante a semana continuaremos nos mesmos treinos individuaes. Confiamos na victoria’” (Favoritos [...], 1938, p. 1).

Novamente, percebe-se uma mudança em relação à figura do treinador no comparativo com as edições anteriores. Na capa da edição das 14h, um box com destaque para Pimenta e a análise do treinador sobre a defesa brasileira, que, na partida contra a Polônia, sofreu cinco gols. “O treinador do ‘team’ brasileiro de ‘football’, Adhemar Pimenta,

declarou ao regresso da equipe a Paris para a luta contra os tchecoslovacos, marcada para o dia 12 do corrente, que se acha ‘muito pouco satisfeito’ com a actuação da defesa brasileira em Strasburgo” (Favoritos [...], 1938, p. 1).

Ou seja, isso consolida a mudança em relação ao treinador, no comparativo com as edições anteriores da Copa do Mundo. No caso, o trabalho do técnico não é avaliado como bom ou ruim, já que as menções a ele são neutras. Contudo, passa a ganhar destaque com entrevistas e aspas sobre as opiniões do treinador em relação ao time, à Copa e aos adversários.

Na edição das 17h, na capa, destaque para o fato de que o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, acompanhou a partida. Esse fato foi a grande manchete. “Vibrou o presidente na hora do triumpho. O Sr. Getúlio Vargas acompanhou, pela voz de Gagliano Netto, todos os lances da sensacional peleja de Strasburgo. O Chefe da Nação, emocionado, descreveu scenas do ‘match’ e a actuação dos jogadores patricios” (Vibrou [...], 1938, p. 1).

Essa tendência de apontar o treinador como o organizador do time se reforça. Em todos os momentos, em que Pimenta é citado, é sempre colocando-o no trabalho que lhe cabia: treinar, organizar e estudar o adversário. “Os jogadores seguira para um hotel, em Paris, de onde partirão amanhã cedo, às oito horas e quarenta e cinco minutos com destino a Bordeos para iniciarem o que Pimenta qualificou solenemente de ‘uma severa temporada de treino. E nada de farras!’” (Faremos [...], 1938, p. 2).

O ufanismo também é marcado pelos relatos de que autoridades brasileiras acompanharam a partida, através do rádio. Destaque para o presidente Getúlio Vargas. Em outro momento, o jornal realiza uma entrevista com Graciliano Ramos, em que o escritor elogia o técnico brasileiro. Primeiro, o título do box é “Pimenta de parabéns”. Depois, nas aspas de Graciliano Ramos, mais um elogio ao treinador. “Nunca pensei que football emocionasse tanto. Mas, e Pimenta? Meus aplausos a esse grande tecnico” (Faremos [...], 1938, p. 2).

Pimenta também ganha elogios de outras autoridades, como Luiz Aranha, à época presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

O Sr. Luiz Aranha, entrevistado sobre o "match" de hoje, depois de historiar os esforços envidados pela C.B.D para enviar à Europa o selecionado, manifestou confiança no "onze" brasileiro e renova o seu apoio a Pimenta. Diz ainda que, se forem campeões, os jogadores brasileiros estão, além das gratificações previstas, uma casa cada um, para o que já conta com o apoio do Governo Federal (Faremos melhor no próximo domingo. O Globo, Rio de Janeiro, 6 jun. 1938. Edição das 14h, p. 1).

Apesar dos elogios por parte de autoridades, na crônica da partida, escrita pelo enviado de O Globo para acompanhar a Copa do Mundo - que não assinou o texto - nenhuma menção ao treinador. Apenas os jogadores são destacados, com elogios e críticas.

O contexto mundial da década de 1930 era complexo. Rivalidades entre os países se acirravam, com a Europa se preparando para mais uma guerra, poucos anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Como o clima era de conflagração, isso também estava presente nos textos de futebol, que eram colocados como batalhas. “Depois de uma luta titânica, o Brasil venceu a Polônia pelo score de 6 x 5” (Victoria, 1938, p. 1).

Na edição do dia 18, na véspera da partida contra a Suécia, pela disputa do terceiro lugar, ainda há repercussão da derrota para a Itália, ocorrida dois dias antes. Há uma reclamação grande contra a arbitragem por ter marcado, na visão do jornal, um pênalti equivocado para os europeus. Por causa disso, na manchete, há a informação de que o Brasil estuda deixar a FIFA, em protesto contra a questão da arbitragem. A reclamação era tamanha que o jornal lançou uma edição extra apenas para reclamar do juiz.

Não vale repetir que tal colocação está aquém da campanha brilhante que realizaram os brasileiros, apesar de todos os obstáculos e da interferência acintosa dos árbitros, alterando duas vezes os resultados das pejejas. [...] Não está mais em jogo o título máximo que teria de, pela vontade de uma organização europeia, pertencer a um concorrente do Velho Mundo. [...] Procurava-se por todos os meios eliminar o Brasil (Eliminar o Brasil!. O Globo, Rio de Janeiro, 18 jun. 1938. Edição Extra, p. 1).

A indignação era tamanha com o pênalti marcado de forma equivocada contra o Brasil, que, na edição extra do Jornal O Globo, eles abrem espaço para duas reportagens de “enterros” da FIFA: um feito pelos estudantes, no Rio de Janeiro, e outro, em Niterói. A Associação Brasileira de Imprensa publicou uma carta no Globo pedindo para que os jogadores não disputassem a partida contra a Suécia e regressassem imediatamente para o Brasil, como forma de protesto.

A CBD entrou com uma reclamação formal na FIFA contra o árbitro e o resultado da partida. No entanto, a FIFA indeferiu o pedido brasileiro, garantindo a vitória da Itália e a ida da seleção europeia para a final da Copa do Mundo.

Pimenta também foi questionado a respeito disso. Eis a forma como O Globo informa. “O tecnico Pimenta ficou bastante irritado e disse com vehemencia - Mais uma vez o football sul-americano ficou debaixo do europeu devido à FIFA” (Contra [...], 1938, p. 2).

Em tese, o uso do termo “irritado” - como veremos em outras análises - será usado como algo negativo. Contudo, neste caso, em que O Globo defendia a posição brasileira de questionar o resultado na Fifa, o termo foi considerado neutro.

Apesar de toda a reclamação e apelo, o Brasil foi disputar o terceiro lugar contra a Suécia. “Os ‘scratchmen’ sul-americanos receberam com *sympathia* o apelo de Pimenta para que vencessem por um elevado score a Suécia, prometendo todos fazerem a sua despedida das canchas européas realizando uma exibição espetacular” (O Brasil [...], 1938, p. 1).

Na capa da edição extra do dia 20 de junho, O Globo estampa a vitória da Itália e a conquista do terceiro lugar pelo Brasil. Abaixo das fotos, o jornal traz uma espécie de editorial com a opinião sobre a participação brasileira. Em nenhum momento, há menção a Pimenta. Ao contrário, o protagonismo pelo resultado se dá em prol dos jogadores, principalmente a lamentação pelo fato de que Leônidas não jogou o confronto contra a Itália, devido ao cansaço.

Antecipou-se para a semi-final, pelo sorteio, a peleja que deveria coroar o campeonato do mundo. A Itália atravessou o encontro com um penalty que se tornou o mais escandaloso da história do football. Tivera uma campanha mais fácil do que a do Brasil. Tudo facilitou-lhe o triumpho. [...] Com Leônidas venceríamos - e a opinião não é nossa e sim da crítica europea. [...] Só duas vezes os italianos venceram a defesa brasileira pela organização de seus ataques (A victoria da Itália sagrou o Brasil!. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 1938. Edição Extra, p. 1).

Leônidas não atuou contra a Itália por causa de desgaste físico, já que o Brasil precisou fazer uma partida de desempate contra a Tchecoslováquia nas quartas de final. No entanto, em nenhum momento na análise dos jornais, a responsabilidade da ausência de Leônidas foi colocada sobre Pimenta.

Na visão do jornal, a culpa da derrota brasileira era da arbitragem. “Só perdemos para os juízes da Fifa... Leônidas faz o elogio do jogo e da lealdade dos suecos, lamentando que apenas no match de hontem encontrassem os brasileiros um arbitro perfeito” (A victoria [...], 1938, p. 1).

Imagem 5 - Manchete do jornal O Globo reclamando da arbitragem



Fonte: Só perdemos para os juízes da Fifa. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 1938. Edição das 11h, p. 1

Mais uma prova de que O Globo relacionava o resultado ao desempenho dos jogadores, ou da arbitragem, é na reportagem sobre a vitória sobre a Suécia na decisão do terceiro lugar.

Contra os suecos os brasileiros tiveram a sua pior exibição no campeonato mundial. A impressão, no início é que íamos perder, não obstante ser incontestável a superioridade do nosso padrão. [...] Os atacantes brasileiros com exceção de Romeu e Leônidas estiveram completamente nulos. Batataes foi uma grande figura na defesa, sendo ambos os gols suecos indefensáveis (Só perdemos para os juízes da Fifa. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 1938. Edição das 11h, p. 1).

Essa visão também era compartilhada por Adhemar Pimenta. Em entrevista para o jornal O Globo na edição das 11h, o treinador culpou a arbitragem pelo fato do Brasil não ter ganho a Copa do Mundo. “Se um árbitro tão plenamente imparcial como o que apitou hoje tivesse dirigido o nosso encontro com a Itália, teríamos alcançado a Taça Mundial. [Esse é o verdadeiro papel do árbitro e só posso lamentar que a Taça Mundial nos escape porque há juízes que carecem desse perfeito espírito de imparcialidade” (Só [...], 1938, p. 1).

Outro ponto para justificar a derrota brasileira era o cansaço, uma vez que o Brasil fez uma longa viagem à França. “Os jogadores que integram a equipe brasileira de football partiram para Paris às 8 horas, devendo chegar às 13 horas à capital francesa. O técnico Adhemar Pimenta, antes de partir, declarou à United Press - Com quinze dias de repouso, poderíamos bater os italianos por 3 a 1” (Só [...], 1938, p. 1).

Apesar da eliminação, os jogadores brasileiros foram elogiados. Apenas os jogadores. O trabalho de Pimenta não era alvo de interesse por parte dos repórteres de O Globo. “Pela primeira vez, Batataes jogou em Bordéus. A sua actuação foi boa e a habilidade com que bate o ‘corner’ foi brilhante. Domingos, por sua vez, soube desembaraçar-se dos ataques inversos com uma elegância que provocou insistentes aplausos” (Só [...], 1938, p. 1).

As regras do futebol, em 1938, eram diferentes das que temos atualmente, enquanto escrevemos este trabalho. Na época, não havia substituição. Portanto, se um jogador se machucasse dentro de campo, ele seria retirado, ou ficaria de forma figurativa. Isso é importante para entender o trabalho do treinador também.

**Imagem 6** - Crônica do jogo contra a Suécia mostra que Leônidas se machucou, saiu e voltou ao jogo

**Leônidas sãe de campo**

Para garantir o goal de empate, Leônidas havia entrado sobre o keeper, machucando-se, porém. Após um minuto de interrupção, é carregado para fora de campo, estendido na creta direita.

**Leônidas recebe os cuidados de Volante**

O jogo é afinal reiniciado, mas Leônidas não está no gramado, ficando sob os cuidados do massagista argentino Volante.

**Atacam os nacionais**

Petacio e Tulesko avancam pela esquerda, até à área onde Estrada pede a bola para o zagueiro direito da Suécia.

**Petacio infeliz nos arremates**

Petacio recebe de Roberto. Dribla um zagueiro, dribbla outro e shoota para fora, muito acima da travessa superior do goal sueco. Está infelizmente o caso "in-sider" nos arremates, cujo sucesso seja de habito um bom escotador.

**Quasi...**

Nyberg, em viciosa defesa, que o juiz não vê, avança perigosamente e, muito embora em opima situação, shoota para fora.

**Volta Leônidas**

Após cinco minutos, volta ao campo o centir forward Leônidas, mas agora é a meia esquerda como que ele, permanecendo estendido em campo. São decretadas 22 minutos de jogo.

Fonte: A victoria da Itália sagrou o Brasil!. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 1938. Edição Extra, p. 6

É bom lembrar que, nessa época, não havia substituição nas partidas de futebol. Logo, se um jogador se machucasse, ele deveria ser retirado de campo. Ele podia voltar, ou não. O

jogo também não era interrompido. Como, por exemplo, esta nota sobre Leonidas na partida contra a Suécia. “Para garantir o goal de empate, Leônidas havia entrado sobre o keeper, machucando-se. Porém, após um minuto de interrupção é carregado para fora de campo ficando sob os cuidados do massagista argentino Volante. Após cinco minutos volta ao campo o center forward Leônidas” (A victoria [...], 1938, p. 6).

Para fechar, O Globo resume a participação brasileira na Copa.

Brilhantíssima, sem a mínima sobra de dúvida, foi a campanha do selecionado brasileiro na disputa do Terceiro Campeonato do Mundo. Lutando contra todos os factores, a principiar pela grande viagem empreendida, a equipe brasileira retornará ao nosso paiz com um terceiro lugar tão honroso quanto o próprio título de campeão do mundo. Isso porque a única derrota sofrida no campeonato em nada nos desprestigia, atentando-se às circumstancias em que se verificou com a ausência de Leônidas e pela diferença mínima de um penalty absurdamente consignado. E essa única derrota foi imposta pela seleção que vem de tornar-se novamente vencedora do torneio - a italiana. Acresce ainda a circumstancia de que, perdendo pelo score de 4x2 para a Itália, a Hungria - segundo colocado do torneio - portou-se inferior ao nosso quadro (Só perdemos para os juizes da Fifa. O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 1938. Edição das 11h, p. 1)

**Tabela 5** - Referências gerais ao treinador Adhemar Pimenta na Copa do Mundo de 1938

Data	Positiva	Neutra	Negativa
04 jun	1	22	
06 jun	3	16	
18 jun	1	21	
20 jun		12	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1938

**Tabela 6** - Referências ao treinador Adhemar Pimenta nos subtítulos do jornal O Globo na Copa do Mundo de 1938

Data	Positiva	Neutra	Negativa
04 jun			
06 jun		1	
18 jun			
20 jun			

**Tabela 7** - Termos usados para se referir ao treinador Adhemar Pimenta na Copa do Mundo de 1938

Termo	Quantidade de vezes
Pimenta	47
Adhemar Pimenta	9
Technico Adhemar Pimenta	8
Technico Pimenta	3
Treinador Adhemar Pimenta	2
Treinador	1
Treinador do team	1
Pupilos de Pimenta	1
Technico brasileiro	1
Technico brasileiro Adhemar Pimenta	1

Coach Pimenta	1
Plano de Pimenta	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1938

Para a sequência da análise deste trabalho, a Copa de 1938 trouxe alguns aspectos interessantes. Não apenas a maior menção ao nome do treinador da Seleção Brasileira, mas também permite aprimorarmos a análise.

Em um dos jornais, o nome de Pimenta apareceu no sub-título da reportagem, ou seja, um lugar de destaque. Por isso, a partir desta Copa, a análise começa a ser feita destacando o local em que treinador é citado, o que vai embasar, de maneira geral, as conclusões deste trabalho.

### 3.4 FLAVIO COSTA NA COPA DO MUNDO DE 1950

A Copa do Mundo de 1950 foi disputada no Brasil e teve início no dia 24 de junho e término no dia 16 de julho. O Brasil fez a sua melhor campanha na história dos mundiais, sagrando-se vice-campeão.

Treze seleções disputaram o torneio, sendo divididas em quatro grupos. Destes, dois tinham quatro seleções, um tinha três seleções e um grupo com duas seleções. O Brasil foi sorteado no Grupo A, ao lado de Iugoslávia, Suíça e México.

Na fase de grupos, as seleções se enfrentavam dentro dos grupos, em partidas de turno único. Os primeiros colocados de cada grupo se classificavam para o quadrangular final. Lá, as quatro seleções jogavam entre si, em turno único. Quem somasse mais pontos - a vitória valia 2 pontos e o empate 1 ponto - se tornaria vencedor. A Itália lutava pelo tricampeonato, que daria ao país a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

A campanha do Brasil, neste Mundial, foi:

- 24 de junho - Brasil 4 x 0 México
- 28 de junho - Brasil 2 x 2 Suíça
- 01 de julho - Brasil 2 x 0 Iugoslávia
- 09 de julho - Brasil 7 x 1 Suécia
- 13 de julho - Brasil 6 x 1 Espanha
- 16 de julho - Brasil 1 x 2 Uruguai

O treinador brasileiro nesta Copa foi Flávio Costa, mantendo o padrão, até então, de um treinador diferente em cada Copa do Mundo.

Apesar do torneio ser realizado no Brasil, havia um clima de desconfiança em relação ao time. Ricardo Serran - que passa a assinar as principais reportagens esportivas do periódico - conta que a demora na finalização do Maracanã, à época chamado de Estádio Municipal ou Estádio Derby, levou a um clima de apreensão da participação brasileira. Para piorar a situação, às vésperas do início do Mundial, jogadores importantes se lesionaram. O resultado dos amistosos não foi satisfatório e o time considerado titular estava perdendo para os reservas nos treinos.

Como antes se desconfiava da terminação das obras do Derby, passou-se a não acreditar no team, até para vencer os menos temíveis adversários. Jogadores e fans deixaram-se envolver pelo nervosismo, admitindo o pior logo no encontro com o México. Para agravar a situação de quase pânico, parecia que o azar anunciava dias negros para os cracks, desde o instante em que os teams A e B andaram sofrendo para ganhar de uruguaios e paraguaios. [...] O quadro titular, perdendo sempre para os suplentes,

acabando por ceder sete vagas aos reservas. E não bastassem os contratemplos de ordem técnica, surgiram as contusões em players considerados importantes para a armação da equipe. A lista cresceu justamente na semana da estreia: Chico, Santos, Bauer, Rodrigues e Zizinho (Serran, Ricardo. Começou bem o scratch brasileiro. O Globo, Rio de Janeiro, 26 jun. 1950, p. 1).

A estreia da Seleção Brasileira foi em um sábado, dia 24 de junho. Portanto, havia edição de O Globo naquele dia. Na capa do periódico, destaque para os jogadores, que tiveram seus rostos, em uma montagem, estampados. Na manchete: “Os jogadores brasileiros enfrentam hoje os mexicanos, confiantes em vencer a Copa do Mundo” (Os jogadores [...], 1950, p. 1).

Essa foi a primeira Copa do Mundo a ser realizada após a Segunda Guerra Mundial. Ou seja, foram 12 anos sem a competição.. Neste período, a relação do brasileiro com o futebol mudou. E o jornalismo também. E na capa de O Globo, essas mudanças são explicadas, como se fosse escrito justamente para ajudar aqueles que querem estudar sobre o assunto.

Jamais um acontecimento esportivo, nem mesmo o certame de 38, conseguiu despertar, seja na cidade, seja em todo o território nacional, um interesse tão profundo, tão absorvente, que se irradiasse através de todas as classes sociais. Pode-se dizer que, de ponta a ponta do Brasil, o assunto exclusivo é o campeonato do mundo, é o jogo de hoje, entre brasileiros e mexicanos. Pessoas que jamais se ocuparam com o football, que jamais assistiram a um jogo, que jamais compreenderam o interesse dos outros pelo chamado esporte bretão - vibram com a batalha desta tarde e quase que se improvisam em técnicos, em entendidos, dando opiniões, emitindo sugestões (Os jogadores brasileiros enfrentam hoje os mexicanos, confiantes em vencer a Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jun. 1950)

Essa mudança também é perceptível com a presença dos treinadores na capa do jornal. Abaixo das fotos dos jogadores e da expectativa do jornal para o campeonato, O Globo destaca os treinadores - não apenas do Brasil. “Falam os generais das primeiras batalhas” (Falam [...], 1950, p. 1).

Interessante notar que o termo “generais” aparece pela primeira vez. Possivelmente, em consequência dos conflitos mundiais que assolavam o mundo. Na capa de O Globo, as notícias esportivas dividiram espaço com guerras que aconteciam ao redor do planeta, como a invasão da Coreia do Norte à Coreia do Sul. Mesmo com o fim da Segunda Guerra, o mundo estava em ebulição e isso impactava a forma como o futebol era destacado nas reportagens.

Imagem 7 - Destaque para os treinadores na edição de abertura da Copa de 1950



Fonte: FALAM os generais das primeiras batalhas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jun. 1950.

A foto de Flávio Costa aparece ao lado da foto de outros cinco treinadores de seleções consideradas favoritas para vencer a Copa do Mundo: Otavio Vial (México), Putt Lock (Suécia), Guillermo Eizaguirre (Espanha), Ferruccio Novo (Itália) e Walter Winterbotton (Inglaterra).

Os "generais" das grandes batalhas pela Copa do Mundo estão em perfeita posição de combate. São eles: Flávio Costa, Ferruccio Novo, Walter Winterbotton, Guillermo Eizaguirre, Putt Kock e Otavio Vial. Correspondentemente para os "exércitos" do Brasil, Itália, Inglaterra, Espanha, Suécia e México. E como são os "fronts" mais em vidência, nos primeiros choques, vale a pena perguntar que esperam de seus homens nos combater anunciados e, também, como encaram os choques (Falam os generais das primeiras batalhas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jun. 1950.).

A expectativa para a Copa era tamanha que pela primeira vez foi anunciado que o comércio fecharia durante as tardes de jogos do Brasil. A decisão foi referendada pelo Sindicato da categoria, informa O Globo na página 2.

Ainda na mesma página, uma reportagem, em que se ouve a opinião dos moradores do Rio de Janeiro. Por lá, se percebe o cenário da Copa do Mundo. "Todos os demais - gente das mais diversas categorias sociais e profissões - foram unânimes em comungar com o entusiasmo que empolga o carioca, num sentido mais popular do que até o próprio Carnaval" (Fechamento [...], 1950, p.2).

Em um dos entrevistados, uma menção positiva a Flávio Costa. "Às primeiras palavras, desde que abordamos outro popular - o fiscal da Light chapa 930 - verificamos ser o

nosso interlocutor bastante versado em football. Diz que confia em Flavio Costa, mas embora não pretenda ser técnico de botequim como muitos outros, preferiria o nosso onze assim escalado” (O povo [...], 1950, p.2).

Na última página do jornal, O Globo traz uma retrospectiva sobre a preparação brasileira para a Copa do Mundo. Neste momento, Flávio Costa se torna destaque.

Com a aproximação dos dias da festa, a Confederação Brasileira de Desportos tomou as providências cabíveis. Primeiro, credenciando um treinador e, depois, outorgando ampla autoridade a esse treinador, para fazer a escolha dos elementos. Flávio Costa foi o nome apontado pela unanimidade das consciências. E conseqüentemente aceito. Mas uma vez empossado, também Flávio começou a agir, estabelecendo um amplo e criterioso programa de atividades (Depois da estreia, a torcida acreditará no scratch. O Globo, Rio de Janeiro, p. 14, 24 jun. 1950).

Na sequência, O Globo traz a informação do que seria o trabalho do treinador. Importante destacar que, até então, nada disso tinha sido feito nas coberturas anteriores. A preparação já tinha sido objeto de destaque, mas não com o treinador sendo colocado como a base da organização da preparação.

Depois, viriam os amistosos. Treinamentos de campo e jogos. O calendário foi cumprido a risca. Inclusive o período de observação reclamado por Flávio Costa. Flávio mostrou desejo de assistir três das eliminatórias europeias - Portugal x Espanha, Espanha x Portugal e Inglaterra x Escócia - e obteve meios e recursos para assisti-los. Logo, não faltou nada. Nem um local digno para a concentração, na fase semifinal do apronto (Depois da estreia, a torcida acreditará no scratch. O Globo, Rio de Janeiro, p. 14, 24 jun. 1950).

Após essa retrospectiva, O Globo traz uma entrevista com Augusto da Costa, capitão do Brasil naquele Mundial. Na parte final da conversa, o jornalista pergunta para o jogador qual time ele escalaria para a estreia. Augusto declina, mas joga luz sobre a responsabilidade do treinador. “Meditando, pesando e medindo a extensão das responsabilidades de um selecionador, imaginando-se Flavio, saindo-se do que a gente é, ao que se seria sobre os ossos e a pele de Flávio, é que se pode sentir a sensação de que é desagradável, doloroso e impossível satisfazer quarenta e cinco milhões de ‘técnicos’” (Depois [...], 1950, p.14).

Ou seja, nesta declaração de Augusto, começa-se a mostrar mais sobre o treinador. Em 1950, ele passa a ser mais o foco das reportagens e da análise. E mais, já se começa a mostrar que o futebol tinha um contexto nacional, em que as pessoas opinavam e criticavam o que os treinadores faziam, principalmente nas escalações.

No dia 26 de junho, dia seguinte à estreia do Brasil, a capa de O Globo destaca a goleada. No entanto, nenhuma menção ao treinador. O Maracanã, chamado de Estádio

Municipal, e Jair, eleito o melhor jogador da estreia contra o México, foram os destaques. “Há um sentimento de euforia dominando a cidade. Contentamento coletivo, felicidade, sorrisos, tudo isso se estampa nas fisionomias com a força das coisas essenciais. [...] Foi o shoot que abriu o caminho para a Copa do Mundo, que deu ao Brasil um ardor de campeões” (Abrindo [...], 1950, p. 2).

A empolgação com a Copa do Mundo era tamanha, que o jornal seguia trazendo esses detalhes sobre o quanto a população abraçou o Mundial.

A curiosidade do povo brasileiro, que sempre mostrou extraordinário interesse pelo "association", não se limita porém apenas aos resultados das grandes partidas. O público volta sua atenção para tudo que se relaciona com o football - sua história, os episódios marcantes de sua evolução, sua difusão no mundo inteiro, ensinamentos e comentários sobre suas regras, bem como seu aperfeiçoamento (Abrindo caminho para a Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 26 jun. 1950).

Outra novidade da Copa de 1950 é a assinatura da crônica da partida. Aquela da vitória sobre o México foi feita por Ricardo Serran.

O triunfo, realmente, não é o bastante para afastar a onda de pessimismo, pois os tentos não nasceram de uma performance das mais convincentes. Há, porém, o outro lado da questão, a velha história de que o scratch não precisou exibir toda a gama de seus recursos, para firmar no campo e no placard a sua superioridade sobre um adversário ainda nos primeiros passos do football (Serran, Ricardo. Começou bem o scratch brasileiro. O Globo, Rio de Janeiro, 26 jun. 1950, p. 14).

Durante a crônica, nenhuma menção ao treinador Flavio Costa. Também é perceptível a mudança na forma de fazer jornalismo esportivo. Se em 1930, 1934 e 1938, a crônica era uma espécie de tempo real do jogo, na Copa de 1950, a crônica já é um texto corrido.

**Imagem 8** - Em 1950, a crônica do jogo passa a ser em texto corrido

**INICIADA A MARCHA  
TRIUNFAL**

Afinal, chegou a hora do "toas", e a multidão pôde aliviar a tensão nervosa com que vinha aguardando a estréia de nosso scratch. O primeiro adversário do Brasil ainda não possui tradição de football para que a torcida pudesse recear pela sorte do "onze" brasileiro. Mas o nervosismo da expectativa tem uma explicação: o homem da arquibancada queria ter uma medida das nossas possibilidades, através da "performance" que o team cumprisse contra o México. Há um aspecto que devemos destacar: o apoio irrestrito ao scratch. Os aficionados perceberam que o quadro está precisando ganhar confiança em seus próprios recursos, adquirir consciência da própria força. E

Fonte: Serran, Ricardo. Início triunfal na Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 10, 26 jun. 1950

Uma outra reportagem, de Geraldo Romualdo da Silva, trouxe os bastidores da estreia da Seleção Brasileira, na Copa do Mundo de 1950. O clima de nervosismo era tamanho, que Augusto, capitão da equipe, declarou ao Globo. “Isto que aí está ocorre comumente conosco. Chama-se medo da ‘hora H’. Receio de não agradar. Pavor de não produzir o que se sabe e o que se pode. Precisamos de uma vitória grande, vitória numericamente grande para convencer e satisfazer os pessimistas, daí esta expectativa, esta falta de sono, esta intranquilidade” (Silva, 1950, p. 13).

As menções a Flávio Costa são neutras nas palavras. Mas, no contexto, entendemos como negativa, primeiro, e positiva, depois.

Flávio começou a modificar-se. Antes, conduzia-nos, o braço enfiado no nosso braço, até o vestiário. Estava completamente calmo. Bem falante, comunicativo. Foi, porém, pressentir que os primeiros movimentos indicadores de que o toss estava por pouco, para se fechar no mais tumular dos silêncios. E quando entrou em campo, então, a equipe lá na frente, ele e Giffoni mais atrás, fez o que jamais ocorreu fazer nessas ocasiões: escondeu-se dos repórteres, buscando na "barreira" compacta dos músicos, um esconderijo ideal para a fuga às entrevistas. Já quando o match acabou voltou ele a ser o Flavio de todas as horas. Tornou a ser comunicativo (SILVA, Geraldo Romualdo da. Porque vencemos... porque perdemos. O Globo, Rio de Janeiro, p. 13, 26 jun. 1950).

Fechando a edição, o jornal trazia um resumo da atuação individual de cada um dos 11 jogadores brasileiros que entraram em campo. O treinador não era citado.

Mais de 20 dias após a estreia, o Brasil se preparava para a disputa da primeira final do país na história da Copa do Mundo, que assim foi retratado pelo O Globo. “A postos, para a última batalha” (A postos [...], 1950, p.1). Flávio Costa é mencionado no sub-título. “Flavio Costa já enfrentou muitas vezes o esquadrão uruguaio” (A postos [...], 1950, p.1). O treinador aparece na foto, na legenda, é descrito como “cauteloso”. No contexto da euforia, o trabalho considera esse adjetivo como positivo.

Na manchete, O Globo já dá o prenúncio de como era o clima da torcida e da imprensa. “A postos, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! A postos, torcedores, para o incentivo ao scratch do Brasil e para o respeito ao adversário! Queremos a vitória, só a vitória, nada mais do que a vitória” (A postos [...], 1950, p.1)

Na reportagem de capa, o jornalista foi até São Januário, onde o elenco se preparava para o confronto contra o Uruguai, a ser disputado no dia seguinte. Flávio Costa passa a ser destaque por prever como será a partida. Neste caso, a citação a ele é entendida como positiva. “Por isso Flavio está absolutamente convencido de que, para vencer amanhã,

necessário se torna que encaremos os orientais como temos feito até aqui. Capazes por todos os títulos de explorar qualquer falha nossa, qualquer descuido, que poderá assim se tornar fatal” (A postos [...], 1950, p.1).

Ainda na capa, uma reportagem falando que os torcedores acordaram cedo para garantir ingressos para a final. O clima era de total euforia por parte da torcida com a vitória do Brasil sobre o Uruguai. A expectativa era tanta que o presidente da CBD, Mario Pollo, estava sendo criticado por falta de ingressos para o confronto. Em entrevista, ele respondeu:

Meio milhão de brasileiros e estrangeiros querem assistir às finais da Copa do Mundo e o estádio, apesar de ser o maior do mundo, só tem capacidade para duzentas mil pessoas. [...] E tudo isso sem ter interferência de espécie alguma com a questão da venda de entradas. E não devem ser responsabilizados, também, os funcionários da CBD, todos honestos, os quais não podem fabricar ingressos para atender à massa incalculável de interessados, em número várias vezes superior à real capacidade do estádio (Uma vitória ainda maior é o que todos esperam. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jul. 1950).

Na página 2, continuação da reportagem com a opinião dos torcedores que enfrentavam horas de fila para comprar ingressos. Entre a dezena de entrevistados, a maioria elogiava jogadores, como Zizinho, que posteriormente seria eleito o melhor jogador da Copa.

Há ainda a fala de uma adolescente, que simboliza como o futebol se enraizou na sociedade, naquela Copa. “Até hoje não me havia animado a enfrentar essa multidão para assistir a um jogo, mas não posso resistir mais à tentação de ver estes jogadores. Afinal das contas, a pessoa se sente até mal, atualmente, se não discute um pouquinho de football com os amigos. Faz parte da cultura geral estar a par dos últimos goals de Ademir ou Chico” (Dormiram [...], 1950, p.3).

Mas, entre esses torcedores, houve um que elogiou muito Flávio Costa. “Nossos rapazes têm conjunto, fibra, resistência, ardor e uma malícia inigualável. A propósito, é tempo de se dedicar uma homenagem a Flavio Costa” (Dormiram [...], 1950, p.3).

De acordo com o regulamento, o quadrangular final seria definido em uma disputa de todos contra todos. O Brasil goleou Suécia (7 a 1) e Espanha (6 a 1). O Uruguai bateu a Suécia por 3 a 2 e empatou com a Espanha em 2 a 2. Com isso, o Brasil jogava pelo empate, enquanto o Uruguai precisava da vitória para ficar com o troféu. Espanha e Suécia disputaram a partida para cumprir tabela, ou seja, não tinham mais chances de conquistar o título da Copa do Mundo.

Na última página do jornal, onde normalmente vinham as reportagens esportivas, o clima era contraditório: euforia tentando ser pé no chão e apelando para as divindades.

Todo o país anseia pela repetição das grandes vitórias que tão alto elevaram o prestígio do football brasileiro no conceito mundial. Grande vitória, não significando, embora, vulto de placard. Mas grande vitória na mesma exibição de jogo impressionante de classe e de limpeza, apresentada nos dois primeiros jogos do turno finalista. Toda a torcida brasileira, possivelmente cerca de duzentas mil pessoas e os restantes milhões em espírito, estará no Derby para estimular os cracks nacionais à grande consagração da conquista do campeonato do mundo. E oxalá possam os nossos cracks corresponder à esse anseio da massa torcedora (Luta final pelo título de campeões do mundo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 12, 15 jul. 1950).

Na mesma reportagem, mais uma vez, o jornalista se equilibra entre o otimismo e a realidade, dentro de uma reportagem. Depois de destacar o Brasil pelas goleadas, insere que o futebol uruguaio precisa ser respeitado, por causa das conquistas do bicampeão olímpico e da Copa de 1930. “Os uruguaios surgem como adversários tradicionalmente perigosos e que estão a exigir o máximo de cuidado [...]. Qualquer descuido, qualquer subestimação do adversário poderá ser fatal para as nossas aspirações” (Luta [...], 1950, p. 12) .

No dia da final, que era um domingo, não houve edição de O Globo. Na segunda, dia 17, duas edições foram publicadas ao longo do dia. A chamada Primeira Sessão começa com a capa voltada para a vitória do Uruguai. O rosto dos 11 jogadores são colocados no jornal. Não há a colocação da foto do treinador uruguaio Juan Lopez, campeão do mundo.

A justificativa para a derrota é colocada nas entrelinhas, nos jogadores. “Baqueou o esquadrão brasileiro, ao termo de empolgante arrancada. Da expectativa à decepção amarga. Duas falhas lamentáveis tornaram mais patente uma tarde infeliz dos jogadores patrícios” (Campeão [...], 1950, p. 1).

Na reportagem da capa, o jornalista deixava bem clara a decepção com a derrota do Brasil.

Estava pronta a moldura para o quadro que deveria dar ao Brasil o primeiro campeonato do mundo. Veio gente do Amazonas, do Rio Grande do Sul e de todos os recantos do Brasil para assistir ao que seria o maior feito do esporte brasileiro em todos os tempos. Houve quem acampasse nas imediações do estádio, na véspera. [...] Provavelmente não haverá neste século outra Copa do Mundo no Brasil. [...] E se o Brasil perdesse? Só o levantamento da hipótese era acompanhada rapidamente de três pancadinhas na madeira (Campeão o Uruguai. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 1).

Na outra reportagem, foco nos 169 torcedores que se feriram ou passaram mal durante a partida. E no 2º Sargento reformado da Marinha, João Soares da Silva, que ouvia o jogo

pelo rádio, em casa. Nos minutos finais, começou a passar mal e morreu logo após o apito final.

A derrota do selecionado brasileiro foi um verdadeiro choque para os torcedores. [...] Homens e mulheres de todas as idades, nas ruas, nos cafés e nos meios de condução, não escondiam às vezes as próprias lágrimas. [...] Às 17.45 horas, no derradeiro minuto da peleja falecia emocionado o 2º sargento reformado da Marinha, João Soares da Silva. [...] Ele ouvia toda a irradiação de pé, andando de um lado para o outro da sala. Nos últimos instantes sentara-se deixando transparecer sua aflição. Minutos depois, antes que a inquilina pudesse providenciar algum socorro, o sargento caiu pesadamente no solo, já sem vida (Campeão o Uruguai. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 1).

Na página 6, teve a sequência da reportagem de capa. Ali, colocam-se os responsáveis, na visão da imprensa, da derrota para o Uruguai.

Aquele silêncio que sucedeu aos dois goals uruguayos explica tudo. Em todos os lares desse vasto território que é o Brasil estava sendo preparada a comemoração da vitória, e a falha de Bigode, logo seguida de outra falha inexplicável, de Barbosa, permitindo que o ponta direita uruguiaio selasse a derrota do Brasil, estragou todo o programa. A festa nacional ficou adiada (Campeão o Uruguai. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 6).

Novamente, o foco da reportagem vai para a decepção da torcida. “Quem assistiu aos noventa minutos dramáticos, que arrebataram ao Brasil [...] poderá ter uma medida da extensão do golpe vibrado na alma da torcida. Pois o ‘decimo segundo jogador’ foi o único que não fracassou na derrotada de todas as nossas aspirações ao título máximo” (Campeão [...], 1950, p. 6).

Nas páginas finais da edição, a reportagem de Geraldo Romualdo da Silva sobre a derrota, traz Flávio Costa no subtítulo, com uma menção positiva. “Lágrimas de desespero no vestiário dos cracks nacionais e lágrimas de alegria no reservado dos uruguayos. Palavras sensatas do técnico Flávio Costa” (Silva, 1950, p. 12).

A reportagem se esforçou para deixar claro ao leitor como a derrota era algo que tinha, de fato - como dito em outra matéria - atingido a alma dos brasileiros.

Nada. Palavra alguma, expressão nenhuma, reproduz exata e fielmente o que foi o reservado dos brasileiros, uma vez terminada a batalha que decidiu a posse do troféu Jules Rimet. Só mesmo vendo, só mesmo diante dos fatos, da eloquência dos sentimentos e das lágrimas, poder-se-ia constatar, pesar e medir o grau das ocorrências que coroaram o fim de tarde do Maracanã (SILVA, Geraldo Romualdo da. Os brasileiros esqueceram-se que estavam disputando uma Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 12).

Os cracks nacionais pareciam verdadeiros autômatos. Como que caminhavam tropeçadamente, perdidamente [...] O último a deixar o campo foi Danilo. E foi ele também o último a ganhar o vestiário. Chegou tarde, foi chegando aos poucos, arrastando-se pelo corredor escuro do longo e silencioso túnel. Danilo andava sem rumo, funebremente, andando e parando. De quando em quando parava para esfregar os olhos, para olhar outra vez o espaço. Aí, então, punha-se a caminhar novamente, vagamente, perdidamente. E vendo-nos, não teve senão estas palavras. "Foi uma desgraça! Por Deus que ainda não compreendi como que isso nos sucedeu. Quisera que a terra se abrisse e me tragasse de uma vez! (SILVA, Geraldo Romualdo da. Os brasileiros esqueceram-se que estavam disputando uma Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 12).

Na sequência da reportagem, novamente, menções positivas, pelo contexto, ao treinador. "Flavio ia e vinha, animando um e confortando outro. Estava pálido, estava triste, mas senhor de si" (Silva, 1950, p. 12).

Nas falas do treinador, Flávio tratou de não culpar ninguém. Falou que o otimismo impactou os jogadores. Ao jornal coube apenas as aspas do treinador.

Foi uma tarde pouco propícia para o nosso setor esquerdo defensivo, mas seria desumano culpar-se A ou B pela derrota [...] Ficou patente o excesso de otimismo. Mas esse otimismo se irradiava das ruas. [...] Nem eu esperava pelo pior. Sabia, sim, que o team uruguaio era bravo. Tanto que não me cansei de avisar, durante toda a semana, que teríamos dos uruguaios o mais terrível dos adversários. [...] Nenhuma providência deixou de ser tomada a tempo e hora. Antes do match e no intervalo. Lição por lição recebida no primeiro half-time foi estudada e meditada à luz dos acontecimentos. Mais do que isso seria impossível fazer-se (SILVA, Geraldo Romualdo da. Os brasileiros esqueceram-se que estavam disputando uma Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 12).

O repórter escreveu que o massagista Mário Américo estava chorando muito pela derrota e chegou a passar mal. Mais uma intervenção de Flávio Costa. "Foi preciso a intervenção de Flavio, foi necessário que todos os médicos o socorressem para que Mario voltasse à calma e restituísse, por seu turno, a tranquilidade ambiente" (Silva, 1950, p. 12).

Naquele dia, O Globo publicou duas edições. Na "edição final", veiculada no período da tarde, traz uma grande reportagem com Flávio Costa, na última página.

Na manchete, temos: "A amargura do técnico. 'A derrota não é só minha - declara Flávio - É de todo o Brasil'" (A [...], 1950, p. 12). Neste caso, consideramos, pelo contexto, duas menções negativas ao treinador. Flávio também aparece em uma foto postada na capa do jornal. A imagem é dele sóbrio, conversando com alguém. E, na legenda, uma reprodução da entrevista em que diz que o time brasileiro estava "pregado" em campo.

A entrevista começa com tom positivo ao treinador. “O homem sereno e superior que é Flávio Costa, não perdeu a personalidade e o controle na hora da borrasca” (A [...], 1950, p. 12). Na sequência, o repórter se coloca em condição igual ao do treinador: triste com a derrota. “Há, sim, amargos em suas palavras. A voz se arrasta dolorosa e pausada, mas vem ao encontro das exigências, da cruel realidade que é a vida. A ele e ao repórter lhe reservam nesta hora de meditação e sofrimento. Estamos ao seu lado numa manhã de pesares” (A [...], 1950, p. 12).

Na sequência, mais duas menções positivas ao treinador. A entrevista é concedida ao lado da esposa, Florita, que, em determinado momento, segundo o repórter, começa a chorar e ter “crise de nervos”. Então, o jornal relata. “Flavio tranquilize-a. Flavio pede calma. Encara a situação com frieza e dignidade, com altivez e bravura” (A [...], 1950, p. 12).

Logo depois, uma crítica. Mas, feita pelo próprio treinador a ele mesmo. “Quem perdeu a batalha não foi Flavio Costa, o homem exposto, o homem para o qual se voltam todos os indicadores, todos os olhares. Não, não foi eu só, foi o Brasil todo, foi o Brasil inteiro. Se houve uma desgraça é esta” (A [...], 1950, p. 12).

Neste ponto, é importante fazer alguns questionamentos, que esse trabalho não conseguirá responder totalmente, mas podem servir de inflexão para futuras pesquisas: Quem se voltou a Flávio Costa? Pela imprensa, pelo menos nas páginas de O Globo, a responsabilidade não era dele. Tanto que, mesmo com a derrota, Flávio é elogiado pelo repórter do jornal.

No meio da entrevista, o treinador traz, o que para ele, é o fator principal da derrota. “Infelizmente, não nos foi possível conter a onda de otimismo que invadiu São Januário na véspera do encontro [...] Tive - imaginem vocês - de recolher até lenços com alusões aos campeões do mundo de 1950, como se football se pudesse ganhar na véspera” (A [...], 1950, p. 12). Flávio, neste caso, cita caravanas de torcedores e políticos no local. Em outubro, o Brasil passaria por eleições.

Na conversa, Flávio cita Bigode, de forma indireta, jogando para ele uma responsabilidade pela derrota. “Parecia que não tínhamos sangue. Que estávamos parados. Você não viu Bigode? Que é que caracteriza mais Bigode como half-back? Claro: bravura. Poder de antecipação. Coragem física e moral. No entanto, Bigode não parecia estar vivendo naquele instante de vida e de morte para o football do Brasil” (A [...], 1950, p. 12).

No fim, mais uma menção positiva feita pelo jornalista ao treinador. “E como um homem consciente, consciente do dever cumprido, foi que ele cumpriu realmente seu dever, Flavio olhou para o infinito e concluiu: - É preciso lutar e eu lutarei” (A [...], 1950, p. 12).

Imagem 9 - Após a derrota, Flávio Costa concedeu entrevista ao O Globo

## A AMARGURA DO TÉCNICO:

# "A DERROTA NÃO É SÓ MINHA - DECLARA FLAVIO - É DE TODO O BRASIL"

UMA REVELAÇÃO SENSACIONAL: O TÍTULO FORA PERDIDO NA VESPERA



O team parecia pregado em campo — diz Flávio, a O GLOBO. Quando chegamos ao topo da escada, depois de inúmeros sacrifícios, já lá se encontravam à nossa espera o quadro "celeste"

Jornadas e em todos os transeos. Flávio é quem se desespera mais, é quem chora mais, quem mais melha e quem mais se perde ao vale-vem das rememorações. A ponto de, em certo momento, não poder conter a crise de nervos, de não se conter e falar:

— Já não erola em mais nada! Em nada! (Ira mada)

O PESAR É DO BRASIL

INTERIO

Flávio tranquiliza-se. Flávio pede calma. Encara a situação com frieza e dignidade, com altivez e bravura. Levanta-se, suspira fundo, longamente, e observa:

— Quem perdeu a batalha não foi Flávio Costa, o homem responsável, o homem para o qual se voltam todos os indicadores, todos os alibares. Não, não foi eu, foi o Brasil todo, foi o Brasil inteiro, de houve uma desgraça é esta.

— É preciso lutar sempre, Flávio. A vida é luta, é uma luta constante.

— Claro, "velho". Mesmo porque não há outro remédio senão lutar. Eu lutarei até o fim. Lutarei com muita mais forta, ainda, nestas horas difíceis.

TODA GLORIA TEM O SEU PREÇO

Depois, já acomodado, arma a sentença:

— Parece um velho aforisma,

NINGUEM GANHA JOGOS NA VESPERA

Flávio silenciou por instantes, e respondeu:

— Houve, é claro, uma preparação psicológica para a batalha. Nós não nos desculpamos um minuto sequer do "perigo à vista". Os jogadores eram diariamente despertados para a necessidade de se enquadrarem à dura realidade de que quem vicia lá era o Uruguai, bravura e classe nesses momentos decisivos.

Nova pausa do selecionador e este adverte:

— Infelizmente, não nos foi possível conter a onda de otimismo que invadiu São Januário na véspera do encontro. Não houve compreensão dos visitantes — gente do interior, caravanas imensas de "torcedores" — caravanas de políticos, cada qual falando mais alto em "campos do mundo", cada qual agregando mais, com mais convicção, que o título estava no "mapa". Um desastre! Um perigo im adorado! No fim, eu tirei de me desdobrar para fugir e para dar fuga aquela intenção. Tirei — imatrimen vezes — de recolher até lençóis, bençãos com alibares aos campos do mundo de 1950, como se futebol se pudessem ganhar na véspera.

E AINDA POR CIMA

FALTOU FORTUNA

— Ao contrário do que acontecia conosco, os uruguayos lu-

## NOVAMENTE COM OS OLÍMPICOS



Fonte: "A derrota não é só minha - declara Flávio - é de todo o Brasil". O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição Final, p. 12

Ricardo Serran fez a crônica da partida. No texto, segue a linha adotada pelo jornal: zero crítica ao treinador e responsabilização de Bigode e Barbosa.

Foram tentos que nasceram, inclusive e principalmente, de falhas lamentais, embora seja fácil querer acusar agora Bigode e Barbosa sozinhos pelo fracasso, [...] É bom lembrar que cada player teve a sua participação no revés, com os erros do primeiro tempo, na fase de domínio, como também pela falta de apoio ao setor desguarnecido, abandonando Bigode à sua própria sorte (SERRAN, Ricardo. Vitória do Coração. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição Matutina, p. 13).

Carlos Arêas trouxe os principais lances da partida e a análise individual de cada jogador. Mais uma vez, nenhuma menção a Flávio Costa, mesmo quando se analisou mais taticamente a partida. "Em conjunto, todavia, tecnicamente, o team até que jogou bonito. Mas bonito demais, com passes curtos e lentos demais, com driblings demais antes de um passe qualquer" (Serran, 1950, p. 13).

E a culpa, novamente, nas costas dos jogadores. "E pecou pelas falhas de Bigode e de Barbosa, nos lances capitais que decidiram a partida em favor dos uruguayos, no segundo tempo" (Serran, 1950, p. 13).

**Tabela 8 - Menções a Flávio Costa nas edições de O Globo na Copa de 1950**

Data	Positiva	Neutra	Negativa
24 jun	1	15	
26 jun	1	3	1
15 jul	4	5	
17 jul	7	7	3

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho e julho de 1950

**Tabela 9 - Menções a Flávio Costa nas manchetes de O Globo na Copa de 1950**

Data	Positiva	Neutra	Negativa
24 jun			
26 jun			
15 jul			
17 jul			2

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho e julho de 1950

**Tabela 10 - Menções a Flávio Costa nos subtítulos de O Globo na Copa de 1950**

Data	Positiva	Neutra	Negativa
24 jun			
26 jun			
15 jul		1	
17 jul	1		

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho e julho de 1950

**Tabela 11 - Imagens em que Flávio Costa aparece nas edições de O Globo na Copa de 1950**

Data	Positiva	Neutra	Negativa
24 jun		1	

26 jun			
15 jul		1	
17 jul		1	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho e julho de 1950

**Tabela 12** - Vezes que Flávio Costa é citado na legenda das imagens de O Globo na Copa de 1950

Data	Positiva	Neutra	Negativa
24 jun		1	
26 jun			
15 jul	1		
17 jul		1	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho e julho de 1950

**Tabela 13** - Termos usados para se referir ao treinador Flávio Costa na Copa do Mundo de 1950

Termo	Quantidade de vezes
Flavio	30
Flavio Costa	14
Selecionador	2
Técnico Nacional	1
Técnico Flavio Costa	1
General	1
Técnico	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho e julho de 1950

Na Copa do Mundo de 1950, já temos o treinador ganhando mais destaque com elogios e críticas ao longo das reportagens. Esse padrão passa a se repetir nas próximas Copas. Importante, novamente, perceber que o jornal sempre encontra um culpado para os fracassos. Nas primeiras Copas foi a falta de união e organização. Na Copa de 1938, foi a arbitragem. Na Copa de 50, a responsabilidade caiu nas contas de Barbosa e Bigode.

### 3.5 ZEZÉ MOREIRA NA COPA DO MUNDO DE 1954

A Copa do Mundo de 1954 foi disputada na Alemanha, com início em 16 de junho e término em 04 de julho. O regulamento desta competição foi diferente daquele adotado nas últimas.

O número de participantes voltou a ser de 16 seleções. Eles foram divididos em quatro grupos. No entanto, eram dois cabeças de chave em cada grupo. Essas equipes não se enfrentavam, assim como as outras duas seleções que compunham a chave. Ou seja, na fase de grupos, apenas duas partidas eram realizadas.

Os dois primeiros de cada chave se classificavam para as quartas de final. A partir daí, era mata-mata. Quem ganhasse, passava. Quem perdesse, era eliminado. O Brasil foi eliminado nas quartas de final. Os jogos da Seleção Brasileira, neste Mundial, foram:

- 16 de junho - Brasil 5 x 0 México
- 19 de junho - Brasil 1 x 1 Iugoslávia
- 27 de junho - Brasil 2 x 4 Hungria

O treinador brasileiro nesta Copa foi Zezé Moreira, mantendo a tradição de um treinador diferente em cada mundial.

A primeira edição analisada foi a do dia 16 de junho, em que o Brasil encarou o México, assim como em 1950. Na capa, temos algumas referências à partida entre Brasil e México. O mais importante é que, nesta Copa do Mundo, havia uma edição extra, com o resultado da partida.

Também na primeira página, há uma espécie de editorial, intitulado de “Independência ou Morte”, em que se traça a expectativa para a disputa do Mundial. Naquele momento, na visão de O Globo, o Brasil vivia uma “crise de confiança, a carestia da vida, a falta d'água e, quiçá, de amor” (Independência [...], 1954, p. 1). Eram tempos de governo Getúlio Vargas, que enfrentava um pedido de impeachment, e, meses depois, se suicidaria.

Diante deste cenário, a postura de O Globo é que a Copa do Mundo poderia mudar a realidade brasileira. “O país inteiro, de norte a sul, de todas as direções a todas as direções, está com respiração suspensa, aguardando. Como será a atuação dos nossos rapazes?” (Independência [...], 1954, p. 1). Mas, no próprio texto, o jornal responde. “Os mexicanos, por sua vez, não podem conosco. Vamos goleá-los, fazer-lhes a barba e o bigode, diante da plateia do Velho Mundo, pálida de espanto” (Independência [...], 1954, p. 1).

E, na sequência, vem a primeira menção a Zezé Moreira. “O último treino não foi bom, mas pouco importa. Zezé Moreira, o grande, o papa, certamente arranjou as coisas para despistar. Cumpriremos o nosso dever, seja como for, e a bandeira nacional há de tremular alto, muito alto, no mastro da vitória” (Independência [...], 1954, p. 1).

Imagem 10 - Editorial de O Globo mostra a importância da Copa do Mundo para o país

# INDEPENDENCIA OU MORTE!

**E**STRÉIA HOJE a equipe brasileira na Copa do Mundo. O “Impeachment”, a crise de confiança, a carestia da vida, a falta d’água e, quiçá, de amor, ficam de repente para trás. O país inteiro, de norte a sul, de todas as direções a todas as direções, está com a respiração suspensa, aguardando. Como será a atuação dos nossos rapazes?

A pergunta é incômoda e as fibras cívicas de nosso peito estalam de ansiedade. Gostaríamos de ter uma certeza certa, e cega. No jogo, entretanto, como na loteria e no amor, sobram surpresas e imprevistos. Esta é a voz da experiência — maldita experiência! — e força é reconhecer que perdemos, com a infância, a capacidade de crer sem discussões.

Mas, discutir o que? — pergunta dentro de nós a clara chama do otimismo. O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Somos tristes, uma raça triste, mas fortes. Ecoam, na memória alvoroçada, as frases escolares: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

Em verdade temos cumprido o nosso dever em matéria de “football”. Não somos campeões do mundo, mas sobra-nos virtuosismo nos pés e entusiasmo na alma. Os mexicanos, por sua vez, não podem conosco. Vamos goleá-los, fazer-lhes a barba e o bigode, diante da platéia do Velho Mundo, pálida de espanto. Já aí as dúvidas se esgarçam. O último treino não foi bom, mas pouco importa. Zezé Moreira, o grande, o papa, certamente arranjou as coisas, para despistar. Cumpriremos o nosso dever, seja como for, e a bandeira nacional há de tremular alto, muito alto, no mastro da vitória... Pois temos que vencer. Possuí-nos, aos poucos, a fé que nos faltava. Não discutimos mais, acreditamos, apenas, num fervor catecúmeno. E a pátria, a doce, a grande, a amarga pátria, que tantas dores de cabeça nos tem dado, assume de repente o rosto de Julião e o torso de Castilho. A pátria ali está, feita de nervos e músculos, e eis que nos invade uma esperança puríssima nos rapazes, nesses bravos e heróicos rapazes que comungaram ontem, para entrar no campo em estado de graça...

Excelentes, magníficos rapazes! A bandeira, o hino, a democracia, por um momento, sois vós, alma da nossa esperança, esperança de nossos desgostos e desidias. Tudo vai mal, vós ides bem, nas montanhas suíças. E a vossa vitória, certamente, nos há de reconciliar, um instante que seja, com as filias, dramas, trânsito, Governo e escândalos. Independência ou morte!

Essa é a única exceção, em todo trabalho, de analisar um texto que não seja reportagem. É importante destacar que, diante de todos os jornais analisados, essa foi a única Copa em que o futebol se tornou editorial. Nem mesmo em 1970, que analisaremos mais à frente, o esporte é tão destacado. De fato, o futebol era considerado pelo O Globo como algo que poderia salvar e trazer uma felicidade à Nação. A análise se dá justamente por ter algo que foge da normalidade vista ao longo deste estudo.

Na seção esportiva, na manchete, aparece o nome de Zezé Moreira. Mas, sem nenhum destaque positivo ou negativo, apenas informando que tinha decidido a escalação que iniciaria a saga do Brasil em busca do primeiro título mundial. “Na tarde de ontem, processada mais uma revisão médica do plantel, o selecionador Zezé Moreira deu ao conhecimento público, oficialmente, a constituição do scratch brasileiro para a estréia: Castilho, Djalma Santos, Pinheiro e Nilton Santos, Brandãozinho e Bauer, Julinho, Didi, Baltazar, Pinga e Rodrigues” (Serran, 1954, p. 8).

Na reportagem, antes da partida, Ricardo Serran, um dos enviados de O Globo para a Copa do Mundo, descreveu o clima de nervosismo dos jogadores. “A missa celebrada na concentração de Macolin pelo padre Cristian, conforme divulgamos, sem dúvida contribuiu bastante para serenar um pouco os ânimos, já que o clima de nervosismo entre os integrantes do plantel era grande” (Serran, 1954, p. 8).

No entanto, apesar de na capa haver uma grande expectativa para o Mundial, principalmente diante dos problemas do país, as reportagens dentro da seção esportiva eram mais neutras. Traziam os fatos, não colocando tom ufanista ou otimista com relação à conquista do troféu.

Zezé Moreira aparece na imagem da reportagem sobre a preparação do Brasil para a estreia. No entanto, é uma foto neutra, em que está bebendo uma espécie de refrigerante. Na legenda, destaca-se que o treinador tinha definido a equipe para o confronto contra o México.

Na página seguinte, Ricardo Serran fala sobre as dificuldades do Brasil para conseguir bons locais para se concentrar para a estreia contra o México. Na reportagem, duas fotos de Zezé Moreira inspecionando possíveis locais, sem nenhum juízo de valor por parte do repórter, apenas noticiando os fatos.

No mesmo dia, O Globo fez uma edição especial, com os detalhes da vitória do Brasil na estreia contra o México. Não há nenhuma menção a Zezé Moreira. Os destaques são os jogadores Baltazar e Pinga. O primeiro, autor do gol inaugural da goleada por 5 a 0. O segundo, considerado pelo jornal como destaque da partida, com dois tentos.

Além de destacar os jogadores, O Globo também trouxe que o jogo foi transmitido pelo rádio, com auto falantes espalhados pelas ruas do Rio de Janeiro, com uma multidão que se avolumava para acompanhar a transmissão. “Não se via ninguém comprando [...] Também quase não havia assistência nos cinemas da Cinelândia. Entretanto, a Praça Marechal Floriano regurgitava de povo. A irradiação direta do match pela Rádio Globo obteve um êxito sem precedentes. [...] Onde houvesse um alto-falante instalado assinalava-se verdadeira multidão, tanto no centro da cidade, como nos subúrbios e na zona sul” (Vitória [...], 1954, p. 1).

O jornal trouxe impressões de figuras importantes da política brasileira, como o ex-presidente Eurico Gaspar Dutra. Também destacou que Getúlio Vargas recebeu com alegria os gols brasileiros. Os trabalhos no Senado e na Câmara Municipal foram praticamente paralisados, com os parlamentares acompanhando a partida.

Apesar de toda essa mobilização, Ricardo Serran deixava claro que o Brasil carregava os traumas da derrota na final de 1950.

Já uma vez fracassamos quando tudo nos beneficiava e tudo indicava que seríamos os campeões do mundo. O otimismo exagerado foi então mais forte do que as próprias qualidades técnicas do adversário. Agora, o panorama é outro. Não temos mais o calor vibrante da torcida, nem a vantagem de atuar em própria casa. Mas não é menos a vontade de vender dos nossos cracks, nem menos intensos os votos dos que, em todo território nacional, torcem, nervosos, junto aos rádios, pelos que em campos da Suíça, lutam pela glória do football brasileiro (Serran, Ricardo; Silva, Geraldo Romualdo da. Vitória. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jun. 1954. Edição Extra, p. 3).

Na edição de 1954, o jornal O Globo retomou a crônica do jogo, sendo feita no tempo real, conforme visto nas Copas de 1930, 1934 e 1938. Neste tempo real, apenas uma menção à Zezé Moreira, na legenda da foto de Rodrigues. “Rodrigues foi o único atacante brasileiro que não fez goal na peleja de hoje, em Genebra. Mas todos sabem que dentro do sistema Zezé, Rodrigues atua mais recuado para a defensiva do que para o goal” (Serran; Silva, 1954, p. 4).

Interessante notar o “sistema Zezé”. Ou seja, o futebol já ia ganhando contornos mais táticos dentro do jornal, com a evolução do esporte e do jornalismo esportivo. Zezé já é identificado com um sistema de jogo, um modelo de escalar a equipe.

Apesar disso, dentro do tempo real, o treinador não é responsabilizado nem pelos êxitos, nem pelos problemas da equipe. Para os jornalistas Ricardo Serran e Geraldo Romualdo, que assinam o tempo real, a responsabilidade é dos jogadores.

Decorridos quinze minutos de luta, os brasileiros ainda não haviam acertado o jogo em conjunto. As jogadas eram mais isoladas do que coletivas,

falhando, entretanto, os nossos artilheiros à frente da meta mexicana. Nesse momento mesmo Pinga atirou com chance, mas a pelota colheu Mota de Frente, e a bola foi desviada para a linha de fundo com escanteio que Julinho cobrou sem resultado (Serran, Ricardo; Silva, Geraldo Romualdo da. Panorama da Luta. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jun. 1954. Edição Extra, p. 4).

“A maior classe técnica da seleção brasileira fora sobejamente provada com a marcação dos cinco a zero” (Serran; Silva, 1954, p. 4), escreveu o jornal no término do tempo real, na página seguinte. Importante destacar que seguiam tratando o futebol como uma luta entre as duas equipes. “O panorama da luta”, foi o título escolhido para o resumo da goleada sobre o México.

Na capa do dia 17, mais destaque para a estreia na Copa do Mundo. No entanto, novamente, nenhuma menção ao treinador. Destaque para os jogadores que marcaram os gols da partida, inclusive com fotos de Pinga e Julinho nos momentos dos tentos.

Na página 2, novamente uma reportagem falando sobre o clima das ruas do Rio de Janeiro e das autoridades com a vitória da seleção brasileira. Destrincha a reportagem do dia anterior, mostrando que, nas repartições públicas e nas ruas, a população estava em busca de informações sobre a partida entre Brasil e México.

Na sexta página, o jornal destaca que o Brasil não teve nenhum jogador lesionado na estreia, o que deverá levar o time a ser repetido no duelo contra a Iugoslávia. O técnico é citado duas vezes, mas em condições neutras, apenas como fonte de informação.

O chefe da delegação, Sr. João Lira Filho, o presidente Rivadaria Corrêa Meyer, o técnico Zezé Moreira e o médio Paes Barreto não ocultavam a sua satisfação. Principalmente porque além da grande vitória o quadro atravessou o primeiro compromisso sem nenhuma baixa. [...] de maneira que o onze deverá ser mantido, embora o técnico Zezé Moreira não queira avançar declarações nesse sentido (Serran, Ricardo. Nenhuma baixa no team brasileiro. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 17 jun. 1954).

Na última página do jornal, uma reportagem sobre os preparativos para o próximo jogo do Brasil. No subtítulo, destaque ao treinador, informando que irá acompanhar uma partida do mundial. “Zezé Moreira irá observar esta tarde o jogo Itália x Suíça” (Agora [...], 1954, p. 10).

Também há uma reportagem com familiares de alguns integrantes da seleção brasileira, que estavam acompanhando o jogo. Entre eles, Maria Helena, esposa de Zezé Moreira. Ela reuniu os familiares para acompanhar a partida. Elogiou o marido e informou que, em todas as emissoras de rádio, os comentários eram positivos sobre a estreia da seleção

brasileira. “Esclareço que tive a preocupação de mudar constantemente de estação para ficar muito mais feliz constatando a unanimidade de opiniões: estreáramos com uma notável exibição! [...] Há o pulso forte de Zezé e os rapazes que integram o plantel são, felizmente, de uma dedicação e de uma fibra a toda prova” (Vibraram [...], 1954, p. 10).

Passados dez dias, o Brasil ia encarar a Hungria em busca da classificação para a semifinal. Na véspera do confronto, o Globo destacou a partida. Era a última edição antes da partida, já que, no dia 27, não haveria edição do periódico.

No topo da página, uma manchete garrafal: “Deus inspire Zezé e os jogadores”. Neste caso, pela ajuda divina, considero como uma menção negativa. A capa desta edição é totalmente focada no treinador, algo até então não visto nas outras Copas do Mundo. Uma foto fechada no rosto do treinador, tinha uma legenda superior escrita: “As preocupações do técnico”. E, na legenda, o jornal O Globo faz uma crítica incisiva ao treinador.

Aí está Zezé Moreira, dez anos mais velho. Não foi o tempo que passou, nem é antevisão do futuro. São vincos e rugas de preocupação, o que ostenta o homem que na segunda-feira poderá ser um herói nacional ou expiar na rua da amargura o seu sistema que tanto angustia os espectadores e até mesmo os ouvintes de rádio. Zezé Moreira, na fotografia que aparece acima, estará observando a técnica dos húngaros? Terá visto que não poderá contar mesmo com Rodrigues? Não importa. Talvez com mais rugas e mais vincos, ele está simbolizando o torcedor brasileiro, até que o locutor grite (Deus nos ouça) (Deus inspire Zezé e os jogadores: As preocupações do técnico. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 26 jun. 1954).

**Imagem 11** - Zezé Moreira é destaque de O Globo no dia anterior as quartas de final de 1954



Fonte: Deus inspire Zezé e os jogadores: As preocupações do técnico. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 26 jun. 1954

Pela primeira vez, vimos uma crítica contumaz ao treinador da seleção brasileira por parte do jornal O Globo. Não é objeto de análise deste trabalho, mas algo mudou na relação do técnico com a imprensa no espaço entre a vitória sobre o México e a partida decisiva contra a Hungria. Uma mudança, de certa forma, bem abrupta, considerando que só teve uma partida neste espaço de tempo, um empate contra a Iugoslávia, que garantiu a classificação para o mata-mata.

Ainda na capa, um pequeno box com a fala de João Lira Filho, ministro de Estado, em que comenta a perspectiva para o confronto. “Nunca precisamos tanto de ganhar. A vitória representará a justificativa da nossa vida à Suíça. Deus inspire Zezé Moreira e os jogadores para darem esse triunfo ao nosso povo que tanto o merece” (Acreditam [...], 1954, p. 1).

Apesar do clima de pessimismo da capa, na página quatro, há uma reportagem em que se traz a opinião popular sobre a partida. “Não há indiferentes. Todos torcem, mesmo os que nada entendem de football. A paixão esportiva mistura-se com o patriotismo, contaminando de entusiasmo e ansiedade, homens, mulheres e crianças” (Todos [...], 1954, p. 4).

Na página seis, o jornal ouve a opinião de autoridades da República, que, assim como os civis, estão confiantes na vitória brasileira. “Também nas altas esferas da administração do país, o encontro de amanhã na capital da Suíça vem empolgando pelos seus aspectos sensacionais [...] Serão os campeões do mundo” (Acreditam [...], 1954, p. 6).

Para esse confronto, O Globo fez uma seção especial no jornal. Na capa desta seção especial, a foto do rosto de todos os jogadores que entrarão em campo, como de costume, nas edições anteriores do mundial. Mas, com uma diferença: a presença da foto de Zezé Moreira.

Tudo pronto para a maior batalha da V Copa”. No corpo da reportagem, Zezé é citado apenas como fonte de informação sobre a equipe que entrará em campo. Mesmo diante de um adversário considerado difícil, o clima era de otimismo. “Há muito empenho pela vitória, muita disposição de luta e se essas circunstâncias fosse suficientes para dar o trínfo ao Brasil já se poderia considerar classificado para as semi-finais (Serran, Ricardo. Tudo pronto para a maior batalha da Copa. O Globo, Rio de Janeiro, 26 jun. 1954. Edição Especial, p. 1).

No dia 28 de junho, a edição de O Globo destaca na capa a derrota brasileira contra a Hungria por 4 a 2. No entanto, para o jornal, a responsabilidade da eliminação foi do árbitro. “Mr. Ellis trancou a peleja de ontem, em Berna, facilitando a vitória dos húngaros - dois goals em off-side e um penalty inexistente permitiram aos magiares o placard de quatro a dois” (Derrotados [...], 1954, p. 1).

Ainda na capa, uma foto do goleiro Castilho, chorando ao final da eliminação, e uma reportagem falando sobre as agressões que os jogadores brasileiros sofreram na partida, incluindo Zezé Moreira. “O famoso Ferenc Puskas, covardemente, desferiu uma garrafada na testa de Pinheiro [...]. O selecionador Zezé Moreira reagiu prontamente, atirando uma shooteira no rosto do crack-coronel (Puskas), sendo por sua vez agredido pelas costas e ferindo-se também nos lábios” (Derrotados [...], 1954, p. 1).

Diante da responsabilização do árbitro pela derrota, atenuou-se qualquer responsabilidade dos jogadores, ou do técnico. “Desde ontem mesmo à noite e na manhã de hoje têm chegado telegramas e mensagens de solidariedade aos scratchmen nacionais e de protesto contra a ação do juiz Ellis” (Derrotados [...], 1954, p. 1). Inclusive, a CBD entrou com uma reclamação contra o árbitro junto à FIFA, que não resultou em nenhuma mudança no resultado da partida ou na continuidade do torneio.

Para aquele dia, O Globo também disponibilizou um caderno exclusivo para a repercussão da eliminação brasileira. Na capa, novamente a reclamação com a arbitragem. A Hungria abriu 2 a 0, sendo o segundo gol contestado por um suposto impedimento. O Brasil diminuiu, a Hungria fez 3 a 1, em um pênalti contestado, o Brasil fez 3 a 2 e os húngaros fecharam em 4 a 2, com um pênalti contestado pela imprensa.

No tempo real e na crônica da partida, Ricardo Serran faz algumas críticas individuais aos jogadores, principalmente por terem permitido a Hungria abrir 2 a 0, mas não faz críticas diretas a Zezé Moreira. “De um modo geral faltou ao team maior experiência em jogos internacionais para superar as emoções de uma partida tão difícil e de tanta responsabilidade” (Serran; 1954, p. 10).

**Tabela 14** - Menções a Zezé Moreira nas edições de O Globo na Copa de 1954

Data	Positiva	Neutra	Negativa
16 jun	3	5	
17 jun	1	12	
26 jun		3	6
28 jun		2	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1954

**Tabela 15** - Menções a Zezé Moreira nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1954

Data	Positiva	Neutra	Negativa
16 jun		1	
17 jun			
26 jun			1
28 jun			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1954

**Tabela 16** - Menções a Zezé Moreira nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1954

Data	Positiva	Neutra	Negativa
16 jun			
17 jun		2	
26 jun			1
28 jun		1	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1954

**Tabela 17** - Imagens em que aparecerem Zezé Moreira nas edições de O Globo na Copa de 1954

Data	Positiva	Neutra	Negativa
16 jun		3	
17 jun			
26 jun		1	1
28 jun			

**Tabela 18**- Vezes em que Zezé Moreira é citado nas legendas das fotos nas edições de O Globo na Copa de 1954

Data	Positiva	Neutra	Negativa
------	----------	--------	----------

16 jun		5	
17 jun			
26 jun		1	2
28 jun			

**Tabela 19** - Termos usados para se referir ao treinador Zezé Moreira na Copa do Mundo de 1954

Termo	Quantidade de vezes
Zezé Moreira	11
Técnico Zezé Moreira	4
Zezé	4
Selecionador Zezé Moreira	3
Técnico	3
Sistema Zezé	1
Técnico Brasileiro	1
Técnico Nacional	1
Coach	1
O Grande	1
O Papa	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1954

Nesta Copa, vemos uma alternância na forma que O Globo retrata o treinador da seleção brasileira. Começa em um clima de otimismo, passa a ter algumas críticas, mas Zezé termina sem ser responsabilizado pela derrota do Brasil, papel que foi da arbitragem, segundo o periódico.

### 3.6 VICENTE FEOLA NA COPA DO MUNDO DE 1958

A Copa do Mundo de 1958 foi realizada na Suécia e teve início no dia 08 de junho, com término no dia 29 do mesmo mês. O Brasil foi campeão pela primeira vez, marcando assim a melhor participação na história do torneio.

Nesta edição, 16 seleções participaram. Os times foram divididos em quatro grupos com quatro seleções cada. Todas se enfrentavam em turno único. As duas melhores se classificavam. O Brasil ficou no Grupo 4, ao lado de União Soviética, Áustria e Inglaterra.

O Brasil foi treinado por Vicente Feola, marcando o sexto técnico em seis Copas diferentes. A campanha verde e amarelo foi:

- 08 de junho - Brasil 3 x 0 Áustria
- 11 de junho - Brasil 0 x 0 Inglaterra
- 15 de junho - Brasil 2 x 0 União Soviética
- 19 de junho - Brasil 1 x 0 País de Gales
- 24 de junho - Brasil 5 x 2 França
- 29 de junho - Brasil 5 x 2 Suécia

A estreia do Brasil naquele mundial era em um domingo. Portanto, a primeira análise é do dia 07 de junho, véspera do debut nacional em terras suecas.

Na capa da Primeira Seção do jornal O Globo, nenhuma menção ao jogo do Brasil. Se, em 1954, as páginas do jornal se contrastavam com a crise política, em 1958, a situação era melhor, com o jornal destacando o desenvolvimento econômico do governo Juscelino Kubitschek.

Apenas na Segunda Seção do jornal, na capa, que vem informações a respeito da Copa do Mundo, que iria iniciar no dia seguinte. Logo no topo da página, a escalação brasileira para a estreia. “Gilmar - De Sordi - Belini e Nilton Santos; Dino e Orlando; Garrincha - Didi - Mazzola - Dida (ou Vavá) e Zagalo. Amanha, Feola confirmará” (Serran, 1958, p. 1). Esta é a primeira menção ao treinador brasileiro. O técnico volta a ser mencionado no sub-título da matéria de capa. “Para Feola os quinze minutos iniciais poderão decidir a luta” (Serran, 1958, p. 1). Continua o jornal a usar uma linguagem de guerra nas partidas de futebol.

Se, nas edições anteriores, havia um tom ufanista e extremamente otimista de título para a seleção brasileira, em 1958, o cenário era mais pé no chão. “A reportagem palestrou com todos os craques brasileiros, que de um modo geral mostram-se tranquilos e confiantes.

Respeitam o poderio adversário mas acreditam numa apresentação vitoriosa” (Serran, 1958, p. 1), escreveu Ricardo Serran, mais uma vez como correspondente do jornal, acompanhando a Copa do Mundo.

No dia seguinte à estreia do Brasil, o Globo publicou duas edições intituladas matutina e final. Apenas na capa da última, há registro da Copa do Mundo. Uma foto do gol de Mazzola, um dos tentos que garantiu a vitória do Brasil contra a Áustria.

A crônica resumida da partida (a com detalhes ficou reservada para a edição esportiva), na página 19 do jornal matutino, a vitória por 3 a 0 é elogiada, mas a atuação deixou a desejar, na visão de Serran. “Sem apresentar o seu melhor futebol, numa noite de pouca inspiração, conseguiu, todavia a seleção brasileira um significativo resultado” (Serran, 1958, p. 1).

Durante toda a crônica, nenhuma menção ao treinador, apesar de algumas críticas ao jogo coletivo brasileiro. No último box, o jornalista cita Feola, de forma negativa. “Apesar das falhas que apresentamos, foi um resultado excelente. O que Vicente Feola viu, foi o que todos nós vimos. Recomendações, por certo, serão feitas para as jogadas futuras, quando, esperamos, já estaremos mais controlados e menos nervosos” (Serran, 1958, p. 1).

Na edição final, o jornal informa da última partida do grupo, contra a União Soviética. Há uma foto de Feola e o treinador soviético se cumprimentando. O rival esteve acompanhando um treino do Brasil.

Também foi feita uma entrevista com o técnico brasileiro. Nela, Feola fala sobre a Áustria e projeta o confronto contra a Inglaterra, o próximo a ser disputado. “Os brasileiros superaram as próprias dificuldades e ganharam, bem, de um adversário realmente perigoso [...] os ingleses serão, por certo, outro obstáculo dos mais difíceis” (Serran, 1958, p. 1).

Na edição esportiva, suplemento do jornal apenas com notícias de esporte, há o tempo real da partida, nos moldes do que já vimos nas Copas de 1954 e edições anteriores. No entanto, nenhuma menção a Feola. O destaque é o jogo e os jogadores.

Passados 20 dias da estreia no Mundial, o Brasil chegou pela segunda vez à finalíssima. Dessa vez, o adversário eram os donos da casa, em um papel invertido, o qual o Brasil experimentou em 1950, quando era o anfitrião.

A decisão seria disputada em um domingo, dia em que o periódico não era distribuído nas bancas. Portanto, a expectativa para a partida foi reportada na edição do dia 28 de junho.

Na capa do jornal, há um destaque para a partida. Uma foto de uma jogada de Garrincha e ao lado a caricatura de Vicente Feola, que é elogiado pelo jornal. “O técnico

Vicente Feola, cuja tranquilidade permanente é um bom sinal para as esperanças brasileiras” (Confia [...], 1958, p. 1).

**Imagem 12** - Vicente Feola é elogiado na edição de O Globo da véspera da final de 1958



Fonte: CONFIA o Brasil no selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 29 jun. 1958.

Também na capa, há a nota de que o presidente Juscelino Kubitschek e o cardeal Dom Jaime Câmara vão assistir à partida. Inclusive, o chefe do Executivo elogiou o time brasileiro por ter chegado à final.

Na página 11, o jornal trouxe uma grande reportagem sobre o otimismo pelas ruas do Rio de Janeiro. Entre crianças, trabalhadores, ministros de Estado e ex-jogadores, o clima era de otimismo pela vitória da Seleção Brasileira.

Na segunda seção, O Globo dá destaque completo para a final do Mundial. Na capa, foto dos titulares, com uma pequena biografia de cada um deles. Não há menção a Feola. “Sessenta milhões de brasileiros e um único pensamento: Vitória” (Sessenta [...], 1958, p. 1) é a manchete.

Na reportagem, as menções a Feola são apenas como fonte da escalação e dos jogadores que estão lesionados. Na véspera daquela final, o trauma de 1950 estava vivo.

Pela segunda vez na história do futebol brasileiro, a representação nacional entrará em campo para disputar uma final da Taça do Mundo. Da primeira vez, em 1950, éramos os donos da casa e, como todos estão bem lembrados, os nossos adversários foram os vencedores. Desta feita, somos os visitantes e os nossos contendores são exatamente os donos da casa (SESSENTA

Milhões de Brasileiros e um Único Pensamento: Vitória. O Globo, Rio de Janeiro, 29 jun. 1958. O Globo nos Esportes, p. 1).

Na página quatro, Ricardo Serran faz uma retrospectiva das participações brasileiras. E cita que, na imprensa, o Brasil não era considerado favorito antes do começo do torneio. “Por conta das decepções passadas, frente à confusão estabelecida no momento da escolha do técnico, não se admitiu que de tudo pudesse sair uma seleção. Dizia-se - a maioria dos ditos orientadores da opinião pública - que o "gordo" Feola era um arranjo e que a seleção de craques, pouco convincente” (Serran, 1958, p. 4).

Nas outras matérias, em que há a repercussão da partida, o clima é de otimismo, mas com pé no chão. O fantasma do favoritismo de 1950 ainda estava vivo na memória de todos.

Este troféu ainda está longe - pelo amor de Deus não comecem a colocar faixas em ninguém - terá de vir por muito força de vontade e maior espírito de sacrifício. [...] Uma partida de futebol jamais é jogada antecipadamente [...] os suecos estão bem armados para oporem uma rude e talvez longa resistência aos brasileiros. Mas constituirá uma das maiores surpresas da história do futebol se os brasileiros não se tornarem finalmente os campeões mundiais de 1958 (SERRAN, Ricardo. Antes da última batalha. O Globo, Rio de Janeiro, 29 jun. 1958. O Globo nos Esportes, p. 4).

No dia seguinte à conquista brasileira, O Globo publicou duas edições, além do caderno de esportes. Nas três, por óbvio, a conquista da Copa do Mundo estava em destaque. “O maior feito do futebol brasileiro. Dia de festa nacional” (O maior [...], 1958, p.1). Neste clima festivo, nenhuma menção ao treinador.

O clima era de total êxtase. O jornal destacava em foto o presidente JK comemorando o último gol do Brasil, marcado por Pelé. As reportagens mostravam a festa em todo o Brasil, que se assemelhava às vistas no carnaval. “A impressão que se tinha era de que toda a população havia afluído às ruas. [...] Os nomes de Zagalo, Vavá e Pelé e demais jogadores, andavam em todas as bocas, entre vivas ao Brasil” (O maior [...], 1958, p.1). Ou seja, o destaque eram os jogadores, não o treinador.

Um samba foi lançado em homenagem à conquista na Suécia. Nele, os versos coroavam todos os jogadores. Nenhuma menção a Feola.

Gilmar, De Sordi, Belini,  
Zito, Orlando e Nilton Santos,  
Garrincha, Didi, Vavá,  
Pelé, Zagalo, eis o escrete nacional  
Que vencendo a Suécia  
Com bravura e decisão  
Pôde dar ao meu país  
O cobiçado título de campeão  
Em ritmo de samba o baile começou:

Didi para Pelé, Pelé centrou  
 Garrincha com a pelota, chi, sassaricou  
 Entregou lá na frente a Vavá que atirou  
 GOAL DE VAVÁ!!!

E a roseira balançou! (Dia de festa nacional. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 30 jun. 1958).

Se o nome de Feola não foi colocado na marchinha do título de 1958, apareceu em uma reportagem em que foram entrevistados dirigentes e ex-presidentes da Confederação Brasileira de Desportos. Nas falas, Feola é exaltado e apontado como um técnico que não interferia no jogo dos atletas. “Libertado nosso futebol da rigidez dos esquemas” (Libertado [...], 1958, p. 6) era a manchete da reportagem, que trouxe uma sonora de Silvio Pacheco, ex-presidente da CBD.

Tinha plena confiança em Feola, porque ele era um técnico de escola diferente, livre da rigidez e do prussianismo dos que obram o jogador a ficar preso a determinado esquema. Ao invés da exagerada concepção de mando, que cria no crack o temor de desagradar ao técnico, Feola é humano, tem coração e compreensão e vive os problemas dos seus comandados [...] Feola demonstrou ser um homem sensato e experiente, sem atrapalhar os craks nem tentar meter ideias demais em suas cabeças, dando-lhes ao contrário, a liberdade de jogar como sabiam (LIBERTADO nosso futebol da rigidez dos esquemas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 30 jun. 1958)

As falas elogiosas a Feola são de Silvio Pacheco e Vargas Neto, ex-presidentes da CBD e CND (Confederação Nacional de Desportos), respectivamente. Elas marcam um ponto de ruptura neste trabalho: pela primeira vez, o treinador é analisado dentro dos parâmetros técnicos da função. E essas características atribuídas a Feola vão nortear muitas discussões sobre treinadores nas Copas subsequentes. Afinal, o treinador deve dar liberdade aos jogadores, ou interferir na maneira como eles jogam?

**Imagem 13** - Vicente Feola (primeiro da esquerda para direita) e o elenco campeão de 1958



Fonte: OS NOVOS campeões do mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jun. 1958. Edição esportiva, p. 5

Feola, em 1958, parece assumir um papel de coadjuvante de luxo. Sem chamar atenção, deixando os craques brilharem. Nas páginas do jornal, isso fica muito claro. O clamor é pelos jogadores. Mas, quando se entrevistam pessoas que entendem de futebol, o nome do treinador é exaltado.

No Caderno de Esportes de O Globo, Feola é exaltado na legenda da foto em que aparece o plantel campeão do mundo. “Foi assim, coroado de êxito, o trabalho de Vicente Feola, em busca do tão almejado título que, em outras épocas, apesar do valor e da bravura dos nossos atletas, fugia das nossas mãos, nas horas decisivas” (Os novos [...], 1958, p. 5).

Na página seis, O Globo deu destaque para outra marchinha de carnaval que estava sendo feita em homenagem aos campeões mundiais. Nesta, Feola aparece.

Salve, salve  
a nossa linha  
com Zagalo<sup>7</sup> e Vavá  
Grita o nome do  
Didiiii...  
do Belini e do Gilmar  
Nilton, Djalma e Pelé  
Orlando, Zito e Mané  
É um goal aqui, outro goal ali  
O Feola anima a rapaziada  
E enquanto isso o Brasil  
Delira...  
Afinal, a Taça foi conquistada ("Eleitos" pelo povo os novos campeões mundiais. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jun. 1958. Edição esportiva, p. 6).

Também teve uma reportagem destacando que torcedores brasileiros queriam votar nos jogadores para cargos políticos. “Vicente Feola para senador da República” (Eleitos" [...], 1958, p. 6), disse um, segundo O Globo.

**Tabela 20** - Menções a Vicente Feola nas edições de O Globo na Copa de 1958

Data	Positiva	Neutra	Negativa
07 jun		3	
09 jun		9	1
28 jun	1	5	1
30 jun	13	13	

<sup>7</sup> Nos jornais, Mário Jorge Lobo Zagallo tem o último nome escrito com apenas uma letra ‘L’. No entanto, atualmente, o nome do ex-jogador e treinador se popularizou sendo escrito com duas letras “L”

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1958

**Tabela 21** - Menções a Vicente Feola nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1958

Data	Positiva	Neutra	Negativa
07 jun			
09 jun			
28 jun			
30 jun			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1958

**Tabela 22** - Menções a Vicente Feola nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1958

Data	Positiva	Neutra	Negativa
07 jun		1	
09 jun		2	
28 jun		1	
30 jun	3	2	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1958

**Tabela 23** - Número de vezes em que a imagem de Vicente Feola aparece nas edições de O Globo na Copa de 1958

Data	Positiva	Neutra	Negativa
07 jun			
09 jun		1	
28 jun		1	
30 jun	1	1	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1958

**Tabela 24** - Vezes que a Vicente Feola é citado na legenda das imagens nas edições de O Globo na Copa de 1958

Data	Positiva	Neutra	Negativa

07 jun			
09 jun		1	
28 jun	1		
30 jun			

**Tabela 25** - Termos usados para se referir ao treinador Vicente Feola na Copa do Mundo de 1958

Termo	Quantidade de vezes
Feola	20
Vicente Feola	9
Selecionador Vicente Feola	4
Técnico Vicente Feola	2
Treinador Brasileiro	2
Selecionador Nacional	1
Gordo Feola	1
Técnico	1
Comandados de Feola	1
Comandante	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1958

Conforme mencionamos ao longo da análise da Copa do Mundo de 1958, essa competição marca um ponto de inflexão deste trabalho: Feola passa a ser mencionado dentro dos aspectos táticos e técnicos do jogo. Há uma mudança da análise do futebol apenas pelos aspectos morais, de incentivo e subjetivos. Há parâmetros mais definidos para se falar sobre o trabalho do técnico.

Mas, ao mesmo tempo, o treinador segue sendo coadjuvante. A conquista é colocada como responsabilidade dos jogadores. Tanto que nas reportagens em que se ouve a população, são poucas as menções ao técnico. As estrelas do espetáculo são os jogadores

### 3.7 AYMORÉ MOREIRA NA COPA DO MUNDO DE 1962

A Copa do Mundo de 1962 foi disputada no Chile e teve início no dia 30 de maio, com o término ocorrendo no dia 17 de junho. O Brasil se sagrou bicampeão, igualando ao feito da Itália, que venceu duas edições de Mundial seguidas, em 1934 e 1938.

O regulamento daquela edição foi igual ao de 1958: foram 16 seleções divididas em quatro grupos com quatro times. Nas chaves, as seleções se enfrentavam entre si. Os dois melhores se classificavam para o mata-mata. A partir daí, quem ganhasse, passava de fase. Quem perdesse, estava automaticamente eliminado.

O Brasil foi comandado por Aymoré Moreira<sup>8</sup>, irmão de Zezé Moreira, treinador de 1954, e manteve a tradição de um treinador diferente em cada Copa do Mundo. A campanha tupiniquim foi:

- 30 de maio - Brasil 2 x 0 México
- 02 de junho - Brasil 0 x 0 Tchecoslováquia
- 06 de junho - Brasil 2 x 1 Espanha
- 10 de junho - Brasil 3 x 1 Inglaterra
- 13 de junho - Brasil 4 x 2 Chile
- 17 de junho - Brasil 3 x 1 Tchecoslováquia

O contexto da Copa de 1962, no Brasil, era diferente do visto em 1958. O país vivia uma crise política. As notícias esportivas se misturavam com as matérias negativas contra o presidente João Goulart e Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul.

Na edição do dia da estreia brasileira, novamente contra o México, O Globo destaca o quinteto de ataque, formado por Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagallo. Era o mesmo quinteto que, quatro anos antes, levantou o título de campeão mundial. Era a esperança da seleção para alcançar o bicampeonato. Nenhuma referência ao treinador Aymoré Moreira.

O clima era de otimismo para a estreia contra os mexicanos. O retrospecto era favorável, já que as duas seleções se enfrentaram em alguns mundiais, sempre com vitória brasileira. Uma reportagem conversou com moradores do Rio de Janeiro e todos apostavam em uma vitória elástica sobre os mexicanos.

No final do jornal, onde eram impressas as reportagens esportivas, destaque para os jogadores: Ricardo Serran reproduziu uma reportagem chilena sobre Garrincha. Além disso,

---

<sup>8</sup> Em 1962, a grafia do nome do treinador era “Aimoré Moreira”. No entanto, atualmente, a grafia utilizada em reportagens é “Aymoré Moreira”. Por isso, a distinção.

destacou jogadores como Nilton Santos e Castilho, que eram os mais experientes do grupo, tendo disputado todas as Copas desde 1950.

Se, nas edições anteriores, o clima na estreia da seleção brasileira era de puro otimismo, em 1962, a reportagem era mais pé no chão. Mesmo vindo de um título, havia o entendimento de que a competição seria muito difícil, apesar da seleção ter feito um bom ciclo para a Copa do Mundo. “Se vencer um título mundial é tarefa difícil, repetir a façanha é muito mais. [...] Da conquista do Mundial da Suécia até o início do certame do Chile, a seleção brasileira realizou em resumo, 32 jogos, com 27 vitórias, 3 empates e 2 derrotas” (Serran, 1962, p. 16).

A primeira menção a Aymoré Moreira vem no subtítulo de uma reportagem que informa que a comissão técnica orientou os jogadores a marcarem muitos gols, já que, naquele ano, o saldo de gols era o primeiro critério de desempate. “Aimoré recomendou ontem aos craques nacionais que, caso seja possível, não poupem os rivais se estivermos vencendo por boa margem de goals, procurando sempre dilatar a contagem a nosso favor” (Serran, 1962, p. 16).

No dia seguinte, O Globo destacou a estreia brasileira com vitória por 2 a 0 sobre os mexicanos. Na capa, uma foto de Vavá resume a partida, que foi difícil e foi decidida no segundo tempo, com gols de Pelé e Zagallo. O Globo destacou que os cariocas se aglomeraram para acompanhar o jogo em casa e nos auto falantes espalhados pelas principais ruas da capital. Autoridades, como o então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, o presidente João Goulart e o primeiro-ministro Tancredo Neves, paralisaram as atividades para acompanhar a vitória brasileira.

Na primeira reportagem sobre a vitória, uma entrevista com Aymoré Moreira, que destacou a dificuldade da partida e qual o caminho usado pelo Brasil para vencer. “Sabia que eles estavam bem preparados, mas não tanto. E jogaram certo, não perdendo a cabeça mesmo depois do goal. Para o técnico, o Brasil venceu o jogo porque no segundo tempo jogou abrindo para as pontas, a fim de fugir ao sólido bloqueio do funil defensivo mexicano” (Serran, 1962, p. 16).

No entanto, apesar de ter começado a Copa com uma vitória, a atuação foi considerada abaixo do que o time poderia desempenhar. Reviveu defeitos antigos de nervosismo de nossos jogadores em partidas internacionais e ratificou falhas de pequena monta em nossa retaguarda e lentidão demasiada de nosso ataque. Para primeiro teste, a exibição não chegou a convencer. Mas, foi um bom começo, perto do ideal” (Serran, 1962, p. 16), escreveu Ricardo Serran na crônica da partida. No tempo real da partida, que seguiu

sendo escrito em 1962, Serran também destacou a atuação dos jogadores, sem nenhuma menção ao treinador.

Se Aymoré não foi citado, Vicente Feola, treinador da conquista de 1958, foi lembrado, mostrando uma foto dele acompanhando o jogo pelo rádio. Não é interesse desse trabalho fazer a análise de outros treinadores, mas é importante destacar, para mostrar que os treinadores seguiam sendo destaque dentro das páginas do periódico.

Pouco mais de 15 dias se passaram entre a estreia contra o México e a final contra a Tchecoslováquia. Neste período, o Brasil perdeu Pelé, contundido. Garrincha assumiu o protagonismo e Amarildo conseguiu suprir a ausência do camisa 10.

Por isso, na véspera da final, no dia 16, O Globo trouxe uma foto de Garrincha na capa para anunciar a finalíssima, destacando que o Mané era apontado como o melhor jogador do mundial. Novamente, nenhuma menção ao treinador.

Como de praxe, o jornal foi até as ruas do Rio de Janeiro para saber da opinião da torcida para a partida. Entre nomes renomados e trabalhadores comuns, todos destacavam a confiança na vitória do Brasil e em mais uma grande partida de Garrincha. Aymoré, como temos visto, não era citado pelas pessoas, nem pela reportagem.

Apesar de ser o atual campeão, o preparativo para a decisão era marcado pela concentração. O fantasma do vice de 1950 ainda continuava a pairar sobre todos. “Não é de maneira alguma uma peleja ganha de véspera. Uma vez já, em 1950, pagamentos pelo excesso de otimismo, e olhem que naquele ano nossa seleção chegara à partida final contra o Uruguai credenciada por triunfos mais espetaculares do que os obtidos agora, no Chile. Portanto, não comemoremos antecipadamente a conquista do tão cobiçado bi” (O embaixador [...], 1962, p. 3).

Na reportagem sobre a preparação para a finalíssima, Aymoré é citado, comandando o treino do time. “Na parte final o exercício consistiu principalmente em tiros ao goal, treino puxado para Gilmar e Castilho, com os atacantes atirando de todas as direções, sob o comando de Aymoré Moreira, que cuidava atentamente dos dois goleiros e da pontaria dos artilheiros” (Serran, 1962, p. 1).

Em outra reportagem, assinada por De Argeu Afonso, é apontado que, na Copa do Mundo, foram vistos poucos jogos bonitos. E que a expectativa era que, na final, um bom espetáculo fosse assistido. E que a responsabilidade por esse bom futebol seria dos dois treinadores. “Vitlacil, o técnico da Tcheco-Eslováquia, e Aymoré Moreira, do Brasil, foram os maiores apologistas da disciplina neste torneio que chega ao fim. [...] De um lado e do outro, a disposição é igual. Jogar futebol e não travar uma batalha. [...] A grande exibição de futebol

arte, que parece estar faltando da disputa do VII Campeonato Mundial de Futebol, poderá ser feita amanhã” (Afonso, 1962, p. 1) .

No dia seguinte ao título da seleção brasileira, O Globo colocou à venda quatro cadernos, sendo um de esportes e outro exclusivo do bicampeonato mundial.

Na capa da Primeira Seção, destaque para Mauro, levantando o troféu, a emoção de Zagallo e uma sequência de fotos do gol de Zito, o segundo da seleção na finalíssima. Na página seis, um retrato da festa popular que se iniciou no Rio de Janeiro, após a conquista do bi. No clima de carnaval, como descrito pelo jornal, duas marchinhas ganharam corpo entre a multidão.

O tcheco-tcheco cá  
 O tcheco-tcheco lá  
 O tcheco-tcheco  
 3x1 foi o placard  
 O tcheco-tcheco cá  
 O tcheco-tcheco lá  
 O tcheco-tcheco  
 O terceiro foi Vavá”  
 Sem açúcar e sem feijão.  
 O Brasil é campeão  
 Um, dois, três  
 O Brasil só tem freguês (Carnaval na cidade com a conquista do bicampeonato. O Globo, Rio de Janeiro, 18 jun. 1962. Edição Final, p. 6).

O estado de êxtase era tão grande que Celso Peçanha, governador do Rio de Janeiro, informou que iria enviar para a Assembleia a sugestão de que Pau Grande, distrito de Magé, passasse a se chamar Garrincha, em virtude do craque brasileiro, ter sido eleito pelo O Globo como o melhor jogador daquele mundial.

Páginas adiante, o Globo trouxe a sonora de cada um dos jogadores que entraram em campo na decisão. Uma frase de Zagallo foi a manchete da reportagem: “Para todos nós Feola também é campeão” (Afonso, 1962, p. 16). No caso, o ponta-esquerda lembrou do ex-treinador da Copa de 1958. Ele teve mais destaque que Aymoré, citado como um dos mais cumprimentados pela conquista, mas sem trazer uma sonora, ou alguma menção específica ao trabalho do técnico. Também não é explicado, pelo jornal, o motivo para os créditos a Feola.

Na página 28, Aymoré aparece em uma foto, comemorando com um membro da delegação brasileira. No caderno especial para comemorar o bicampeonato mundial, nenhuma menção a Aymoré. O destaque fica todo aos jogadores que construíram os placares dos jogos.

**Imagem 14** - Uma das poucas menções a Aymoré Moreira ao longo da cobertura de O Globo



Após o sensacional triunfo brasileiro ontem no "Estádio Nacional de Santiago, a emoção tomou conta de todos os brasileiros. Aymoré Moreira, o técnico campeão do mundo, abraça o secretário da delegação, Adolfo Marques, que em 1958, ocupou o cargo de tesoureiro, enquanto o veterano Nilton Santos fala de sua emoção de bicampeão para uma emissora

Fonte: CARNAVAL brasileiro nas ruas de Paris!. O Globo, Rio de Janeiro, 18 jun. 1962. Edição Final, p. 28

No caderno de esportes, na crônica da conquista, Ricardo Serran falou sobre a atuação da equipe, mas sem mencionar Aymoré. "Jogou bem o Brasil? Jogou notavelmente, como um quadro senhor de si, dono de tranquilidade absoluta. Não fomos perfeitos, hoje, na parte técnica, mas que importa isto?" (Carnaval [...], 1962, p. 28).

O destaque era mesmo os jogadores. "Onze homens foram ao campo para lutar pela conquista do glorioso título e entraram sem poder oferecer mais do que a sua enorme disposição para a luta, aliada, porém, a uma categoria excepcional, superior em toda linha ao que exibiram os adversários" (Grande [...], 1962, p. 4).

Na página nove, em que se tem uma matéria sobre o clima nos vestiários, Aymoré é lembrado. Na entrevista, fala a respeito da superioridade brasileira.”Graças à categoria e à experiência internacional dos nossos craques, entretanto, conseguimos manter a tranquilidade e impor a nossa melhor categoria” (Carnaval [...], 1962, p. 9). Além de explicar sobre o jogo, Aymoré confirmou que tinha duas propostas do exterior para trabalhar, uma delas do Real Madrid.

**Tabela 26** - Menções a Aymoré Moreira nas edições de O Globo na Copa de 1962

Data	Positiva	Neutra	Negativa
30 mai		1	
31 mai		1	
16 jun	1	1	
18 jun	3	3	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio e junho de 1962

**Tabela 27** - Menções a Aymoré Moreira nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1962

Data	Positiva	Neutra	Negativa
30 mai			
31 mai			
16 jun			
18 jun			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio e junho de 1962

**Tabela 28** - Menções a Aymoré Moreira nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1962

Data	Positiva	Neutra	Negativa
30 mai		1	
31 mai		1	
16 jun		1	
18 jun			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio e junho de 1962

**Tabela 29** - Vezes que a imagem de Aymoré Moreira aparece nas edições de O Globo na Copa de 1962

Data	Positiva	Neutra	Negativa
30 mai			
31 mai			
16 jun			
18 jun	1		

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio e junho de 1962

**Tabela 30** - Vezes que Aymoré Moreira é citado na legenda das imagens nas edições de O Globo na Copa de 1962

Data	Positiva	Neutra	Negativa
30 mai			
31 mai			
16 jun			
18 jun	1		

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio e junho de 1962

**Tabela 31** - Termos usados para se referir ao treinador Aymoré Moreira na Copa do Mundo de 1962

Termo	Quantidade de vezes
Aimoré Moreira	5
Aimoré	3

Fonte: Edições do Jornal O Globo em maio e junho de 1962

Nesta Copa do Mundo de 1962, percebemos uma pequena mudança no padrão de crescimento que vínhamos tendo nas menções dos treinadores. O técnico continuou como coadjuvante, com bem menos menções que nas edições anteriores.

### 3.8 VICENTE FEOLA NA COPA DO MUNDO DE 1966

A Copa do Mundo de 1966 foi disputada na Inglaterra, com começo em 11 de julho e término em 30 do mesmo mês. O Brasil caiu na primeira vez, sendo esta uma das piores campanhas nacionais na história do torneio, acabando com o ineditismo de conquistar o tricampeonato seguido.

O regulamento deste ano foi idêntico ao das edições de 1958 e 1962, onde as 16 seleções foram divididas em quatro grupos de quatro seleções. Os times de cada chave se enfrentavam entre si, em turno único, com os dois melhores se classificando para as quartas de final. A partir daí, era mata-mata, com o vencedor se classificando e o perdedor sendo eliminado.

O Brasil caiu, através de sorteio, no Grupo C, que tinha Portugal, Hungria e Bulgária. Nesta Copa, Vicente Feola foi o treinador. Pela primeira vez, o treinador não era estreante em mundiais. Os jogos do Brasil foram:

- 12 de julho - Brasil 2 x 0 Bulgária
- 15 de julho - Brasil 1 x 3 Hungria
- 19 de julho - Brasil 1 x 3 Portugal

Se, na edição de 1962, o Brasil atravessava uma crise política, em 1966, o cenário era diferente. Dois anos antes, o país sofreu o golpe civil-militar, com apoio de O Globo. O presidente, na época do Mundial, era Humberto de Alencar Castello Branco. Nas páginas do jornal, quase nada sobre crise política. Os problemas estavam no cenário internacional, com o avanço da Guerra Fria e conflitos acontecendo em diversos países.

Na capa da edição do dia 12, data da estreia do Brasil na Copa, a expectativa para uma vitória era muito grande. O país tinha a possibilidade de se tornar o primeiro tricampeão, além de conseguir o feito de forma consecutiva. “A expectativa em torno do jogo, que praticamente fará paralisar todo o País, não é menor do que a confiança em um resultado favorável, apesar da ausência de Gérson, cuja contusão transforma Alcindo numa das nossas grandes esperanças” (Brasil [...], 1966, p. 1).

A presença de Alcindo foi o destaque também na foto de capa, onde aparece o jogador fazendo um trabalho físico. Inclusive, nesta foto, vem a primeira menção a Vicente Feola, informando que o treinador precisou mudar a equipe titular por causa da contusão de Gerson.

Como de praxe, política e futebol se uniram. A capa também traz em destaque o presidente do Brasil, o ditador Castello Branco, que enviou estimas de uma boa estreia para o selecionado nacional.

Na última página da Primeira Seção, uma reportagem de Roberto Garófalo falou sobre os preparativos do Brasil para a estreia. O clima era de otimismo, como na reportagem de capa. Feola é citado apenas como fonte de informação do time que será escalado para a estreia.

**Imagem 15** - Política e futebol se misturam: ditador Castelo Branco deseja sorte e ao lado, Rainha Elizabeth II na abertura da Copa do Mundo, na Inglaterra

# BRASIL, SEM GÉRSON, ENFRENTA A BULGÁRIA

Oitenta milhões de brasileiros estão com as atenções voltadas para Liverpool, torcendo pelo selecionado nacional que às 15h30m de hoje — hora do Rio — enfrenta a Bulgária, no seu primeiro compromisso em busca da posse definitiva da Taça Jules Rimet. A expectativa em torno do jogo, que praticamente fará paralisar todo o País, não é menor do que a confiança em um resultado favorável, apesar da ausência de Gérson, cuja contusão transforma Alcindo numa das nossas grandes esperanças. O Brasil formará com Gilmar; Djalma Santos, Belini, Altair e Paulo Henrique; Lima e Denílson; Garrincha, Alcindo, Pelé e Jairzinho

## Castelo Incentiva

O MINISTRO da Justiça, Sr. Luís Viana Filho, endereçou ontem à chefia da delegação brasileira de futebol, na Inglaterra, o seguinte telegrama de estímulo e apoio à nossa seleção, em nome do Presidente da República, Marechal Castelo Branco: "João Havelange — Interpretando as aspirações de quantos se interessam pelo popular esporte, o Sr. Presidente da República pede-me apresentar votos de bom êxito no campeonato que agora se inicia, na segurança de que nossos valorosos representantes estarão empenhados em corresponder do melhor modo às gloriosas tradições esportivas. Saudações. — Luís Viana Filho".



Fonte: BRASIL, sem Gerson, enfrenta a Bulgária. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 12 jul. 1966

Na capa da primeira seção do dia 13 de julho, um dos destaques foi a estreia da seleção brasileira. A vitória empolgou os jornalistas de O Globo, que definiram o confronto como a “melhor estreia na Copa”, num comparativo com as estreias nas edições anteriores.

O clima de otimismo era muito grande. Os jogadores eram os principais focos dos boxes da capa, além de reboição das autoridades e dos torcedores que acompanharam a partida. Não houve menção ao treinador. “Um clima de euforia, como se a primeira vitória já fosse a definitiva, dominou ontem o Rio enquanto o Brasil vencia a Bulgária. [...] o Presidente Castelo Branco, nas Laranjeiras, pedia notícias constantes do jogo aos assessores; o Governador Negão de Lima ouviu o goal de Pelé e mandou telegrama de felicitações à seleção” (A melhor [...], 1966, p. 1).

A primeira menção a Feola foi quando o treinador foi questionado sobre a partida. “Feola disse que ficou um pouco preocupado com o andamento da partida, tal o ritmo violento em que era disputada. O goal de Pelé devolveu-lhe a calma” (Garrincha [...], 1966, p. 1).

Na crônica da partida, que ainda seguia como uma espécie de tempo real, apenas menções aos jogadores. Na avaliação individual, de acordo com a participação na partida, também destaque para os atletas.

Uma semana depois da estreia, o Brasil chegava muito pressionado para o confronto contra Portugal, já que o time foi derrotado pela Hungria, na segunda rodada. Na partida contra os lusos, o selecionado verde e amarelo precisava vencer por 3 gols de diferença para se classificar sem necessitar esperar o resultado da partida entre Hungria e Bulgária.

O clima em O Globo era de apreensão. “O Brasil joga suas esperanças na Copa” foi a manchete da capa do jornal na véspera do confronto decisivo. As fichas estavam em Pelé, já à época chamado de “Rei”. No entanto, o camisa 10 estava recebendo diversas faltas duras na competição, estando fisicamente abaixo da média. Feola não era lembrado pelos jornalistas.

Mesmo diante desse cenário, o Globo informava que a torcida estava confiante na vitória e na classificação. “Em Goiás, cujas atividades rotineiras cessarão antes do jogo [...] o futebol chega ao auge da paixão: dois fazendeiros resolveram apostas as respectivas propriedades - no valor de 200 milhões de cruzeiros cada - na classificação do Brasil” (Confiança [...], 1966, p. 19).

Se, na capa, não havia críticas ao treinador, em uma reportagem, em que havia sonoras de autoridades da República, muitas críticas ao técnico Vicente Feola. ““Vicente Feola já deveria ter sido cassado há muito tempo: ele não tem sequer físico de técnico”, declarou ontem o deputado federal Peracchi Barcelos. O ex-Ministro do Trabalho entende que o selecionado brasileiro de futebol só poderá chegar às finais do campeonato mundial se os próprios jogadores assumirem o comando das ações, afastando os membros da Comissão Técnica” (Confiança [...], 1966, p. 19).

Na cúpula do Palácio do Planalto, o pessimismo era geral. Nem o presidente da República, Castelo Branco, acreditava na classificação brasileira.

Mesmo com a fala negativa de um parlamentar, O Globo não criticava abertamente Feola. Nas reportagens sobre os bastidores para a partida contra Portugal, o treinador só era citado nas matérias sobre treinamentos e preparação para o jogo.

Na capa de O Globo, no dia seguinte da eliminação brasileira, o foco do jornal já é Feola e a comissão técnica brasileira. “No Rio, o bom humor dos cariocas foi substituído pelo

humor negro: houve um "enterro" de Feola, no Méier, enquanto na Cinelândia era fincada uma forca com um cartão - "Salve os Tri!" - e os nomes dos membros da comissão técnica da CBD" (Consternação [...], 1966, p. 1), escreveu o subtítulo da matéria de capa que fala da tristeza dos brasileiros - e das autoridades - com a derrota na Inglaterra.

Na página seis, há a reportagem sobre a partida sob a ótica da população brasileira e autoridades do governo. Novamente, o treinador é colocado no centro da responsabilização pela eliminação. "Achando mesmo os mais comedidos que Feola, Nascimento e Paulo Amaral devem ficar 'por lá mesmo', porque, se voltarem, terão no Galeão uma 'recepção adequada'. [...] Quanto aos jogadores, os populares acham que são vítimas dos membros da Comissão Técnica e assim estão isentos de culpa" (Consternação [...], 1966, p. 6).

Para a melhor análise, também vamos considerar, excepcionalmente, o termo "comissão técnica" como uma referência a Vicente Feola e às outras pessoas que trabalhavam com ele, como supracitado no parágrafo anterior. Esta medida é necessária, pois, nesta reportagem, o jornalista pede a opinião das pessoas sobre o trabalho da comissão técnica.

Entre os argumentos dos torcedores, alguns questionavam as escolhas de Feola nas partidas. Mas, também houve a acusação de que a seleção foi convocada por motivação política. "A professora Jandira Nasi [...] lamentava que num país como o Brasil, que possui o melhor futebol do mundo, pudesse existir uma Comissão Técnica preocupada com 'convocações políticas', para agradar a determinados setores" (Consternação [...], 1966, p. 6).

A reportagem deixava claro que Feola deveria enfrentar o escrutínio dos torcedores.

Para Lucila, "Feola deve vir e enfrentar as consequências, embora acredite que uma manifestação de desagrado popular possa degenerar em tumulto quando do desembarque da delegação". Outro torcedor sentenciou. O sr. Horário Rosso achava que a derrota vergonhosa do Brasil nas oitavas-de-final, deve levar ao ostracismo os membros da Comissão Técnica. Acha que a imprensa não mas deve publicar sequer uma linha a respeito deles (Consternação em todo o país com a derrota do selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 20 jul. 1966).

Entre as falas contrárias ao treinador, alguns questionavam que a seleção deveria estar sendo treinada por nomes como João Saldanha e Aymoré Moreira.

Se, em 1958, quando foi o treinador do primeiro título mundial, Feola esteve presente no samba da comemoração, oito anos depois, o treinador teve o nome novamente cantado, mas de forma negativa. "Feola / Por favor vá embora / Que o povo já chora com saudades do Tri / Fez do escrete uma bela porcaria / Já não se pode mais torcer, pois Portugal tirou nossa alegria de o caneco trazer" (Consternação [...], 1966, p. 6).

Imagem 16 - Críticas da torcida a Vicente Feola

## **Entêrro de Feola**

No Rio, com explosão de foguetes, muitas velas e gritaria, saiu ontem ao entardecer o "entêrro" do técnico Feola. A rapaziada do Méier desabafou, e, saindo da estação, percorreu as principais ruas do bairro com um caixão improvisado. Cantavam com a melodia do samba "Tristeza",

de Ari Cordovil, a seguinte versão:

Feola, por favor vá embora, é o Brasil que implora, está vendo o meu fim; o tricampeonato agora é demagogia, já é demais o meu penar, quero que voltem aquelas copas com alegria, quero de novo gritar ... "GOAL"!

## **Decepção Desde o Planalto**

BRASÍLIA (O GLOBO) — As primeiras palavras do Presidente Castelo Branco dirigidas ao Ministro Luis Viana Filho, ao chegar ao Planalto, horas antes do encontro Brasil x Portugal foram para pedir informações sobre o jogo e sobre a equipe brasileira. O Chefe do Governo queria muitos detalhes. Mais tarde, depois da posse do Prof. Navarro de Brito no cargo de

Declarou textualmente a O GLOBO:

— O que eu tinha de esperanças no início do jogo, tudo foi transformado em tristeza ao seu final. O resultado negativo, todavia, não deve ser tomado apenas como uma derrota, mas, também, como uma grande lição, a de mantermos a serenidade compatível com a grandeza de

Fonte: Consternação em todo o país com a derrota do selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 20 jul. 1966

Apesar de não ser objeto de análise deste trabalho a citação a outros treinadores, é preciso destacar que o técnico português, Otto Glória, que teve passagem pelo futebol brasileiro, foi muito elogiado pelas pessoas entrevistadas. "O Sr. Monteiro Guimarães [...] Acrescentou que a vitória de Portugal não deixa de ser um êxito para o Brasil, uma vez que foi Oto Glória quem soube impulsionar o moderno futebol lusitano" (Consternação [...], 1966, p. 6). Ou seja, pela primeira vez, o treinador estava no centro do debate.

Um repórter de O Globo foi até a casa de Feola, em São Paulo. A esposa de Feola não quis dar nenhuma declaração, mas deixou que acompanhassem a partida na residência. O clima por lá era complicado. "Isso por causa dos insistentes telefonemas ameaçadores de depredação da moradia, partidos de torcedores inconformados com a possibilidade de eliminação do selecionado brasileiro [...] D. Joaquina revelava-se mais preocupada com o resultado final do que com as ameaças que se continuavam repetindo e tiveram início desde as primeiras horas da manhã" (Consternação [...], 1966, p. 6).

Na crônica da derrota, Ricardo Serran também deixou claro que a responsabilidade era da comissão técnica.

Mas lembramos somente que a Comissão Técnica, ao iniciar os seus trabalhos nos idos de março, anunciou que todas as críticas fossem dirigidas

aos seus membros, pois seriam eles os responsáveis pelas derrotas. Assim, torcedores brasileiros, ataquem-nos à vontade para não deixar de atendê-los. Pedimos, apenas, que deixem de fora os jogadores, que são realmente os menores culpados, quase sempre surpreendidos pelas decisões da Comissão Técnica, quando não, deixando-se surpreender pelos adversários (SERRAN, Ricardo. Classificado Portugal e virtualmente eliminado o Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, p. 20, 20 jul. 1966).

A comissão técnica também estava sendo colocada como responsável pelo fracasso pelos próprios jogadores. “Pairava um descontentamento geral entre os craques. Os que jogaram se diziam atirados às feras, como se a Comissão quisesse lançar sobre eles a culpa da desclassificação. Por outro lado, os que ficaram de fora estavam ainda mais aborrecidos, dizendo que com a providência, procurava a Comissão responsabilizá-los pelo fracasso” (Descontentamento [...], 1966, p. 20).

Os torcedores esperaram a delegação sair do estádio para protestar contra o treinador. “A saída do estádio, um grupo de torcedores brasileiros vaiou a Comissão Técnica, com gritos de ‘Fora Feola e Nascimento’” (Descontentamento [...], 1966, p. 20).

Não é objeto da análise deste trabalho os textos dos colunistas e comentaristas do jornal O Globo. No entanto, para fins de contextualizar, Nelson Rodrigues, que escrevia uma coluna esportiva no periódico, também teceu severas críticas à comissão técnica, inclusive chamando os membros de burros.

**Tabela 32** - Menções a Vicente Feola nas edições de O Globo na Copa de 1966

Data	Positiva	Neutra	Negativa
12 jul		6	
13 jul		1	
19 jul		1	2
20 jul		6	28

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1966

**Tabela 33** - Menções a Vicente Feola nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1966

Data	Positiva	Neutra	Negativa
12 jul			

13 jul			
19 jul			
20 jul			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1966

**Tabela 34** - Menções a Vicente Feola nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1966

Data	Positiva	Neutra	Negativa
12 jul		1	
13 jul			
19 jul			
20 jul			1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1966

**Tabela 35** - Vezes que a imagem de Vicente Feola aparece nas edições de O Globo na Copa de 1966

Data	Positiva	Neutra	Negativa
12 jul			
13 jul			
19 jul			
20 jul			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1966

**Tabela 36** - Vezes que a Vicente Feola é citado na legenda das fotos nas edições de O Globo na Copa de 1966

Data	Positiva	Neutra	Negativa
12 jul			
13 jul			
19 jul			
20 jul			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1966

**Tabela 37** - Termos usados para se referir ao treinador Vicente Feola na Copa do Mundo de 1966

Termo	Quantidade de vezes
Feola	19
Comissão Técnica	17
Vicente Feola	4
Comissão	2
Vicente Ítalo Feola	1
Técnico Feola	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em julho de 1966

Pela primeira vez, um treinador foi culpado pelo resultado. Neste caso, pela derrota da Seleção Brasileira, que chegou com a expectativa de se tornar a primeira seleção a ser tricampeã seguida na história do torneio e levar para casa a Taça Jules Rimet de forma definitiva.

Nem o fato de Feola ter sido o técnico do primeiro título mundial amenizou as críticas. Feola saiu como responsável pelo fracasso na Inglaterra.

### 3.9 - ZAGALLO NA COPA DO MUNDO DE 1970

A Copa de 1970 foi disputada no México entre 31 de maio e 21 de junho. O Brasil, novamente, se sagrou campeão, tornando-se o primeiro país a ser tricampeão mundial e, com isso, ficando com a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

A fórmula de disputa foi a mesma das últimas edições. O Brasil caiu no Grupo C, ao lado de Inglaterra, Tchecoslováquia e Romênia. O treinador na competição foi Mário Jorge Lobo Zagallo, bicampeão mundial como jogador. Os jogos do Brasil foram:

- 3 de junho - Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia
- 7 de junho - Brasil 1 x 0 Inglaterra
- 10 de junho - Brasil 3 x 2 Romênia
- 14 de junho - Brasil 4 x 2 Peru
- 17 de junho - Brasil 3 x 1 Uruguai
- 21 de junho - Brasil 4 x 1 Itália

Nesta competição, tivemos a novidade da substituição ao longo da partida no caso de um jogador se machucar.

No dia da estreia da seleção brasileira, O Globo destacava na capa a expectativa do torcedor brasileiro. “O Brasil todo vai parar, colado aos rádios ou em frente às tevês: é a primeira vez que um jogo da seleção canarinho numa Copa terá transmissão direta pela TV” (A estreia [...], 1970, p. 1).

Mário Jorge Lobo Zagallo - que no jornal é grafado Zagalo - era o treinador da seleção brasileira. Bicampeão mundial como jogador, o então jovem treinador estava há poucos meses no comando do time nacional. No subtítulo da manchete, o nome do técnico aparece pela primeira vez. “Everaldo jogará mesmo no lugar de Marco Antônio, o que levou Zagalo a mudar também o banco de reservas: sai Edu e entra Zé Maria, como eventual substituto de Everaldo e Carlos Alberto” (A estreia [...], 1970, p. 1).

Na parte dedicada à editoria de esportes, uma entrevista com Zagallo sobre a partida entre Inglaterra e Romênia, que viriam a ser adversários do Brasil na primeira fase. Nenhuma menção positiva ou negativa, apenas menção neutra, com o nome do treinador sendo colocado como referência às falas.

Ricardo Serran, na reportagem sobre as expectativas para a estreia do Brasil no Mundial, deixou claro que aquele time não era confiável. “Vamos para a luta e, sem precisar requestrar críticas, devemos confessar que não dispomos da formação ideal, mas inegavelmente é a representação que a CBD achou que poderia organizar, através de discutíveis medidas e mais problemáticas indicações” (Serran, 1970, p. 22).

Na mesma reportagem, criticou Zagallo. “Já Zagallo, mais nervoso do que nunca, custou a explicar como mandaria o quadro para o campo. Acreditamos que a experiência tenha sido muito forte para o honesto e bom Mário Jorge Lobo Zagallo, que está realmente muito envelhecido e sob o tremendo peso da responsabilidade” (Serran, 1970, p. 22).

Na capa do dia seguinte da goleada do Brasil sobre a Tchecoslováquia por 4 a 1, a capa do jornal O Globo foi dedicada às fotos dos jogadores que marcaram gols naquele confronto - Rivelino, Pelé e Jairzinho. “Foi uma vitória do futebol-arte, disse Zagallo e o Presidente Médici, representando o sentimento de 90 milhões de brasileiros” (Brasil [...], 1970, p. 1), na única referência ao treinador.

A referência ao presidente Emilio Garrastazu Médici é importante de ser citada. Apesar de, em todas as Copas, até então, o Globo destacar uma proximidade com os políticos no poder, na Copa de 1970, há a polêmica de que Zagallo teria sido uma indicação de Médici para o cargo, já que o treinador anterior, João Saldanha, era comunista e não queria convocar Dadá Maravilha, jogador do Atlético-MG, time de Médici, e um pedido direto do ditador<sup>9</sup>.

Na página cinco, O Globo destacou a festa que se fez em todo o país com a vitória do Brasil. Relatos vindos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Brasília mostravam que o país tinha “parado” para assistir à estreia do Brasil. Entre os que assistiram à partida, e foram entrevistados pelo jornal, estavam o irmão de Rivelino, o pai de Pelé, Ipojucan e Nilton Santos (ex-jogadores da seleção brasileira, o último bicampeão mundial) e Garrastazu Médici e a cúpula do governo federal - que, dias antes, tinham decretado a censura prévia no país.

Em uma das páginas dedicadas exclusivamente para destacar a goleada, o jornal O Globo estampa na manchete. “Zagallo: Vamos corrigir os defeitos” (Zagallo [...], 1970, p. 23). Neste caso, considero a menção como negativa, uma vez que, após uma grande atuação da seleção, o jornal prefere destacar eventuais falhas da equipe no recorte da sonora do treinador para colocar na manchete.

Na entrevista completa, nenhuma menção positiva a Zagallo, apenas a reprodução das aspas do treinador. “Houve erros na defesa, mas por nervosismo, até que viesse o empate de 1 x 1. Mas tudo melhorou rapidamente e garanto que tais senões serão corrigidos” (Zagallo [...], 1970, p. 23).

---

<sup>9</sup> Em LEITE (2014, p. 89) há uma passagem em que Jairzinho, jogador da Seleção de 1970, explica essa interferência de Médici. “Jairzinho lembra que o presidente Médici, ainda com Saldanha como técnico, deu uma entrevista dizendo que faltava o atacante Dario na seleção. E até hoje muita gente garante que ele só foi chamado por Zagallo para satisfazer ao ditador: ‘Todos nós sabíamos disso. O Daria era boa pessoa, artilheiro, mas muito ruim para estar na seleção de 1970. Ele ficava até constrangido. Todos nós sabíamos da situação, só não pioramos o que já era constrangedor’”.

Na crônica da partida, Ricardo Serran elogiou o quadro brasileiro e o treinador. “Foi a vitória da maior habilidade dos jogadores brasileiros e também de Zagalo, que afinal foi o homem que armou o esquema brasileiro para o sucesso” (Serran, 1970, p. 24). A crônica, nesta Copa, já é de forma extensa, sem parecer um tempo real, como nas edições anteriores.

Passados mais de 15 dias entre a estreia e a final, o Brasil se consolidou como uma das grandes equipes da história do futebol mundial. Na edição da véspera da final, a última antes do confronto, já que não tinha jornal no dia 21 de junho, por ser domingo, O Globo destacou a preparação para a final, já que dali sairia a primeira seleção tricampeã do mundo. “Zagalo, o que menos falou ontem, reafirmou o que já tem dito das vezes anteriores, acentuando que o jogo de amanhã será difícil, mas que a equipe não se afastará do ritmo que vem empregando até agora” (Todos[...], 1970, p. 1), escreveu o jornal, na primeira referência ao treinador.

A expectativa e ansiedade eram tão grandes, que o jornal destacou uma reportagem sobre os riscos cardíacos provocados pela tensão da partida.

Uma maneira de remediar o mal é aconselhada pelos cardiologistas: ouvir o jogo pelo rádio, onde a emoção é menor que na TV. Na televisão, a emoção é crescente, o espectador vê cada jogo dentro do todo da disputa. A visão do fato faz o espectador viver o momento. O doutor Nahaliel Rodrigues fala. [...] - Aconselho que se desliguem um pouco no domingo e vejam o jogo pelo video-tape quando o resultado já é conhecido (CARDIOLOGISTAS: jôgo é só para quem tem coração bom. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jun. 1970).

Pelas ruas das principais cidades do país, o clima era carnavalesco. “Independente de qualquer resultado do jogo contra a Itália, a equipe nacional será recebida apoteoticamente terça-feira no Galeão, para onde se deslocarão numerosas escolas de samba, havendo depois o prolongamento das festividades para o centro da cidade” (Comércio [...], 1970, p. 3).

Entre as autoridades, também havia um otimismo com a vitória. “O otimismo de todos os brasileiros com relação a uma vitória de nossa seleção sobre a da Itália pode ser traduzido pelo palpite do Presidente Médici: 4x1 para o Brasil” (Todos [...], 1970, p. 17).

Nas reportagens de pré-jogo, o jornal aventou a possibilidade de Zagallo continuar como técnico, independente do resultado da partida contra a Itália. “A Confederação Brasileira de Desportos tem a moral de conservar Zagalo como treinador permanente da seleção brasileira e aproveitar a ocasião para criar, finalmente, a tão necessária seleção permanente do Brasil”. A manchete da reportagem era: “Zagalo, técnico da seleção permanente do Brasil” (Zagalo [...], 1970, p. 18).

**Imagem 17** - Expectativa da Ditadura Militar Brasileira era pela vitória no México

# Em Brasília só se pensa em vitória

BRASÍLIA (O GLOBO) — Em Brasília as autoridades e parlamentares ouvidos por O GLOBO estão otimistas quanto à vitória do Selecionado Brasileiro amanhã.

As opiniões são as seguintes: **Ministro Jarbas Passarinho, da Educação:**

"Tratando-se de um encontro de dois bicampeões do mundo e da posse definitiva da Taça Jules Rimet, evidentemente que o jogo será difícil. Creio que a Itália não será o adversário mais perigoso, pois a nossa seleção já atingiu a tranqüilidade necessária, foi-se afirmando e certamente saberá vencer. Em um jogo normal meu palpite seria de 3x1, mas levando em conta a emoção, a disputa da Taça e outras circunstâncias, acredito que o Brasil vencerá de 3x2".

**Arquifeito Hélio Prates da Silveira, Prefeito do Distrito Federal:**

"Espero que o Brasil jogue no próximo domingo com a mesma garra, alma, nervos e coração dos jogos anteriores e que desta raminhada triunfal a nossa seleção se consagre na conquista definitiva da Jules Rimet. Sou Brasil 3x1 e quero Pelé nesse placar."

**Ministro Higinio Corsetti, das Comunicações:**

"Como é a última partida e que determina a posse definitiva da Taça Jules Rimet, a Itália certamente dará tudo, o que poderá levar até a um jogo bruto e viril. Entretanto, para o Brasil acontece o mes-

mo, e como eu acho que o Brasil tem um quadro melhor, o meu palpite é de quatro a dois, é claro, para nós."

**Ministro Jólio Barata, do Trabalho:**

"Estou contente porque nos dois últimos jogos acertel os resultados. Creio que pelas características de um jogo difícil, venceremos a Itália por 3x2, conquistando definitivamente a Taça Jules Rimet."

## Magistrados otimistas

É grande o otimismo, entre os ministros dos tribunais superiores com sede em Brasília, sobre o jogo Brasil x Itália. Nenhum deles, ouvidos pela reportagem, manifestou dúvida sobre a vitória final da seleção brasileira.

O Ministro Luís Gallotti, do Supremo Tribunal Federal, e cuja vivência com os problemas do futebol vem de longos anos, pois ele pertenceu à diretoria do Fluminense, acha que o Brasil ganhará por 2x1, o mesmo entendendo o Ministro Décio Miranda, do Tribunal Federal de Recursos, enquanto que sua esposa, D. Maria Alice, espera a nossa vitória por 3x1.

O Ministro Elói da Rocha, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, prevê a conquista do tricampeonato por 3x2.

O Ministro Amarílio Benjamim, presidente do Tribunal

Federal de Recursos e velho entusiasta do futebol, está convencido de que o Brasil será tricampeão por 3x1.

O Sr. Roberto Veloso, diretor de Turismo do Distrito Federal:

"Val ser goleada, pois não há quem agüente a linha atacante do Brasil. Venceremos de 4x1."

**Sr. Vicente de Paula Araújo, presidente da Associação Comercial do Distrito Federal:**

"O jogo será difícil mas no fim manteremos a média dos 3x1."

**Desembargador Colombo de Souza, presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal:**

"No passado, os romanos ascendentes dos italianos, ensinaram muitas coisas: o Direito, a Justiça, a Língua, os Costumes. Mas dois mil anos depois, os brasileiras deverão ensinar aos italianos a jogar futebol. Vamos ganhar de 2x1."

## Parlamentares

Para o Deputado Rondon Pacheco, presidente da ARENA, o Brasil vencerá por 2x1. O Deputado Flávio Marcello, presidente da Comissão de Relações Exteriores, acredita em 2x0. Os Deputados Arnaldo Nogueira e Sinval Boaventura preferem o 2x1 e os Srs. Padre Nobre e Daniel Faraco optam por 3x1. Já os Deputados Thales Ramalho e Lacorte Vitali estão mais eufóricos e preferem o quatro a um.

Fonte: Em Brasília só se pensa na vitória. O Globo, Rio de Janeiro, p. 17, 20 jun. 1970

Com o desenvolvimento do futebol, o jornalismo também se aprimorou. Nas reportagens, se observam detalhes mais táticos e científicos sobre o esporte. "O estilo de jogo dos italianos é semelhante ao nosso. Eles têm na defesa seu ponto alto, marcando geralmente com oito, bloqueando bem as diversas zonas do campo e atentos sempre nas jogadas de cobertura, principalmente por parte de seu líbero Cera. Devemos explorar o jogo pelas pontas" (Duríssimo [...], 1970, p. 20), disse o auxiliar Carlos Alberto Parreira ao repórter Denis Meneses.

No dia seguinte à conquista, o jornal já começa esbanjando o título. A edição é chamada de “edição da vitória”, algo que não tinha ocorrido nas outras duas conquistas da Copa do Mundo. Além disso, a manchete é “carnaval em junho”, destacando a festa popular por causa do título. Naquele dia, O Globo divulgou duas edições, cada uma com mais de 40 páginas, grande parte destacando o tri no México.

Interessante notar que o presidente Médici é muito falado nas reportagens e notas sobre a conquista do título. Inclusive, há a transcrição da conversa dele com Pelé, ao final da partida. É importante contextualizar, como foi falado no começo da análise deste mundial, que o Brasil vivia em uma ditadura e Médici apostou no esporte, mais precisamente no futebol, como forma de conseguir pautar positivamente o governo e os valores brasileiros para o mundo.

Identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso de nossa Seleção de Futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral (MÉDICI: Ninguém segura este país. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 22 jun. 1970).

Zagallo é citado pela primeira vez, na página dois, onde se fala que Pelé foi o maior jogador daquela Copa do Mundo e enaltece o Rei por ser o único jogador a alcançar a façanha de ser tricampeão mundial.

Nas páginas de O Globo, destaque para as comemorações populares. Relatos de festas em Xapuri (Acre) e em cidades dos estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Goiás e Paraná foram citados pelo jornal. Também foi enfatizado que presidiários do Estado da Guanabara conseguiram assistir à final através de um televisor. Inclusive, eles enviam uma carta a Médici pedindo anistia, em virtude da comemoração do título.

Na terceira página, Ricardo Serran elogia Zagallo ao fazer uma retrospectiva da campanha brasileira no mundial. “Justiça seja feita a Mário Lobo Zagallo, que além de ser um homem de inegável sorte, tem competência e não só para dirigir uma equipe de clube, provando que numa seleção pode render o máximo” (Serran, 1970, p. 3).

Ainda na reportagem, Serran volta a trazer na reportagem aspectos táticos do jogo, algo que vinha evoluindo ao longo das últimas Copas. “Jogamos quase sempre em 4-3-3, que é a norma de Zagallo, mas com as variações que as circunstâncias ditavam. Nada de ortodoxia, de rigidez no uso dos sistemas, que geralmente acabam em abuso ao estilo

brasileiro. Ganhamos com relativa tranquilidade e sem precisar de figurinos alheios” Serran, 1970, p. 3).

Se Zagallo era criticado, no começo da Copa, o título fez com que o treinador se tornasse uma unanimidade. “Cabe à CBD firmar Zagalo na posição, pois afinal quis o destino que fosse tricampeão do mundo, nas duas anteriores como jogador e agora como técnico. E estaremos todos livres de querelas futuras, pois o futebol brasileiro tem um selecionador” (Serran, 1970, p. 3). O presidente da República também elogiou Zagallo. “Sempre tive confiança na vitória. Zagalo é um técnico experimentado” (Serran, 1970, p. 3).

Na edição da vitória, também teve uma reportagem com a mãe de Zagallo, que acompanhou a partida da pensão em que vivia, aos 70 anos, na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. Na manchete, foi escrito: “Meu filho venceu 90 milhões de técnicos” (Mãe [...], 1970, p. 6), evidenciando que Zagallo não era unanimidade antes e no decorrer da Copa do Mundo.

**Imagem 18** - Mãe de Zagallo mostra como que o trabalho do técnico era julgado pelos torcedores

**MÃE DE ZAGALO:**

— Meu filho venceu noventa milhões de técnicos.

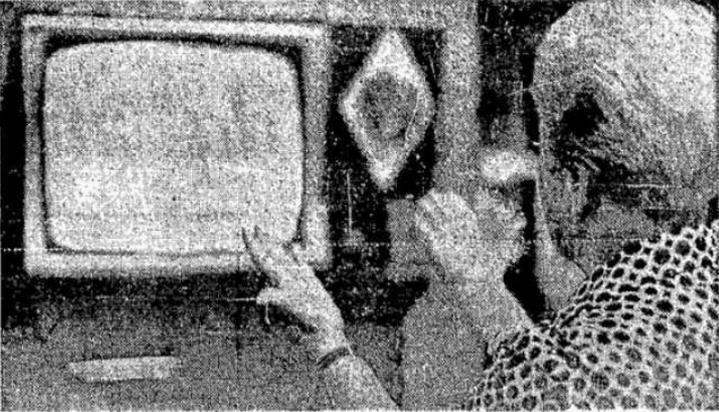
— Olha aí pessoal, vamos dar um viva a Dona Antonieta, a mãe do maior técnico do mundo.

— Aqui, Dona Antonieta, champanha para a senhora. Beba, sim? Um pouquinho só não faz mal.

— Viva Dona Antonieta!

— Vem cá, corre, Dona Antonieta. Veja seu filho na televisão. Olhe lá, olhe lá, estão carregando “êle”. Que lindo!

— É êle, é êle mesmo... meu filho. Você venceu, você venceu...



D. ANTONIETA TORCEU, CHOROU, VIBROU, RIU NO FIM

**“MEU FILHO VENCEU 90 MILHÕES DE TÉCNICOS”**

Fonte: Mãe de Zagallo: "Meu filho venceu 90 milhões de técnicos". O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 22 jun. 1970

Repetindo o que ocorreu nas edições anteriores, em que o Brasil foi campeão, pelas ruas do país cantavam-se marchinhas de carnaval enaltecendo a conquista. Mas, em 1970, o destaque eram os jogadores. Nada de Zagallo na letra.

Quero ver, quero ver  
Nosso time vencer

Olê, lê  
 Olá, lá  
 O melhor vai ganhar  
 No entro do gramado vem a bola pra Tostão  
 Entrega a Rivelino  
 Está formada a confusão  
 A bola foi passada para Pelé  
 Olha o Negão  
 Olha lá, olha lá, olhá lá  
 Estão botando pra quebrar  
 1, 2, 3 lá vai ele outra vez  
 1, 2, 3 todo mundo é freguês  
 Goal, goal, goal  
 O Chacrinha chegou  
 Pula, grita, balança a pança  
 Vibra, canta, entra na dança (Música do povo explodiu na rua após vitória.  
 O Globo, Rio de Janeiro, p. 7, 22 jun. 1970).

Na página oito, O Globo dedicou uma reportagem especial a Zagallo. O título começa nada convidativo. “Zagalo: Sorte e paciência do homem que soube vencer” (Zagalo [...], 1970, p. 8). Na foto, Zagallo chorando, ao final da conquista do bicampeonato, em 1962, quando foi jogador titular da equipe.

Ao começar a reportagem, dá a entender que viria uma crítica ao treinador. Mas, com a sequência do texto, se vê que, no fundo, se trata de um elogio ao treinador brasileiro.

Sem o brilhantismo tático do italiano Valcareggi, a arrogante auto-suficiência do inglês Alf Ramsey, a precisão científica do alemão Helmut Schoen ou o equívoco calculismo do uruguaio Hohberg, mas possuindo, paradoxalmente, todas essas virtudes e defeitos, o técnico Zagalo parecia ser, indubitavelmente, o homem talhado para dirigir a equipe brasileira na maratona de tensão e resistência do México-70 (ZAGALO: Sorte e paciência do homem que soube vencer. O Globo, Rio de Janeiro, p. 8, 22 jun. 1970).

A reportagem traça a carreira do Velho Lobo desde que começou a atuar como jogador, passando pelas conquistas de 1958 e 1962, terminando na transição para o cargo de treinador. O texto vem e vai. Começa, parecendo que será crítico, mas, no final, muda e ganha uma conotação positiva. Por isso, consideramos que as menções ao técnico são positivas.

Ninguém considera Zagalo um técnico excepcional. Desde os primeiros treinos táticos da Seleção, buscou armar um esquema sem segredos, a meio termo entre o sistema que ajudou o Brasil a vencer suas duas taças e uma estrutura defensiva mais fechada. A isso, alguns especialistas deram o nome de "movimento pendular do meio-campo". Se essa fórmula nada mirabolante, de espantosa simplicidade até, causou a vitória do Brasil na IX Taça do Mundo, não se sabe. Sabe-se, porém, que sua capacidade de liderança é incontestável, se tendo manifestado durante toda a campanha

(ZAGALO: Sorte e paciência do homem que soube vencer. O Globo, Rio de Janeiro, p. 8, 22 jun. 1970).

**Imagem 19** - Zagallo sendo destaque em uma reportagem: foi o treinador que mais teve a atuação analisada pelo O Globo no comparativo deste trabalho

O GLOBO ☆ 22-6-70 ☆ Página 8

# ZAGALO:

## Sorte e paciência do homem que soube vencer

Sem o brilhantismo tático do italiano Valcareggi, a arrogante auto-suficiência do inglês Alf Ramsey, a precisão científica do alemão Helmut Schön ou o equívoco calculismo do uruguaio Hohberg, mas possuindo, paradoxalmente, todas essas virtudes e defeitos, o técnico Zagallo parecia ser, indubitavelmente, o homem talhado para dirigir a equipe brasileira na maratona de tensão e resistência do México-70. Essa receita de estilo não foi, entretanto, mero produto da simplicidade e da sorte, fatores considerados como qualidades fundamentais deste alagoano de 39 anos, cuja maior ambição profissional era ser treinador da Seleção. Foi consequência, sobretudo, da experiência que obteve ao longo de uma carreira impecavelmente desconcertante, como preparador de quadros cariocas e jogador em duas taças.

Mário Jorge Lôbo Zagallo, ponta-esquerda bicampeão do mundo, treinador que conquistou cinco títulos expressivos em apenas três anos como treinador de quadras profissionais, e inegavelmente um homem de sorte. Sua folclórica "boa estrela" deve ter desempenhado papel decisivo quando, a 17 de março, a CBD o escolheu numa lista tríplice para substituir a João Saldanha na direção técnica da Seleção, que outra explicação poderia existir para a sua inesperada escalada em 1968 e 1969? Misteriosa e definitivamente, o titular da ponta-esquerda, Pepe, machucou-se, obrigando Feola e Almoré a escariarem-no. Em ambas as ocasiões, conseguiu ser um craque quase perfeito. Ninguém considera Zagallo um técnico excepcional. Desde os primeiros treinos-táti-

cos da Seleção, buscou armar um esquema sem segredos, a meio termo entre o sistema que ajudou o Brasil a vencer suas duas taças e uma estrutura defensiva mais fechada. A isso, alguns especialistas deram o nome de "movimento pendular do meio-campo". Se essa fórmula nada mirabolante, de espantosa simplicidade até, causou a vitória do Brasil na IX Taça do Mundo, não se sabe. Sabe-se, porém, que sua capacidade de liderança é incontestável, se tendo manifestado durante toda a campanha, desde a concentração em Guanajuato até a Cidade do México, passando por Guadalajara.

"Nós estamos preparados para dar à nossa torcida a alegria de sermos campeões pela terceira vez". Quem conhecia Zagallo e o viu fazer essa declaração, de certo não ficou surpreso. Tudo tem dado certo para este desconfinado e sorrante ex-defensor do Flamengo, que começou jogando bola nos juvenis do América carioca. Em 1950, Feilias Solich descobriu em sua figura magrinha e tímida o sangue novo para a ponta-esquerda, pósto que era ocupado pelo veterano Esquerdinha. Driblando mal, lutando na frente e atrás, carregando a bola de sua intermediária até o campo adversário e recuando rápido, Zagallo não tardou em impor seu estilo de jogo. Daí para a fama, era um passo. Ou melhor, algumas jogadas.

### Passos decisivos

Essas foram realizadas decisivamente na Suécia, formando na Seleção. Chamado para reserva de Pepe, Zagallo tomou-lhe o lugar e trabalhou para mantê-lo. Sua atua-

ção foi preciosa, e haveria de se repetir no Chile, quatro anos mais tarde, quando encerrou expressivamente seu trabalho de jogador de seleção. No futuro, somente a direção, que chegou naturalmente para este alagoano paciente e nervoso, dedicado e frio, segundo pensam os que o conhecem. Depois da Taça de 58, Zagallo se transferiu para o Botafogo, sendo bicampeão carioca em 61-62. Continuou a jogar por três anos, após o Mundial do Chile, passando em 1955 a técnico dos juvenis botafoguenses.

"O Brasil só voltará a ser campeão do mundo quando Zagallo for o técnico", dizia quase profeticamente Milton Santos (zagaleiro-campeão em 58 e 62), antes da Taça de 66. Zagallo começou a concretizar a previsão de seu ex-compañheiro de mundiais ao transformar o descreditado Botafogo em bicampeão carioca de 67-68. Nesse ano, enfrentou outras paradas difíceis, vencendo-as todas: as Taças Guanabara, a Taça Brasil e a partida em que a Seleção Carioca representou o Brasil contra a Argentina, no Maracanã. Ante esse recorde impressionante de bons resultados, a Comissão Técnica da CBD não hesitou em elegê-lo para o comando da Seleção.



ZAGALO CHORA APÓS A VITÓRIA DE 1962 NO CHILE, ABRAÇADO PELO MÉDIO ALT'AIR

Fonte: ZAGALO: Sorte e paciência do homem que soube vencer. O Globo, Rio de Janeiro, p. 8, 22 jun. 1970

O jornal também relembrou todo o processo de escolha dos treinadores da Seleção Brasileira, começando com Aymoré Moreira, após o fracasso, em 1966. No entanto, o técnico do bicampeonato mundial não conseguiu resistir à pressão dos jogadores paulistas e de uma excursão ruim à Europa, em 1968.

Logo depois, assumiu João Saldanha, que conseguiu ajeitar o time e classificá-lo para a Copa do Mundo, sem sustos, através das Eliminatórias. No entanto, o jeito explosivo do jornalista, aliado com pressões políticas - já que era comunista - levaram a sua demissão, faltando 17 dias para o embarque ao México.

Zagallo assume dentro de uma lista tríplice, que tinha Dino Sani e Oto Glória. Zagallo vinha de boas conquistas com o Botafogo, do Rio de Janeiro, incluindo a inédita Taça Brasil,

que, posteriormente, foi igualado ao Campeonato Brasileiro. Novamente, o jornal começa parecendo que vai criticar Zagallo, mas termina, elogiando-o.

Nestes dois casos que citei, fica muito difícil conseguir fazer uma definição exata entre menções positivas e negativas, justamente pela mudança que se tem de tom ao longo da reportagem. Analisando pelo contexto, contudo, entendo se tratar de menções positivas ao treinador.

As imediatas providências de Zagallo de recriar com a seleção-70 os esquemas de 58 e 62 foram, inicialmente, infrutíferas. Sem poder formar a seleção que desejaria, curvando-se ao fato de que deveria trabalhar com o material humano à disposição, Zagallo improvisou algumas modificações e partiu para o México. [...] Suas soluções teóricas (muito discutidas) e adaptações práticas (nem sempre aceitas sem discussão) resultaram na Seleção que cumpriu sua trajetória ontem na Cidade do México. O que pouca gente poderia supor é que a seleção de Zagallo, que saiu do Brasil depositária da confiança de tão poucos, iria cumprir a campanha brilhante que lhe valeu a consagração da imprensa esportiva mundial (ZAGALO: Sorte e paciência do homem que soube vencer. O Globo, Rio de Janeiro, p. 8, 22 jun. 1970).

Na página 35, há uma entrevista com Zagallo, a respeito do mundial. Interessante notar que sempre o jornal tenta colocar o treinador como uma pessoa muito sentimental. Em alguns casos, pode soar como fraqueza. Em outros, como aspecto positivo. “Afim, Zagallo, estreitando-nos num abraço, chorando copiosamente e não podendo pronunciar sequer uma segunda palavra, repetia, apenas: ‘Obrigado, obrigado, obrigado’” (Zagallo [...], 1970, p. 35).

**Tabela 38** - Menções a Zagallo nas edições de O Globo na Copa de 1970

Data	Positiva	Neutra	Negativa
03 jun	1	2	5
04 jun	2	3	1
20 jun	6	12	
22 jun	15	31	2

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1970

**Tabela 39** - Menções a Zagallo nas manchetes das edições de O Globo na Copa de 1970

Data	Positiva	Neutra	Negativa
------	----------	--------	----------

03 jun		1	
04 jun			1
20 jun		1	
22 jun	1	2	

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1970

**Tabela 40** - Menções a Zagallo nos subtítulos das edições de O Globo na Copa de 1970

Data	Positiva	Neutra	Negativa
03 jun		2	
04 jun	1		
20 jun	1	1	
22 jun			

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1970

**Tabela 41** - Vezes que a imagem de Zagallo aparece nas edições de O Globo na Copa de 1970

Data	Positiva	Neutra	Negativa
03 jun			
04 jun			
20 jun			
22 jun	1		

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1970

**Tabela 42** - Vezes que Zagallo é citado na legenda das imagens das edições de O Globo na Copa de 1970

Data	Positiva	Neutra	Negativa
03 jun			
04 jun			

20 jun			
22 jun	1		

**Tabela 43** - Termos usados para se referir ao treinador Mário Jorge Lobo Zagallo, em 1970

Termo	Quantidade de vezes
Zagalo	61
Mario Jorge Lobo Zagalo	6
Mário Lobo Zagalo	3
Técnico da Seleção Brasileira	2
Maior técnico do mundo	1
Técnico Zagalo	1
Selecionador do Brasil	1
Alagoano	1
Seleção de Zagalo	1

Fonte: Edições do Jornal O Globo em junho de 1970

Zagallo marca uma outra virada de chave neste trabalho. Primeiro, por ser o mais mencionado. Segundo, porque antes do título precisa lidar com críticas. Se anteriormente as críticas vinham após o fracasso, com o “Velho” Lobo, foi diferente: havia uma desconfiança na forma na qual poderia comandar a Seleção naquele mundial.

Ele reverte a desconfiança com a conquista. Além disso - e vamos dissecar nos próximos capítulos - foi a primeira Copa com mudanças ao longo da partida, trazendo para o treinador mais uma responsabilidade: a de mudar o time que está em campo.

#### 4 SEGUNDO TEMPO: METODOLOGIA PARA VENCER O JOGO

Para a parte empírica deste trabalho, usaremos a análise de conteúdo, dentro do que prescrevem Bardin (2011) e outros estudiosos do tema. A análise de conteúdo, ao longo do seu desenvolvimento, sempre teve como um dos princípios a análise do que era divulgado na imprensa, principalmente a escrita. “Segue-se a evolução de um órgão de imprensa, mede-se o grau de sensacionalismo dos seus artigos, comparam-se os periódicos rurais e os diários citadinos. Desencadeia-se um fascínio pela contagem e pela medida” (Bardin, 2011, p.21).

O desenvolvimento da análise de conteúdo se dá no pós-Segunda Guerra Mundial, em que os Estados Unidos usaram a análise de mensagens para saber quais veículos estavam divulgando informações sobre os inimigos do país. Essa comparação era feita através da “referenciação dos temas favoráveis ao inimigo e porcentagem destes em relação ao conjunto de temas” (Bardin, 2011, p.22). Também havia comparação entre o conteúdo de periódicos considerados suspeitos de divulgarem mensagens pró-nazismo e pró-comunismo soviético.

Portanto, a “análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Berelson, 1954, p.52). Mas, como diz Sola Pool (1959), há um porém. “O fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula, dados o seu contexto e as suas circunstâncias” (Sola Pool, 1959, p. 34).

Por isso, que ao longo das análises da Copa do Mundo, também é explicitado o contexto em que vivia o Brasil e com quais assuntos a participação brasileira no mundial dividia destaque nos jornais. É esse contexto que nos permitirá medir o grau de importância e, conseqüentemente, o papel desempenhado pelo treinador ao longo da conquista ou do fracasso. E, também, como passará para a história, dando subsídios para imaginar como o imaginário popular se formou ao redor daquela figura.

E o jornal *O Globo* tem papel fundamental na forma como esse imaginário popular é formado. Como orienta Bardin (2011), precisamos compreender a quantidade de pessoas implicadas na comunicação. Ora, um jornal é formado por um grupo de pessoas que usam o veículo para se comunicar com outras pessoas. No caso, alguns jornalistas se comunicam com milhões de brasileiros espalhados ao redor do país, através do alcance nacional do periódico.

Isso fica muito explícito quando citamos que *O Globo* reproduzia a festa das torcidas em cantos longínquos do Rio de Janeiro - sede do veículo. Não só o periódico se esforçava para mostrar a mobilização nacional pela disputa da Copa do Mundo, como para ter

repórteres e correspondentes nestes locais, para apurar e contar essa história para leitores de todo o país.

E, para poder realizar a análise, dentro das diversas técnicas presentes dentro da análise de conteúdo, escolhi duas: a análise categorial e das relações. “É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (Bardin, 2011, p.43).

Já a análise das relações “procura extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, ou mais exatamente, dedica-se a assinalar as presenças simultâneas (ocorrência ou relação de associação) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto (Bardin, 2011, p. 259-260).

Por isso, ao longo da análise, focamos em alguns parâmetros-chave:

- Analisar uma edição de *O Globo* na véspera, ou no dia da estreia da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo;
- Análise da edição seguinte à estreia da Seleção Brasileira no Mundial;
- Análise da edição na véspera ou no dia da última partida da Seleção Brasileira no torneio;
- Análise da edição seguinte à última partida da Seleção Brasileira no torneio.

Esse padrão foi seguido rigorosamente, com exceção da Copa do Mundo de 1934, em que o Brasil foi eliminado no primeiro jogo e, portanto, só foi possível analisar duas edições. Mas, essa padronização, como preconiza Bardin (2011), é fundamental para que possamos ter uma análise de conteúdo que responda a nossa pergunta principal: o treinador de futebol é o principal personagem do jogo, segundo a imprensa? Para responder essa questão, algumas hipóteses são levantadas: o crescimento das menções acompanha uma linha do tempo? Os técnicos vitoriosos são mais mencionados, ou são os derrotados? Os técnicos são mencionados de acordo com sua história no futebol? Enfim... muitas perguntas para ajudar a guiar a análise.

Assim, seguindo os ensinamentos de Bardin (2011), escolhemos o nome do treinador da Seleção Brasileira e seus sinônimos como palavras-chave para fazer nossa categorização. “Por meio de uma entrada que serve de pista, as classes permitem dividir a informação” (Bardin, 2011, p. 52). A informação passa a ser dividida entre positiva, negativa ou neutra, de acordo com o contexto na qual é inserida, principalmente de acordo com os verbos e adjetivos usados para se referir ao treinador.

Por se tratar de um trabalho de Mestrado e ser a primeira vez em que me aprofundo na análise de conteúdo, foi feita a opção de não destrinchar demais o sentido léxico das citações, e, sim, uma análise do ponto de vista mais quantitativo, que já dá uma dimensão do que o trabalho se propõe a responder. “Essa indexação é regulada segundo uma escolha (de termos ou de ideias) adaptada ao sistema e ao objetivo da documentação em causa” (Bardin, 2011, p. 52).

Para gerar mais profundidade, também colocamos em categorias o espaço do jornal em que as menções ao treinador aparecem. São nas manchetes, nas imagens, nos subtítulos, nas legendas das fotos? “Quais as consequências que determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isso refere-se aos possíveis efeitos das mensagens” (Bardin, 2011, p.45).

Essa definição nos ajuda a entender a importância do treinador para o jornalista que escreve a reportagem, para o editor do periódico e a forma como poderá haver o impacto diante da população. Um exemplo, conforme citado no capítulo anterior, é a ida de uma equipe de reportagem na casa de repouso da mãe de Zagallo - o de melhor avaliação no jornal - para acompanhar a vitória que garantiu o tricampeonato mundial. Ou ainda a reportagem na casa da esposa de Vicente Feola, treinador da Copa do Mundo de 1966, que foi o mais criticado na imprensa, ao longo deste trabalho.

A referência ao contexto é muito importante para a análise avaliativa e para a análise de contingência. Os resultados são suscetíveis de variar sensivelmente segundo as dimensões de uma unidade de contexto [...] quanto maior é a unidade de contexto mais as atitudes ou valores se afirmam numa análise avaliativa, ou mais números são as ocorrências numa análise de contingência (Bardin, 2011, p. 137).

Portanto, tudo o que foi citado acima pode ser resumido dentro das características que Bardin (2011) coloca como essenciais na análise de conteúdo.

- Preparação do material: Seleção das reportagens que estão disponíveis no acervo digital de *O Globo*.
- Recorte: Edições do jornal *O Globo* antes e depois da estreia da Seleção Brasileira, e antes e após a última partida do time brasileiro;
- Enumeração: Contar as vezes em que o treinador é citado nas reportagens, excluindo os conteúdos opinativos (com exceção dos editoriais);
- Classificação e agregação: Divisão entre as menções positivas, neutras e negativas, além de mostrar todos os termos que foram usados para se referir ao treinador brasileiro na Copa.

A análise de conteúdo nos permite uma maior flexibilidade na definição das categorias e na forma como iremos analisar o trabalho dos treinadores da Seleção Brasileira, ao longo de nove edições de Copas do Mundo.

Para iniciar a análise, é preciso primeiro lembrar alguns detalhes, que já comentamos no capítulo anterior: ao longo de 40 anos, período de análise da Copa do Mundo de 1930 à Copa de 1970, muita coisa mudou no jornalismo esportivo. Uma das principais transformações foi o uso de imagens nas páginas do jornal *O Globo*. Com isso, se ganha mais uma forma de analisar a exposição de um personagem, ou de um fato.

Além disso, a diagramação do jornal mudou, a forma de se fazer crônica esportiva também. Tudo isso traz um impacto na forma como o treinador é avaliado, principalmente com o desenvolvimento do esporte e pelo maior conhecimento dos jornalistas em relação ao futebol. Isso é muito claro, quando comparamos a forma como a Seleção Brasileira era analisada nas reportagens em 1930 e 1970. Primeiramente, o trecho da matéria de 1930:

Elle vae disputar, com toda a energia que nos tem celebrado em mais um torneio do Velho Continente e em muitas da Sul-America, com o garbo e limpeza de jogo de que sempre nos ufanamos, para melhor recomendação aos sentimentos comuns da lealdade e da nobreza desportivos, o Campeonato Mundial de Football, que se realiza nos campos de Montevideo (O selecionado brasileiro se lança hoje, nos campos de Montevideo, á conquista da primeira etapa para a grande victoria do Campeonato Mundial de Football. *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 1, 14 jul. 1930).

Agora, o trecho da matéria de 1970:

Ninguém considera Zagalo um técnico excepcional. Desde os primeiros treinos táticos da Seleção, buscou armar um esquema sem segredos, a meio termo entre o sistema que ajudou o Brasil a vencer suas duas taças e uma estrutura defensiva mais fechada. A isso, alguns especialistas deram o nome de "movimento pendular do meio-campo". Se essa fórmula nada mirabolante, de espantosa simplicidade até, causou a vitória do Brasil na IX Taça do Mundo, não se sabe. Sabe-se, porém, que sua capacidade de liderança é incontestável, se tendo manifestado durante toda a campanha (ZAGALO: Sorte e paciência do homem que soube vencer. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 jun. 1970).

Para iniciarmos a análise, traremos o ranking dos treinadores que mais foram citados ao longo das Copas do Mundo.

**Tabela 44** - Quantidade de menções aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo

Ano	Técnico	Menções
-----	---------	---------

1970	Mário Jorge Lobo Zagallo ▾	80
1938	Adhemar Pimenta ▾	76
1950	Flávio Costa ▾	47
1958	Vicente Feola ▾	46
1966	Vicente Feola ▾	44
1954	Zeze Moreira ▾	32
1962	Aymoré Moreira ▾	10
1934	Luis Vinhaes ▾	5
1930	Píndaro de Carvalho ▾	3

Nesta primeira análise, é possível perceber que as menções de um treinador de futebol não é crescente ao longo do tempo. E outra possibilidade também é descartada: os treinadores vitoriosos não são os mais citados pelas reportagens do jornal *O Globo*.

Mário Jorge Lobo Zagallo, o técnico da Copa de 1970, lidera o ranking global de citações. Mas, logo na sequência, vem Adhemar Pimenta, que não conseguiu comandar o Brasil para a vitória em 1938. Logo depois vem Flavio Costa, comandante de um dos maiores traumas do futebol brasileiro: o vice-campeonato para o Uruguai, na Copa de 1950.

Essa primeira análise começa ajudar a responder a nossa pergunta principal, já supracitada. E também nos auxilia a descartar algumas das hipóteses: as menções aos treinadores não seguem uma crescente ao longo do tempo. Assim como os treinadores vitoriosos, ou derrotados, não lideram esse ranking.

Mesmo que no top-3, tenhamos dois técnicos que não levantaram a Taça Jules Rimet, os contextos das derrotas são diferentes. Em 1938, o Brasil termina bem avaliado pela imprensa, como destacamos no sub-capítulo específico desta Copa. A responsabilidade pela eliminação, segundo *O Globo*, é do árbitro que apitou Brasil x Itália, na semifinal, e teria prejudicado o time nacional.

Já em 1950, o cenário é outro: decepção total pela derrota para o Uruguai na última partida do Mundial, que deu o título ao país vizinho. Esse é um dos maiores traumas da

história do futebol brasileiro. E, mesmo assim, Flavio Costa não é o mais citado. Nem mesmo vence no número de menções a Adhemar Pimenta, técnico de 1938.

Para isso, definiremos as menções aos treinador como positivas, negativas e neutras, conforme já detalhamos no capítulo anterior, ao retratar cada Copa em específico.

- Menção positiva: quando é exaltada alguma qualidade positiva do treinador, quando é responsabilizado pela vitória e quando se defende a continuidade dele no cargo de técnico da Seleção Brasileira;
- Menção negativa: Quando o treinador recebe alguma crítica, algum adjetivo pejorativo e quando é responsabilizado pela derrota;
- Menção neutra: Quando o treinador é citado como fonte de entrevista, ou quando algum aspecto do cotidiano, sem adjetivos que causem juízo de valor ao trabalho do técnico.

Mas, mesmo diante deste cenário, ainda podemos refinar nossa análise, para entender quais treinadores têm mais menções positivas nas páginas de *O Globo*.

**Tabela 45** - Quantidade de menções positivas aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo

Ano	Técnico	Menções Positivas	Porcentagem das Menções Totais
1970	Mário Jorge Lobo Zagallo	24	30%
1958	Vicente Feola	14	30,4%
1950	Flávio Costa	13	27,6%
1962	Aymoré Moreira	4	40%
1938	Adhemar Pimenta	4	5%
1954	Zezé Moreira	4	12,5%
1930	Píndaro de Carvalho	0	0%
1934	Luis Vinhaes	0	0%

1966	Vicente Feola ▾	0 ▾	0% ▾
------	-----------------	-----	------

Quando analisamos a quantidade de menções positivas, já percebemos uma ligeira mudança. Dos três que foram mais bem avaliados, dois foram em edições nas quais o Brasil se sagrou campeão. O quarto colocado, se colocado como critério de desempate o percentual de menções positivas em relação ao total de menções, também é um campeão mundial. Ou seja, os títulos impactam decisivamente na avaliação do treinador perante a imprensa.

Para poder aprofundar essa linha que a análise categorial está nos levando, é necessário também fazer um comparativo sobre as menções negativas ao longo das edições da Copa do Mundo.

**Tabela 46** - Quantidade de menções negativas aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo

Ano	Técnico	Menções Negativas	Porcentagem das Menções Totais
1966	Vicente Feola ▾	30 ▾	68% ▾
1970	Mário Jorge Lobo Zagallo ▾	8 ▾	10% ▾
1954	Zezé Moreira ▾	6 ▾	18,75% ▾
1950	Flávio Costa ▾	4 ▾	8,5% ▾
1958	Vicente Feola ▾	2 ▾	4,3% ▾
1930	Píndaro de Carvalho ▾	0 ▾	0% ▾
1934	Luis Vinhaes ▾	0 ▾	0% ▾
1938	Adhemar Pimenta ▾	0 ▾	0% ▾
1962	Aymoré Moreira ▾	0 ▾	0% ▾

Ao analisar as menções negativas, percebemos um certo padrão antagônico ao de menções positivas: entre os quatro mais criticados pelos jornalistas de *O Globo*, três não

conseguiram vencer a Copa do Mundo, com destaque para Vicente Feola, em 1966, que fracassou, oito anos após levar o Brasil ao primeiro título mundial.

Então, para trazer um panorama geral do que foi analisado até agora, a tabela a seguir traz um apanhado geral com o total de menções de cada treinador, a quantidade de menções positivas, negativas e neutras, além do percentual de cada um. Essa tabela é importante, pois a partir daí, vamos analisar os destaques dos treinadores nas manchetes, sub-títulos e imagens.

**Tabela 47** - Percentual de menções aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo

<b>Ano</b>	<b>Treinador</b>	<b>Menções Positivas</b>	<b>Menções Neutras</b>	<b>Menções Negativas</b>
1930	Píndaro de Carvalho ▾	0 (0%) ▾	3 (100%)	0 (0%) ▾
1934	Luis Vinhaes ▾	0 (0%) ▾	5 (100%)	0 (0%) ▾
1938	Adhemar Pimenta ▾	6 (5%) ▾	72 (95%)	0 (0%) ▾
1950	Flávio Costa ▾	13 (27,6%) ▾	30 (63,9%)	4 (8,5%) ▾
1954	Zeze Moreira ▾	4 (12,5%) ▾	22 (68,75%)	6 (18,7... ▾
1958	Vicente Feola ▾	14 (30,4%) ▾	30 (65,3%)	2 (4,3%) ▾
1962	Aymoré Moreira ▾	4 (40%) ▾	6 (60%)	0 (0%) ▾
1966	Vicente Feola ▾	0 (0%) ▾	14 (32%)	30 (68%) ▾
1970	Mário Jorge Lobo Zagallo ▾	24 (30%) ▾	48 (60%)	8 (10%) ▾

Com exceção de Vicente Feola, em 1966, em todas as Copas do Mundo, as menções neutras são as mais comuns. Esse diagnóstico será importante para a análise final deste trabalho.

Na sequência, apresentamos a quantidade de vezes que os treinadores são citados em manchetes, subtítulos, imagens e legendas de imagens. Isso é importante, pois são espaços de maior destaque e que, em um primeiro momento, chamam maior atenção do leitor.

**Tabela 48** - Quantidade de menções em destaque aos treinadores brasileiros nas Copas do Mundo

Ano	Treinador	Menções em Manchetes	Menções em Subtítulos	Imagens	Legendas de Imagens
1930	Píndar... ▾	0 ▾	0 ▾	0 ▾	0 ▾
1934	Luis V... ▾	0 ▾	0 ▾	0 ▾	0 ▾
1938	Adhe... ▾	0 ▾	1 ▾	0 ▾	0 ▾
1950	Flávio... ▾	2 ▾	2 ▾	3 ▾	3 ▾
1954	Zezé ... ▾	2 ▾	4 ▾	5 ▾	8 ▾
1958	Vicent... ▾	0 ▾	9 ▾	4 ▾	2 ▾
1962	Aymor... ▾	0 ▾	3 ▾	1 ▾	1 ▾
1966	Vicent... ▾	0 ▾	2 ▾	0 ▾	0 ▾
1970	Mário ... ▾	6 ▾	5 ▾	1 ▾	1 ▾

Para termos um panorama melhor, é preciso ver qual a relevância destas menções em relação ao total das menções. Nesta tabela, excluiríamos os dados de 1930 e 1934, já que nenhuma menção em manchete, subtítulo, imagem e legenda de imagem foi registrada.

**Tabela 49** - Percentual de menções em destaque, em relação ao todo, dos treinadores brasileiros em Copas

Ano	Treinador	Percentual de Menções em Relação ao Total
1954	Zezé Moreira ▾	59,3%
1962	Aymoré Moreira ▾	50%
1958	Vicente Feola ▾	32,6%
1950	Flávio Costa ▾	21,2%

1970	Mário Jorge Lobo Zagallo ▾	16,25%
1966	Vicente Feola ▾	4,5%
1938	Adhemar Pimenta ▾	1,3%

Para finalizar, partimos para a análise do tipo de menção em relação à quantidade total de menções nas manchetes, subtítulos, imagens e legendas de imagens. Novamente, os dados de 1930 e 1934 não serão considerados, por serem zerados.

**Tabela 50** - Percentual de menções dos treinadores brasileiros em Copas

Ano	Treinador	Menções Positivas	Menções Neutras	Menções Negativas
1938	Adhemar ... ▾	0 (0%) ▾	1 (100%)	0 (0%) ▾
1950	Flávio Co... ▾	2 (20%) ▾	6 (60%)	2 (20%) ▾
1954	Zeze Mor... ▾	0 (0%) ▾	14 (73,6%)	5 (26,4%) ▾
1958	Vicente F... ▾	5 (33%) ▾	10 (67%)	0 (0%) ▾
1962	Aymoré ... ▾	2 (40%) ▾	3 (60%)	0 (0%) ▾
1966	Vicente F... ▾	0 (0%) ▾	1 (50%)	1 (50%) ▾
1970	Mário Jor... ▾	5 (38,4%) ▾	7 (53,8%)	1 (7,8%) ▾

Mais uma vez, percebemos que os treinadores que venceram a Copa somam mais menções positivas nas manchetes, subtítulos, imagens e legendas de imagens.

Para finalizar, uma tabela contabilizando quais foram os termos mais usados para se referir aos treinadores em todas as edições de Copa do Mundo analisadas.

**Tabela 51** - Tabela com os termos mais usados para se referir aos treinadores brasileiros em Copas

Menção	Quantidade
--------	------------

Zagalo ▾	61 ▾
Pimenta ▾	47 ▾
Flavio ▾	30 ▾
Feola ▾	20 ▾
Comissão Técnica ▾	17 ▾
Flavio Costa ▾	14 ▾
Zeze Moreira ▾	11 ▾
Adhemar Pimenta ▾	9 ▾
Vicente Feola ▾	9 ▾
Technico Adhemar Pimenta ▾	8 ▾
Mario Jorge Lobo Zagalo ▾	6 ▾
Vinhaes ▾	5 ▾
Aimoré Moreira ▾	5 ▾
Técnico Zeze Moreira ▾	4 ▾
Zeze ▾	4 ▾
Vicente Feola ▾	4 ▾
Selecionador Zeze Moreira ▾	3 ▾
Aimoré ▾	3 ▾
Technico Pimenta ▾	3 ▾
Comissão ▾	2 ▾

Treinador Adhemar Pimenta ▾	2 ▾
Técnico Vicente Feola ▾	2 ▾
Treinador Brasileiro ▾	2 ▾
Técnico da Seleção Brasileira ▾	2 ▾
Selecionador ▾	2 ▾
Técnico Nacional ▾	2 ▾
Técnico ▾	2 ▾
Técnico Feola ▾	1 ▾
Vicente Ítalo Feola ▾	1 ▾
Maior técnico do mundo ▾	1 ▾
Técnico Zagalo ▾	1 ▾
Selecionador do Brasil ▾	1 ▾
Alagoano ▾	1 ▾
Seleção de Zagalo ▾	1 ▾
Pupilos de Pimenta ▾	1 ▾
Plano de Pimenta ▾	1 ▾
Technico brasileiro ▾	1 ▾
Technico brasileiro Adhemar Pimenta ▾	1 ▾
Coach Pimenta ▾	1 ▾
Técnico Brasileiro ▾	1 ▾

Sistema Zezé ▾	1 ▾
Coach ▾	1 ▾
O Grande ▾	1 ▾
O Papa ▾	1 ▾
Selecionador Vicente Feola ▾	1 ▾
Selecionador Nacional ▾	1 ▾
Gordo Feola ▾	1 ▾
Comandados de Feola ▾	1 ▾
Comandante ▾	1 ▾

Finalizada a parte de categorizar os dados coletados ao longo da análise das Copas do Mundo de 1930 a 1970, é chegado o momento de testar as hipóteses que tínhamos no começo deste trabalho. A pergunta principal que esse trabalho quer responder é: o treinador de futebol é a figura mais importante do jogo? Por isso, buscamos um aspecto histórico para tentar responder a essa questão.

E a resposta é não. O treinador, pelo menos dentro do período analisado, não se tornou a figura mais importante do jogo, a mais destacada pela imprensa. O treinador é coadjuvante do processo, pelo menos nestes 40 anos analisados.

Não conseguimos traçar uma linha do tempo evolutiva da quantidade de menções ao treinador. No gráfico abaixo, fica claro que a linha apresenta picos de subida e descida. Por quê? Bom, no nosso entendimento, há contextos que precisamos analisar. Em 1938, havia um número muito grande de edições sendo publicadas no mesmo dia das análises, o que leva a uma quantidade maior de material analisado. Conseqüentemente, a chance de termos menções ao treinador é maior, conforme explicitado.

Em 1950, havia a comoção nacional da disputa da Copa em casa, também potencializada pelo retorno do torneio após uma Guerra Mundial, que deixou parte do mundo mutilada. E em 1962, com o Brasil vindo de uma conquista inédita, o treinador era um mero coadjuvante dentro de um elenco estrelado.

O que temos de evolução é o entendimento do jornalismo esportivo sobre o jogo, que passou a ser maior. As reportagens deixaram de analisar sob um aspecto moral e subjetivo para o uso de termos mais técnicos e táticos, mais dentro do que se esperava da análise crítica do jogo.

Isso, conseqüentemente, ao nosso ver, leva a um aumento, mesmo que em alguns casos gradual, das menções dos treinadores.

**Gráfico 1** - Menções aos treinadores da Seleção Brasileira

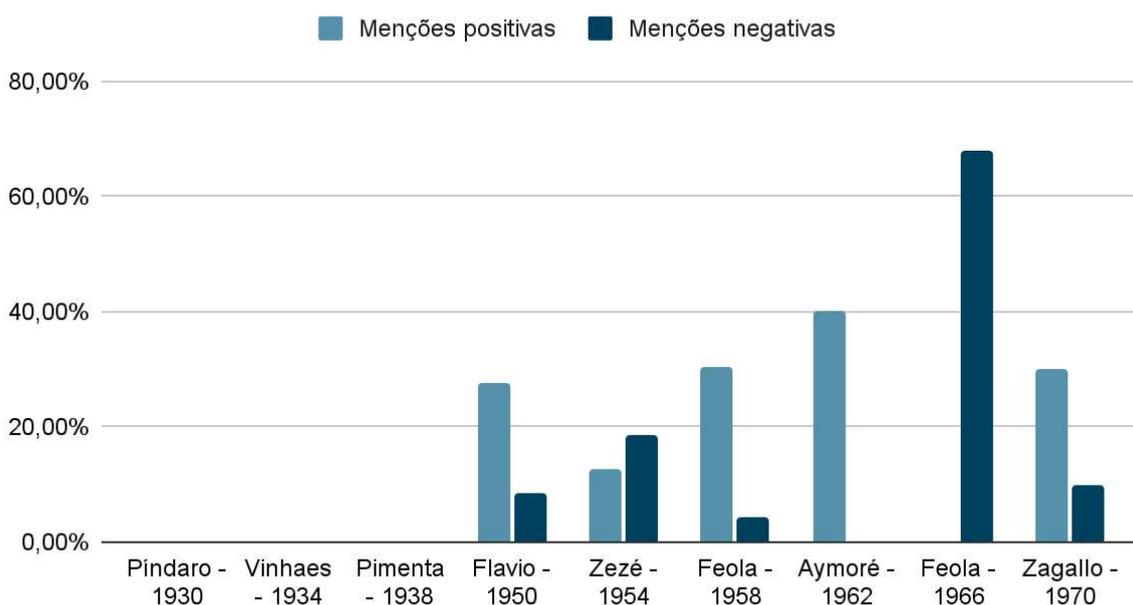
### Menções aos treinadores da Seleção Brasileira



Se a quantidade de menções segue uma trajetória de evolução, com pequenos picos de excepcionalidade, quando analisamos a proporção de menções positivas e negativas nas competições, percebemos que o treinador é muito mais elogiado nas vitórias e muito mais criticado nas derrotas. Pode parecer óbvio, em um primeiro momento, mas os números deixam isso mais claro.

**Gráfico 2** - Menções positivas x menções negativas

### Menções positivas x negativas



A grande exceção se dá na Copa do Mundo de 1950 em que, conforme explicamos, houve uma culpabilização da imprensa em cima dos jogadores e não do treinador, o que reforça o papel de coadjuvante do técnico dentro do jogo.

E é claro que o contexto da Copa do Mundo leva também a uma maior divulgação das informações do torneio. Em 1950, tivemos a competição realizada no Brasil. Em 1954, o país vivia uma crise política que culminaria, meses depois, no suicídio do presidente Getúlio Vargas. Em 1962, o Brasil vivia outra crise política, causada pela insatisfação de setores da sociedade e da imprensa com o governo João Goulart. Em 1970, o Brasil vivia o auge do chamado Milagre Econômico e tinha a conquista do tricampeonato mundial como uma ambição do governo militar, conforme mostramos na análise.

Se colocarmos esse contexto, que entra muito mais como forma subjetiva, de complementação à nossa análise quantitativa e categorial, percebemos que, com exceção de 1962, os treinadores dos outros mundiais são os mais citados.

Há de se destacar também que nas Copas de 1938 e 1954, o jornal *O Globo* responsabilizou a arbitragem como a culpada pela derrota brasileira, isentando jogadores e técnicos. Ou seja, sempre haverá um culpado pela derrota: jogadores, como em 1950; treinador, como em 1966; arbitragem, como em 1938 e 1954, e a desorganização do futebol brasileiro, como em 1930 e 1934. No caso das vitórias, os louros são dos jogadores, com um pequeno destaque ao trabalho dos técnicos.

## 5 PÓS-JOGO: CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA VENCER O JOGO

Como se diz no jargão do futebol, o “jogo é jogado e o lambari é pescado”. Seja lá qual for a origem deste termo, ele mostra como devemos jogar o jogo da maneira correta. E foi isso que fizemos ao longo deste trabalho e, posso dizer, meus três anos no PPGCom da UFJF.

Analisar a figura do treinador de futebol, que traz tantas místicas, não é fácil. Mexemos com personagens, com egos, e vaidades. Mas, também mexemos com a comunicação e seus interesses que, muitas vezes, conflitam com a ética da nossa profissão.

Como em todo jogo, e todo treinador, traçamos uma estratégia para vencer nosso jogo, ou seja, essa dissertação, e conseguir o almejado título de Mestre em Comunicação. O título só vem caso a gente responda a uma pergunta: o treinador de futebol é a principal figura do jogo? Respondê-la, usamos táticas e estratégias. A primeira foi analisar as Copas do Mundo e quantificar as menções positivas, negativas e neutras. Depois, foi colocar esses números em tabelas e gráficos que nos mostram o panorama do jogo e ajudam a definir para onde está indo nossa partida.

Pois bem, chegado ao fim do jogo, a resposta é: o treinador de futebol não é a figura mais importante do jogo durante os 40 anos, e nove Copas do Mundo de análise. O técnico é uma figura coadjuvante da partida. Os artistas do espetáculo são, e seguem sendo ao longo das Copas, os jogadores.

No entanto, engana-se quem acha que o treinador não tem importância. É uma espécie de 12º jogador. Sua participação aumenta ao longo das competições, como deixamos claro nos números. Mas, longe de figurar como o personagem principal.

E esse crescimento dos treinadores de futebol está diretamente relacionado com a importância na qual a Copa do Mundo passa a ter dentro da sociedade brasileira. A competição é destaque de capa em todas as edições. O futebol divide espaço com a política interna, com as críticas aos governos, com guerras internacionais. E é claro que esse contexto acaba influenciando a forma como o futebol e a Copa do Mundo são retratados nas páginas de *O Globo*.

Um exemplo claro é a Copa de 1954, no auge da crise com o governo de Getúlio Vargas, um editorial é escrito falando sobre a importância da Copa do Mundo para o país. Talvez seja o exemplo mais claro de como o futebol se enraizou e se tornou parte da nossa cultura, da nossa identidade e da nossa brasilidade.

Ora, diante de tantos assuntos, de tanta crise, de tanta insatisfação, por que o jornal *O Globo*, um dos mais lidos do país escolheu justamente o futebol para desenvolver seu editorial? Por que colocou no futebol a responsabilidade de trazer alegria e orgulho para um país envolto em crises e decepções políticas? - na visão do jornal, claro. Porque o futebol é importante. E essa importância se mostra ao longo do tempo.

Diversas edições extras foram feitas ao longo das Copas do Mundo analisadas. O jornal destacava os gastos e a equipe que enviava de forma especial para cobrir, *in loco*, a competição. Era importante. E os personagens que lá estavam eram importantes por consequência.

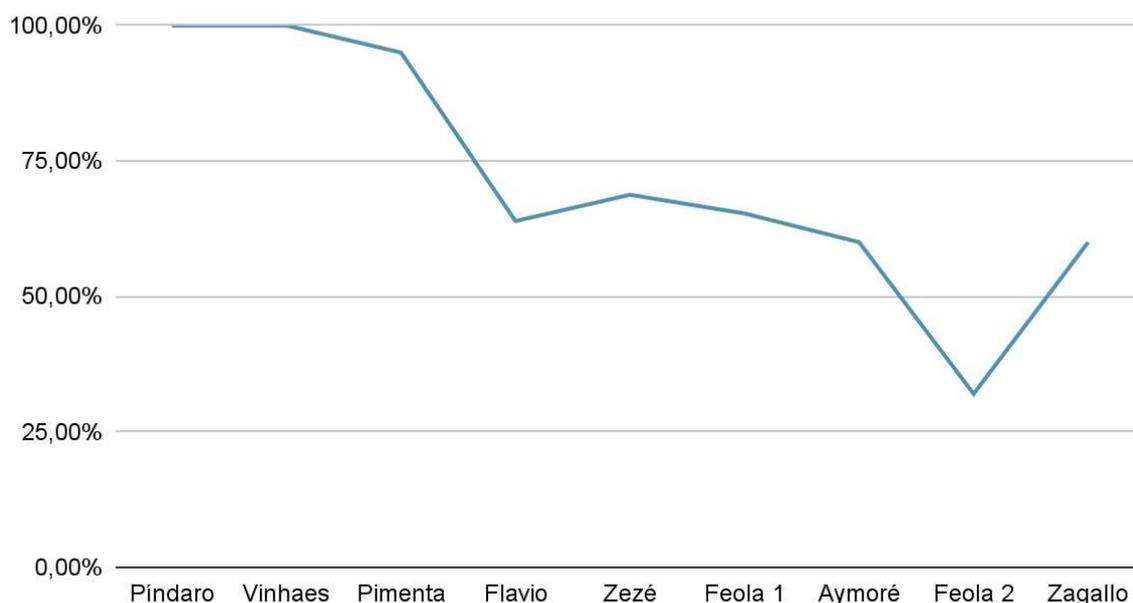
Mas, como explicamos ao longo do trabalho, a própria percepção do futebol vai mudando nas páginas. Se no começo, nas primeiras edições, os jogadores eram analisados por aspectos morais e subjetivos, em 1970 já temos reportagens com o preparador físico da Seleção Brasileira falando sobre a metodologia de treino. Houve aí uma substituição: saiu o subjetivo, entrou a ciência.

E essa evolução do futebol ajuda a explicar também a forma como o treinador é mencionado. Há sim uma importância nas decisões do técnico. Ele passa a ser a pessoa que gere o grupo e tem como obrigação colocar os melhores em campo. E quando os melhores não funcionam, a culpa é de quem? Do treinador, como ocorreu com Vicente Feola, em 1966. Era inadmissível um time, bicampeão mundial, e com o melhor jogador do planeta, não conseguir passar da primeira fase, mesmo com os times adversários jogando na deslealdade física.

Essa evolução na representação do treinador de futebol é muito perceptível ao olharmos os números, conforme visto na tabela 44. Píndaro de Carvalho é citado apenas 3 vezes nas edições analisadas de 1930, enquanto Zagallo aparece 80 vezes, em 1970. São os treinadores menos e mais mencionados, respectivamente, ao longo deste trabalho.

E a forma como essas menções acontecem também apresentam uma escala. O treinador de futebol, nas primeiras Copas, aparece como fonte de informação. A função, nos jornais, era informar sobre o time titular, os treinamentos e sobre a competição em si. Quando o técnico era citado neste contexto, categorizamos como menções neutras.

## Menções neutras em relação às menções totais



O gráfico acima deixa bem claro que as menções neutras decaem com o passar das Copas. E a única exceção confirma esse nosso pensamento: em 1966, Feola e sua comissão técnica são detonados pela imprensa. Suas menções negativas mostram a insatisfação e como a figura era representada como a responsável pelo fracasso daquele time.

Com exceção de 66, em todas as outras Copas as menções neutras somam mais de 60%. Ou seja, o treinador é mais citado como fonte de informação ao invés de ter seu trabalho elogiado ou criticado pelas páginas de jornal.

Ou seja, quando juntamos os dados, a informação fica clara: aumentam as menções totais, diminuem as menções neutras, o que reforça que o treinador aparece mais no geral ao mesmo tempo que se torna menos uma fonte de informação. Se não é fonte de informação é porque passa a ser elogiado ou criticado, conforme as categorias de menções positivas e negativas, respectivamente.

Essa aparição dos treinadores também tem relação com a importância que as Copas passam a ter dentro da sociedade brasileira. As menções em manchetes, subtítulos, imagens e legendas de imagens também representam uma evolução ao longo do período analisado, conforme a tabela 48. A única exceção é em 1954, em que Zezé Moreira é muito destacado nas manchetes, o que mostra a relação simbiótica entre a importância da Copa e o contexto social. Neste caso, não apenas a efervescência política, mas também o contexto da eliminação brasileira contra a Hungria, que ficou conhecido como Batalha de Berna.

Também é perceptível que não há um significado definido do que é ser treinador de futebol. A ideia desta figura de líder é modificável ao longo das Copas do Mundo. Tanto é que os termos “treinador”, “técnico”, “comandante”, e afins, aparecem poucas vezes nas páginas dos jornais. Os técnicos são mencionados pelos nomes, sejam eles completos ou parciais.

Por fim, esse trabalho não tem como objetivo apenas entregar uma resposta. Também cabe deixar uma reflexão. A Copa de 1970 é a primeira na qual substituições são permitidas ao longo das partidas. Essa é uma mudança significativa na regra do jogo. Temos a hipótese, e deixamos isso como sugestão para trabalhos futuros, que a partir deste mundial os treinadores terão mais destaques, uma vez que as mudanças dentro da partida podem definir os rumos do próprio confronto.

Ou seja, o treinador passará a ser mais responsabilizado pelas escolhas de mexer e não mexer? Essa dúvida é importante para compreender que a figura do técnico evolui de acordo com o esporte, seja através da ciência, seja através das regras, que muitas vezes são mudadas por causa da ciência.

Muitas outras partidas serão jogadas até que possamos compreender exatamente a figura do treinador de futebol e como esse personagem mexe tanto com o nosso imaginário. E, principalmente, como que os técnicos ficam para a história, para a maneira como compreendemos cada um e suas contribuições para as conquistas e fracassos.

No que tange ao nosso jogo, ele foi jogado, esmiuçado, e concluído. Com a sensação de dever cumprido e de que a história de cada treinador, assim como de cada jornalista e de cada Copa do Mundo, foi devidamente representada e, acima de tudo, respeitada.

## REFERÊNCIAS

- ABRINDO caminho para a Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2-3, 26 jun. 1950.
- A DERROTA não é só minha - declara Flavio - é de todo o Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição Final, p. 12.
- A POSTOS, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! O Globo, Rio de Janeiro, 15 jul. 1950, p. 1.
- A POSTOS para a última batalha. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 16 jul. 1950.
- ACREDITAM que o Brasil pode ganhar. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 26 jun. 1954.
- AFONSO, De Argeu. Vitlácil, o técnico da Tcheco-Eslováquia, e Aimoré Moreira, do Brasil, foram os maiores apologistas da disciplina neste torneio que chega ao fim. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jun. 1962. p. 1.
- BRINATI, F. "Bravos aos Brasileiros!": A Seleção de futebol como emblema da nação nos jornais durante o Sul-Americano de 1919, Intercom, Belém, p. 1-14, 2019.
- BORGES, M; SANTOS, A; SOBRINHO, C. Quando um treinador substitui o nome do clube: uma análise do "Time de Ceni" como exemplo da lógica clickbait na cobertura esportiva do Brasil, FuLiA/UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.1, p. 119-139, 2020.
- BRUGGEMANN, A. L.; MIRANDA, L. V. T.; PIRES, G. L. Reconstrução da identidade da Seleção Brasileira "Pós-Dunga": Atos da Narrativa Midiática. In: Pensar a Prática. Goiânia, v. 19, 2016. p. 15-30.
- BRUM, M. Entre contos e crônicas: A história do Tupi "Fantasma do Mineirão" e Sport "Campeão do Centenário" de JF. 1. Ed. Juiz de Fora: Lisbon Internacional Press, 2019.

CABO, A; COUTO, A. A Copa já Chegou!! O Sul-Americano de Futebol de 1949 e as Crônicas do Jornal dos Sports, Intercom, Belém, p. 1-15, 2019.

CABO, A; COUTO, A. Crise e Apogeu: as representações do Jornal dos Sports sobre a Seleção Brasileira na Copa América de 1989, Intercom, p. 1-15, 2020.

CAMPÉÃO o Uruguai. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. Edição matutina, p. 1, 6.

CARDIOLOGISTAS: Jogo é só para quem tem coração bom. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jun. 1970.

CARNAVAL brasileiro nas ruas de Paris! O Globo. Rio de Janeiro, 18 jun. 1962. Edição Final, p. 6.

CARNAVAL na cidade com a conquista do bicampeonato. O Globo. Rio de Janeiro, 18 jun. 1962. Edição Final, p. 6.

CONFIA o Brasil no selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 29 jun. 1958.

COMÉRCIO nas ruas após vitória do Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 21 jun. 1970.

CONSTERNAÇÃO em todo o país com a derrota do selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 20 jul. 1966.

CONSTERNAÇÃO em todo o país com a derrota do selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 20 jul. 1966.

CONSTERNAÇÃO em todo o país com a derrota do selecionado. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 20 jul. 1966.

DEPOIS da estreia, a torcida acreditará no scratch. O Globo, Rio de Janeiro, p. 14, 24 jun. 1950.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. Apresentação. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p.8-12.

DEL PRIORE, Mary. “Jogos de Cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p. 13-33.

DESASTROSA para o scratch a ausência de Domingos! O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 14h, p. 1.

DORMIRAM nas filas, mas têm ingressos. O Globo, Rio de Janeiro, 15 jul. 1950, p. 3.

DURÍSSIMO contra os italianos. O Globo, Rio de Janeiro, p. 20, 21 jun. 1970.

ELEITOS pelo povo os novos campeões mundiais. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jun. 1958. Edição esportiva, p. 6.

ELIMINAR o Brasil!. O Globo, Rio de Janeiro, 18 jun. 1938. Edição Extra, p. 1.

- ESCALADO o scratch brasileiro: Caberá mesmo ao team azul enfrentar os polonezes. O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 1938. Edição das 11h, p. 1.
- FALAM os generais das primeiras batalhas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jun. 1950.
- FAREMOS melhor no próximo domingo. O Globo, Rio de Janeiro, 6 jun. 1938. Edição das 14h, p. 1.
- FAVORITOS ao título. O Globo, Rio de Janeiro, 6 jun. 1938. Edição das 11h, p. 1.
- FECHAMENTO do comércio durante os jogos. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jun. 1950.
- FÓRMULA de vitória no futebol. O Globo, Rio de Janeiro, p. 10, 30 jun. 1958.
- FREITAS, G. S.; RIGO, L. C.; SILVA, M. R. S. A nova "Era Dunga": o treinador como um dispositivo. In: Motriz. Rio Claro, 2012. p. 09-21.
- HELAL, R; MOSTARO, F. Preparação x Improviso: Reflexões sobre a Representação do Técnico e do Jogador Brasileiro na Imprensa Nacional, Periódicos UFPB, Paraíba, p. 1-17, 2017.
- INDEPENDÊNCIA ou morte. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 16 jun. 1954.
- JORNAL O Globo, Rio de Janeiro, 30 mai – 22 jun 1970.
- JORNAL O Globo, Rio de Janeiro, 10 jun – 12 jul 2010.
- LUTA final pelo título de campeões do mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 15 jul. 1950, p. 12.
- LIBERTADO nosso futebol da rigidez dos esquemas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 30 jun. 1958.
- MELO, Victor Andrade de. Das touradas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p.35-70.
- MÉDICI: Ninguém segura este país. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 22 jun. 1970.
- Mãe de Zagallo: "Meu filho venceu 90 milhões de técnicos". O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 22 jun. 1970.
- NA VÉSPERA de iniciar-se o Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1972, p. 1, 12 jul. 1930.
- O CAMPEONATO do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3178, p. 3, 26 maio 1934.
- O CAMPEONATO Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1801, p. 3, 21 jul. 1930.
- O CAMPEONATO Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 2, 14 jul. 1930.
- O embaixador [...]. Não é de maneira alguma uma peleja ganha de véspera. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jun. 1962. p. 3.
- O maior feito do futebol brasileiro. Dia de festa nacional. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 30 jun. 1958.

- O POVO fala sobre a Seleção Brasileira. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jun. 1950.
- O SELECIONADO brasileiro se lança hoje, nos campos de Montevideo, à conquista da primeira etapa para a grande vitória do Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, p. 1, 14 jul. 1930.
- O 2º DIA do Campeonato Mundial de Football. O Globo, Rio de Janeiro, n. 1974, 14 jul. 1930. Suplemento noturno, p. 1.
- OS BRASILEIROS estrearão, amanhã, em Genova, enfrentando a seleção espanhola. O Globo, Rio de Janeiro, n. 3178, p. 1, 26 maio 1934.
- OS JOGADORES brasileiros enfrentam hoje os mexicanos, confiantes em vencer a Copa do Mundo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jun. 1950.
- OS NOVOS campeões do mundo. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jun. 1958. Edição esportiva, p. 5.
- PASSES longos e velocidade: as estratégias do Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, 1938, p. 9.
- RIBEIRO, A. Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil, São Paulo, 1. ed, Editora Terceiro Nome. 2007.
- ROMAN, G; ZANATA, R. Sarriá 82: O que faltou ao futebol arte. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo. v.12. n.48. p.323-326. Maio/Jun./Jul./Ago. 2020.
- SANTOS, N.; CAPRARO, A. M.; LISE, R. S. Racismo e a derrota que não foi esquecida: Uma Análise dos discursos de Mário Filho na obra “O Negro No Futebol Brasileiro” e da Imprensa escrita acerca da final da Copa Do Mundo de 1950. Movimento, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 1913-1934, 2022.
- SEGUNDO a história. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jun. 1958.
- SILVA, C. G. O Futebol e a construção da identidade nacional no Brasil: uma leitura da Copa de 1958. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.
- SOUSA, D. Da feijoada a Chapecoense: Representações socioculturais da Seleção Brasileira de Futebol. Ciência e Cultura, v. 67, n. 2, p. 152-158, 2015.
- SUPLEMENTO esportivo da seleção brasileira, O Globo, Rio de Janeiro, p. 4, 21 jun. 1970.
- TÓFOLI, F. M. Na Terra do Futebol: Representações da Seleção Brasileira de Futebol nas décadas de 1990 a 2010. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

